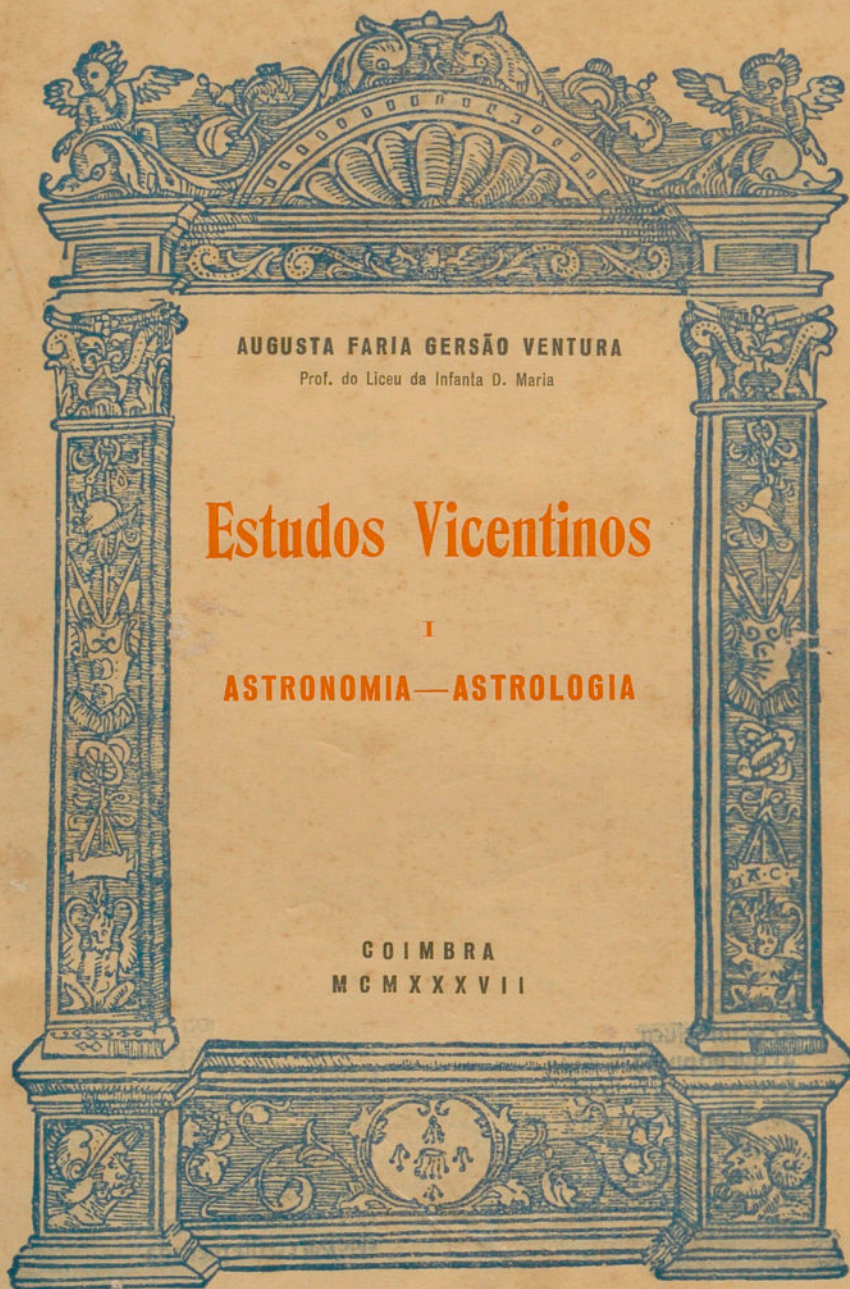


Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

PUBLICAÇÕES VICENTINAS

III



AUGUSTA FARIA GERSÃO VENTURA

Prof. do Liceu da Infanta D. Maria

# Estudos Vicentinos

I

ASTRONOMIA—ASTROLOGIA

COIMBRA  
MCMXXXVII

EDIÇÕES DE «BIBLOS»





Sala A  
Est. 9  
Tab. 2  
N.º 5



A Isabel Motta,  
Colifa e amifa

Heri Ventura

Estudos Vicentinos

I

Astronomia — Astrologia

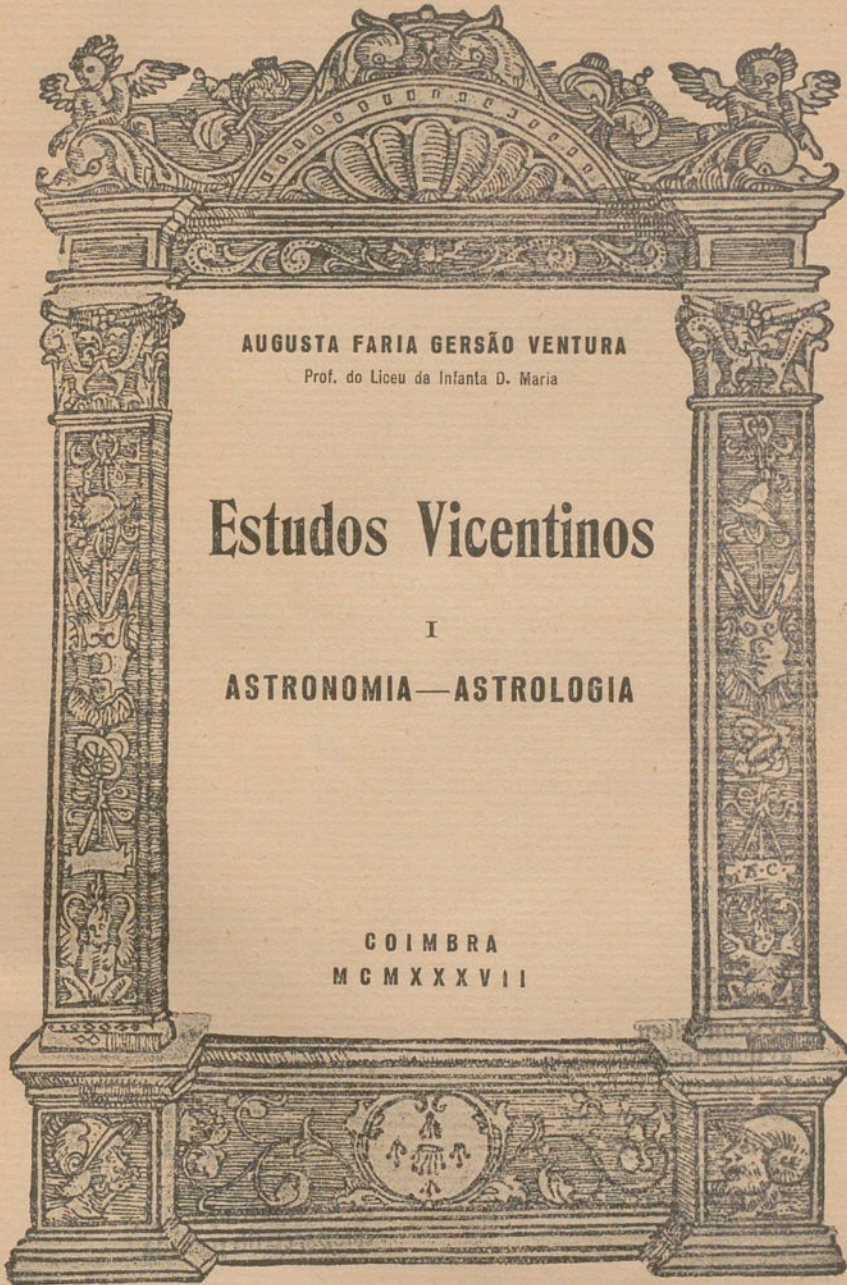








1338



AUGUSTA FARIA GERSÃO VENTURA

Prof. do Liceu da Infanta D. Maria

# Estudos Vicentinos

I

ASTRONOMIA—ASTROLOGIA

COIMBRA  
MCMXXXVII



AC  
HNCI  
82  
VEN



---

Separata de BIBLOS — Vol. XII

---

11  
11  
11  
11





# ESTUDOS VICENTINOS

## I

### ASTRONOMIA-ASTROLOGIA

---

À Memória saudosa de D. Carolina  
Michaëlis de Vasconcellos.

† 16-11-1925

NA tarde de 18 de Janeiro de 1912 batia-nos à porta a única aluna da Faculdade de Letras: chegaria no dia imediato a Coimbra, e ia ser sua Mestra, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e desejava juntar na estação, para a receber, a academia universitária feminina.

Bem reduzida era ela, por sinal: cinco raparigas, espalhadas pelas várias faculdades!

Foi grata a homenagem ao coração da Mestra. Um cartão, datado de 20, deixava à «*Estudante de Matemática*» uma despedida com um carinhoso «*até à vista*».

Os cursos eram livres e eu resolvera ir às suas aulas. Vieram depois as tardes de primavera, que D. Carolina quis aproveitar para conhecer a cidade e os arredores.



A seu pedido, a acompanhei gostosamente nesses passeios, que contribuíam para ir tornando sucessivamente maior, a amizade que espontaneamente ligara Mestra e aluna.

As férias grandes que se seguiram, foram tristes. D. Carolina passava-as num sanatório da Alemanha onde a levava a esperança de cura dum mal sem remédio. A 18 de Setembro, o prof. Joaquim de Vasconcellos dava-nos esta notícia:

«Duvido que minha mulher possa estar em Portugal antes de meados de Novembro; e na regência da cadeira — ? — eu sei, quando?»

E a 20, acrescentava:

«Se vai melhor? Deus o sabe; que não eu, a quem pretendem (os parentes de Berlim) ocultar a verdade...

...a doença... é grave e complicada. Há *quatro* anos que os primeiros médicos do Pôrto fazem os mais sérios avisos — de balde!

Ela dispõe *soberanamente* de um bem, a saúde, de que ela tem de dar contas a tantos...»

Desta «soberana» disposição resultava que, nove dias depois, o prof. Dr. Joaquim de Vasconcellos me escrevia:

...«dou-lhe a seguinte notícia de minha mulher, que deixará V. E. não menos perplexa do que eu mesmo estou: Ela anda, a estas horas no mar, no Atlântico, no meio da tormenta usual em Setembro. O golfo de Biscaia — o célebre canal da Mancha — é um inferno neste tempo. Eu bem o sei por experiência própria...

Vem para acudir a minha nora que está prestes a ter o terceiro filho. Queira Deus que, ganhando a parturiente e o netinho, não venha eu a perde-la... A imprudência — estando ela no princípio de uma melhoria incerta — não pode ser maior...»



Tal era o estado de saúde de quem publicava nesse ano a primeira das *Notas Vicentinas*. Do seu amor às obras do Poeta, resultaria chamar-se Gil o netinho que ia nascer.

A 17 de Outubro escrevia-me satisfeita:

«Felizmente vou ganhando forças. O «claro sol, amigo dos herois» faz-me muito bem. Conto poder reaparecer em Coimbra em Novembro.»

Mas a 29, num cartão em que anunciava a sua chegada a 4 de Novembro, deixava transparecer alguma coisa bem triste destas palavras:

«Embora aos dias bons, em que se sente com forças e boa esperança, sucedam ainda a miude outros maus, ela [Carolina Michaëlis de Vasconcellos] espera reger as duas cadeiras que lhe foram confiadas.»

A sua saúde estava perdida.

Em 1916 a árvore do Natal, com que fazia a alegria dos seus netos, foi armada num quarto do Hospital da Universidade de Coimbra. Lá passou ainda os primeiros meses de 1917 mas... a trabalhar! Nesse mesmo ano se publicou a segunda das *Notas Vicentinas*, logo seguida da terceira, em 1918. Em 1922 o mal progredia mas aparecia a quarta, volumosa e rica de tôda a ordem de materiais.

Anunciava nela a quinta e última com que deveria terminar os *preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente*.

Já no-la não pôde dar.



\*

Deram os jornais de 16-10-936, quando este nosso trabalho se encontrava quasi concluído, a notícia duma sessão da classe de Letras da Academia das Ciências. Ocupando-se da comemoração académica do quarto centenário da morte de Gil Vicente, a realizar em 1937, não se esqueceu o seu ilustre Presidente de propor que, em sessão especial, fôsse pela Academia prestada homenagem à memória dos vicentistas portuguezes entre os quais foi mencionada a Grande Mestra.

Àquela que por grandes e pequenos repartiu igualmente os tesouros do coração, foi sempre grata, mesmo junto da dos maiores, a homenagem dos humildes. Por isso, ao lado da homenagem da Academia não ficará mal a nossa, dedicando à sua memória os modestos *Estudos Vicentinos*.



## I — Astronomia e Astrologia

Quem ler a opinião de Kepler divulgada entre nós por Gomes Teixeira:

«A Astronomia tem uma filha muito louca, chamada Astrologia, mas a mãe não engeita a filha, porque esta é rica e sustenta a mãe, que é pobre <sup>1</sup>»

poderá julgar que a Astrologia foi criada pela Astronomia com fins especulativos, o que não é exacto. Astronomia e Astrologia nasceram juntas e juntas se desenvolveram até à revolução científica operada pela passagem do *Sistema* de Ptolomeu, que considerava como centro do universo a Terra — morada do homem —, para o de Copérnico, em que ela passou a ser um simples planeta.

A exposição dêste último *Sistema*, publicada pelo autor em 1543, levantara objecções de várias ordens. Umas, eram científicas: nunca se tinham observado fases, por exemplo, de Vénus que, se girava à volta do Sol, sendo planeta interior em relação à Terra, as deveria ter; repugnava aceitar para a Terra a existência dum movimento de rotação que se não manifestava por qualquer impressão directa; o sistema tornava-se de grande complexidade para explicar o movimento da Lua.

Foram precisas as observações de Galileu, em princípios do séc. XVII, para pôr de parte tais objecções. Em 1610, a primeira luneta dirigida para o Céu deixa-lhe ver as fases de Vénus; verificar que o Sol gira sobre si mesmo, não havendo, portanto, razão para supor que o mesmo não succede à Terra; descobrir os quatro satélites de Mercúrio, o que leva a considerar a Lua como satélite da Terra <sup>2</sup>.

*Júpiter*

<sup>1</sup> *Hist. das matem. em Port.*, pág. 24.

<sup>2</sup> Tisserand et Andoyer, *Cosmographie*, pág. 244.



Mas uma objecção doutra ordem ficara de pé. Segundo a Bíblia <sup>1</sup>, Josué mandara parar o Sol o que implicava, diziam, a existência do seu movimento à volta da Terra; e, perante o novo sistema, em que era a Terra que à volta do Sol se movia — sistema que Galileu fazia triunfar —, ergueu-se a Inquisição.

Perante ela, se retratou Galileu <sup>2</sup>. As suas obras, como as de Copérnico, foram inseridas no *Index* dos livros proibidos.

Do que acabamos de dizer se vê que todo o século xvi viu ainda em pleno vigor as teorias de Ptolomeu e a atestá-lo está o poema de Camões. Mas, a par da obra astronómica do sábio da Alexandria, mantém-se igualmente a sua obra astrológica, aparecendo ao lado das edições do *Almagesto* as dos *Livros dos Juizos*.

A Biblioteca da Universidade de Coimbra possui da primeira destas obras um exemplar da edição de 1550; da segunda, um da edição de 1578. E, se a primeira é de Regiomontano, é de Cardano a segunda, havendo nesta uma parte anexa da sua autoria: 12 exemplos de leituras de horóscopos de pessoas notáveis, começando em Eduardo vi da Inglaterra e acabando em Erasmo.

De resto, nas obras deste século, como nas dos anteriores, não é fácil, por vezes, separar a parte astronómica da parte astrológica. As observações astronómicas levavam ao prognóstico dos tempos (*Astrologia natural*) e ao dos destinos (*Astrologia judiciária*); mas, em geral, é a necessidade de estabelecer êstes prognósticos que determina a necessidade de fazer as observações. A *Astronomia* é considerada como «a parte activa da *Astrologia*, a parte que, por meio de aparelhos vários de que o astrónomo é artífice, serve a elevada ciência tóda intelectual que é a *Astrologia*» <sup>3</sup>.

Todavia o termo *Astronomia* aparece, em geral, como sinónimo de *Astrologia*. O livro de Bonato (séc. xv), sendo

<sup>1</sup> Josué x, 12-14.

<sup>2</sup> Diz-se todavia que em voz baixa murmurara: *E pur se muove*. Vid. «La Grande Encyclopédie», vv. *Galilée* e *Copernique*.

<sup>3</sup> Guido Bonatus de Forlívio, *Decem continens tractatus Astronomie*, fôlha b e anterior (verso).



um tratado astrológico, a *Astronomia* <sup>1</sup> subordina o seu título. A obra que iniciara os povos latinos na astrologia judiciária fôra em 1142 traduzida do árabe para latim com o nome de *Introductorium in astronomiam*. Diga-se de passagem que, do seu autor, Albumazar, bem como de Aben Ragel existiam na livraria de D. João I — conforme referência do *Livro da Montaria* <sup>2</sup> — exemplares das obras a que, em fins do séc. xv, Bonato vai, a cada passo, buscar os *juizos* que nos dá a conhecer. Prova evidente do aprêço em que no nosso país era tida na idade média essa ciência, tão maltratada depois.

*Astronomia* com o significado de *Astrologia* vinha, todavia, de muito mais longe: legara-nos o século de Augusto o belo poema astrológico de Marcos Manílio com o nome de *Astronomicas* <sup>3</sup>.

Desta sinonímia arreigada durante séculos há vestígios ainda em pleno séc. xviii. Assim, na *Taboada Curiosa* de António Garrido <sup>4</sup> encontra-se, a propósito do número sete, nas «Sete ciências ou artes acabadas em ia»:

...Astrologia ou Astronomia que he um estudiozo exame, e conhecimento do curso dos astros e de suas causas, para prognosticar por elles effectus futuros, com certas figuras e instrumentos <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> No frontespicio: ...tractatus astronomie; no colofon. liber astronomicus.

<sup>2</sup> Vid. Dr. Luciano Pereira da Silva, *O astrólogo João Gil e o «Livro da Montaria»* (*Lusitânia*, vol. II, fasc. 1, Setembro de 1924).

<sup>3</sup> Marci Manili, *Astronomicon libri quinque*. Para julgar esta obra, tão mal apreciada modernamente, convém ler a introdução da tradução francesa de Al. G. Pingré, Paris, 1786.

A juizes como René Pichon (*Hist. de la litt. latine*, Paris, 1912) se podem aplicar as mesmas palavras que o Dr. Luciano Pereira da Silva applicou a Oliveira Martins a propósito do seu juizo sobre a *Astronomia dos Lusíadas* (*Lusitânia*, fasc. v-vi, pág. 288).

<sup>4</sup> O exemplar truncado, de que nos servimos, tem a data de 1747 na pág. 132.

<sup>5</sup> 3.<sup>a</sup> parte, págs. 116-117. Com esta definição compare-se a de *Astrologia* da *Margarita Philosophica*: «Prima est astrologia, quae ex dispositione siderũ in hora nativitatis futuros nati eventus dijudicat».

Damos também, mais adiante, a distinção feita por Nabod em 1560, com o seu testemunho de que os *antigos* não a faziam.



O emprêgo que Gil Vicente faz do termo *astronomia* (*estronomia, estrolomia*) com o significado de *astrologia* está, pois, de harmonia com o uso da época <sup>1</sup>:

E porque a estronomia  
anda agora muy maneyra,  
mal sabida e lisongeyra

*Feira* (I, 150; XXX, v) <sup>2</sup>.

oo que falsa estrolomia

*Cananeia* (I, 373; LXXXIII).

nam sey, nam sey, mas per mera  
estrolomia, nam sey eu sento  
nam sey que he nem que era

*Físicos* (III, 378; CCXLVIII).

Se dizem que por estrolomia que he sciencia o sabem

*Carta* (III, 387; CCLVIII, v).

*Astrólogo* designa, análogamente, o astrónomo:

Simão fernandes grande astrologo, mathematico,

*Trovas a F. Guilhem* (III, 377; celviii).

e o astrólogo que se gaba de ter poderes sôbre a saúde e a vida:

Senhor Rey David nam tendes na corte  
surugiães e fizicos mores  
astrologos grandes e muytos doctores  
que vos dem saude e livrem da morte

*Hist. de Deus* (I, 329; LXX);

— personagem por quem Gil Vicente tem a consideração que transparece claramente de:

Falay co meu azemel  
porque he doutor das bestas  
e estrológo dos mus.

*Almocreves* (III, 221; CCXXXI, v).

<sup>1</sup> Não se justificam, portanto, as alterações da edição de 1834.

<sup>2</sup> A paginação romana refere-se à edição de 1928 fac-similada da edição de 1562 donde são feitas as transcrições; a outra à edição de Hamburgo (com o texto diferente, por vezes).



Ao lado da Astrologia criara a ânsia de prognósticos outras artes: a *Fisiognomia*, a *Quiromancia*, a *Hidromancia*, o *Augúrio*, o *Omen*, etc. as quais, S. Tomaz de Aquino classificaria, com inclusão da própria Astrologia, de artes diabólicas <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Margarita Philosophica*, pág. 665 da edição de 1535.

A págs. 673 e seg. se encontram as definições dessas artes, de que não trataremos, limitando-nos a chamar a atenção para a representação dalguas nas obras de Gil Vicente:

*Hidromancia:*

e ha de saber julgar  
as agoas nua panella

*Físicos* (III, 318; CCXLVIII, v.).

*Fisiognomia:*

e polla filosomia  
sey todolos pensamentos  
que trazem na fantasia.

*Clérigo de B.* (III, 255; CCXXXVII v.).

*Quiromancia:* Tôda a Farsa das Ciganas de que recortamos, no final:

Dad aca Mayo florido  
eça mano Melibea  
por bien cenhura te cea  
buen marido buen marido.  
Na Landera casaras  
nunca te arrepenteraz  
yraz morar a Pombal  
.....

(III, 200; CCXXVII, v.).

*Negromancia:*

Yo atobobado esto  
de ver tal negrumancia

*Fé* (I, 64; XIII, v.).

*Augúrio:* (*M. Fil.*: ...quod ex garritu auium... siue per sternutationes hominum...).

allais scripto  
si es peccado estrañudar

*Reis Magos* (I, 27; 6).

*Omen:*

ze zegot, seluece soter  
.....  
Rezeegut Linteser  
zamzorep tisal  
siroofee, nafezeri

*Exortação da g.* (II, 353-354; CLVII).

A *mágica* há referências na *Exortação da g.* (II, 352; CLVI, v.) e na



Gil Vicente classifica-as, análogamente de «artes diabris»:

E venho muy copioso.  
magico e nigromante  
feyticeyro muy galante  
astrologo bem auondoso.  
Tantas artes diabris  
saber quis

.....

*Exortação* (II, 350; CLVI, v.).

e entende que, se uma ciência astrológica existe, não a podem conhecer os humanos de tão profunda que é:

«o tremor da terra ninguem sabe o que he, quanto mais quando seraa e camanho seraa; se dizem que por estrolomia que he sciencia, o sabem, <sup>1</sup> nam digo eu os dagora que a nam sabem seletrar, mas he em si tam profundissima que nem os de Grecia nẽ Mousem nem Joannes de mõteregio alcançaram da verdadeyra judicatura peso de um ouçam». *Carta* (III, 387-388; CCLVI, v.).

---

*Carta* (III, 388; CCLIII, v.). Alusões a *feitigarias* aparecem a cada passo; a *quebrantos* há referências v. g. em:

*Barca primeira* (I, 221; XLV); *Terceira Barca* (I, 300; LIX, v.); *Rubena* (II, 12-13; LXXXVIII, v. e LXXXIX; e II, 42; XCIII, v.); *Romagem de agravados* (II, 511; CLXXXVI, v.); *Fadas* (III, 95 e 100; CCVII, v. e CCVIII); *Inês Pereira* (III, 123; CCXIII); *Fisicos* (III, 306; CCXLVI, v.). Já deles tratou Maximiano de Lemos em «O Auto dos Fisicos de Gil Vicente», Pôrto, 1921.

<sup>1</sup> Os *sinais de terramoto* aparecem nos *Repertórios* quinhentistas v. g. de Avelar (cap. 40 da edição de 1602) e de Tornamira (pág. 543 e segs.). Dêste último transcrevemos, para entendimento dêste passo:

«Estrella o Cometa de color negro, verde o rubio, quando fuere visto: significa terremoto.

.....

Sonido grueso y manso en tiempo sereno y quieto, denota que la tierra se quiere abrir y temblar.

.....

Dia quietissimo y sereno y con una nuvezica delgada y luenga, a manera de linea tendida a la larga, denota la noche seguinte terremoto. Y quando ha de venir a la mañana la mesma señal aura la noche anterior.»



Donde resulta que, a que praticam — *mal sabida e lisonjeyra* — é *falsa* <sup>1</sup>.

Contra essas «*artes*» tinham prègado os Doutores da Igreja. Procura-se por isso, no que toca à Astrologia, mostrar que ela não contraria, pelo menos em parte, as doutrinas de Santo Agostinho <sup>2</sup>. Praticam-na os próprios teólogos como Pierre d'Ailly <sup>3</sup>. Divulgam-na, além dos grandes tratados, como o de Bonato, os pequenos manuais como o *Livro dos Planetas* <sup>4</sup> e, mais que todos, as *efêmerides, calendários e repertórios* acompanhados sempre de capítulos de astrologia <sup>5</sup>.

A acordar, porém, as consciências, surge, de quando em quando, o grito dos de fé sincera como Gerson (1363-1429), que escreve obras criticando as pretensões da Astrologia judiciária e as aberrações da magia <sup>6</sup>, ou como Gil Vicente, que aniquila essas «*artes diabris*» com os recursos do seu extraordinário génio.

De tôdas, a mais visada foi a *Astrologia*; mas a *judiciária* arrastou por vezes a *natural* e até a *Astronomia*. Donde resulta que, para a compreensão das obras do Poeta, é indispensável percorrer — embora a passos largos — os capítulos dessa ciência astronómico-astrológica que o seu século designou por *Astronomia*. Eis o que vamos tentar fazer.

Abramos um pequeno parêntesis a fim de dizer que a princípio nos desalentou a inutilidade de todos os esforços para consultar algumas obras astronómico-astrológicas contemporâneas do Poeta.

---

<sup>1</sup> Já foram citados os lugares a propósito do emprêgo do v. *astronomia*. A astrologia andava ao serviço dos grandes senhores, a começar por Carlos v que na sua côrte tinha astrólogos.

<sup>2</sup> *Margarita Philosophica*, pág. 660.

<sup>3</sup> Vid. *La Grande Encyclopédie*, v. Astrologie.

<sup>4</sup> Vid. *Bibliografia*.

<sup>5</sup> Resta deles ainda uma pálida lembrança no *Juízo e quadra do ano* dos repertórios actuais.

<sup>6</sup> *De Astrologia reformata; De erroribus circa artem magicam*.



Procurámos sôbre tudo as de Regiomontano de que o Poeta certamente tinha grandes leituras. O estado em que se encontram as que até nós — em Portugal — chegaram, leva a crer que elas tenham sido propositadamente destruídas.

Breve nos convencemos, porém, de que não eram indispensáveis. Tudo o que contém o livro de Bonato (1491) ou outros de que nos servimos e são posteriores a Gil Vicente, é ciência astronómica sem alteração depois de Afonso o Sábio (séc. XIII) — em que o *sistema do universo* ficou constituído por dez «esferas» concêntricas com o globo dos elementos — e ciência astrológica cujas raízes de mais longe vinham. Demos preferência a *repertórios* pelas seguintes razões:

1.<sup>a</sup> — Uma análise daqueles de que nos servimos mostra:

- a) que o de Avelar (1585) tem origem no de Chaves (1548);<sup>1</sup>
- b) que êste e o de Tornamira (1585) — muito mais desenvolvido — têm origem comum;
- c) que há neles um capítulo que aparece no de Valentim Fernandes cuja 1.<sup>a</sup> edição (segundo se encontra na reimpressão de Bensaúde) é de 1518;
- d) que êste é já tradução (conforme testemunho do autor) dum repertório castelhano.

Deve, portanto, concluir-se que no tempo de Gil Vicente existiam repertórios castelhanos que vulgarizavam a ciência astronómico-astrológica.

2.<sup>a</sup> — Se Camões — que leria Sacrobosco e Pedro Nunes — foi buscar elementos<sup>2</sup> aos repertórios, é lógico admitir que a êsses poderosos vulgarizadores de ciência igualmente recorresse Gil Vicente.

Veremos como os mesmos elementos serviram a epo-

<sup>1</sup> É a data da 1.<sup>a</sup> edição de Sevilha (*Astr. Lusíadas*, 25. R. Univ., 11, 148).

<sup>2</sup> Vid. em *A Astronomia dos Lusíadas*, Coimbra, 1915 (Sep. da Rev. da Univ., vols. 11, 111 e 114) as citações e confrontos feitos pelo nosso falecido professor Dr. Luciano Pereira da Silva. Já êle notara a relação entre os repertórios de Avelar e de Chaves.



peia e a farsa, e que, por vezes, o cómico não dispensou o que ao épico pareceu supérfluo.

## II — As prosas de Mercúrio no Auto da Feiça

Para obter efeitos cómicos, Gil Vicente lançou mão de todos os recursos. D. Carolina Michaëlis mostrou já <sup>1</sup> que havia nos autos erros e estropeações voluntárias, feitas «tão facetadamente que por vezes» lhe «custou a adivinhar o original» <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Notas Vicentinas*, IV, págs. 100-104.

<sup>2</sup> De passagem diremos que a alusão a *caleca passa* (vid. na *lista alfabética* organizada por D. Carolina e cf. com o que se encontra em «O Auto dos Físicos de Gil Vicente», de Maximiano de Lemos, Pôrto, 1922, págs. 13-14) só poderia referir-se à *colérica passio* mencionada v. g. por Garcia de Orta. Mas na edição de 1562 encontra-se *colega passa* que tanto pode referir-se (se se ler *colega*) à *colerica passio* como (se se ler *cólega*) à *passio cólica* mencionada nos repertórios de Avelar e de Valentim Fernandes e que é tradução do castelhano *passion colica*. Cf. *Repertorio de los tiempos* de Hieronimo de Chaves (reimpressão feita em Lisboa em 1576, fol. 162 v.): *La ventosa puesta debaxo del ombligo vale a torçones del estomago y a passion colica*.

*Repertorio dos Tempos* de Valentim Fernandes (pág. 87 da reimpressão feita por Bensaúde): *A ventosa posta debaixo do embigo; val pera as torções do estamago e passio colica*. Cf. ainda com o de Avelar (fol. 279 v. da edição de 1602), quasi transcrito do de Chaves. Vid., para *colerica passio* (*colera morbus* segundo Ficalho) a edição dos *Colôquios de Orta* feita por Ficalho, págs. 261, 272 e 280 do tomo I e pág. 13 do tomo II. É a *cólera asiática* mencionada pelo prof. Dr. Ricardo Jorge na conferência realizada em Coimbra em 3-10-934. (Vid. *III Congrès International d'Histoire des sciences. Actes, Conférences et Communications*, Lisboa, MCMXXXVI, pág. 63).

Diremos ainda acêrca das Glossas (*linearum* e *ordinaria*) não identificadas pela grande Mestra (*N. V.*, IV, 140) que há referência à *Glossa interlineal* e à *Glossa ordinaria* respectivamente a págs. 197 e 421 do livro de Fr. Isidoro de Barreyra (Vid. *Bibliografia*). O nome *Lyrano*, ai citado, leva à obra de Fr. Nicolau de Lira, da qual existe um exemplar na Bibl. da Academia de Ciências (R. 3. 2). Tem o frontespício escrito à mão e a tinta cortou o papel. No catálogo é assim mencionado: *Glossa (Fr.) Nicolai de Lira. V. Biblia Latina com Postillij Nicolai de Lira 1481*.

Na mesma Biblioteca há também a *Glossa, seu Summa ex omnibus S. Bonaventurae Expositionibus in Sac. Scripturam*. (E  $\frac{618}{7}$ )

Trata-se sempre de explicações pormenorizadas da Bíblia.

*Glossa interlineal* deve ser a *Glossa* de entrelinhas explicativas como se vê em *Expositio interlinearis libri Job* de S. Jerônimo. (J. P. Migne,



Notou igualmente que a prègação do *Auto da Mofina Mendes* era afinal «paródia de prègadores e oradores de então que, no dizer de João de Barros quebravam a cabeça, a si e aos ouvintes com as infinitas citações ou rosários de parvoíces que lançavam, volteando no púlpito.»<sup>1</sup> E' dessa prègação a sentença:

*Nolite vanitatis debemus confidere de his q̄ capita  
sua posuerunt in manibus ventorum ecet.*

que a Mestra classificou de «geringonça pior que o zeb zerebt zeb zemini cabalístico de feiticeiros e nigromantes exactamente por ser pretenciosa e juntar conceitos a conceitos incompatíveis entre si»<sup>2</sup>.

Desta *geringonça* aproximamos nós as quatro prosas de Mercúrio no *Auto da Feira* as quais causaram horror a um jovem latinista alemão segundo nos diz D. Carolina<sup>3</sup>. São elas:

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, & Venus Regina musice, secundum Joannes monte regio:*

*Et quantum ad Taurus & Aries, Cãcer, Capricornius positus in firmamento coeli:*

*Sequntur mirabilia Jupiter rex regum, Dominus Dominantium.*

*Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam*<sup>4</sup>.

---

*Patrologiae Latinae*, t. 23, n.º 3, pág. 1475 — ex. da Fac. de Letras, Bibl. de S. Pedro. Vid. também a pág. 1626: *Glossae quorundam scripturae locorum et nominum interpretationes...*).

Ao Ex.<sup>mo</sup> prof. Dr. Luiz de Pina, reconhecidamente agradecemos o empréstimo do exemplar da obra de Fr. Isidoro onde, inesperadamente, encontramos aquelas referências.

<sup>1</sup> *N. V.*, IV, 243.

<sup>2</sup> *N. V.*, IV, 102.

<sup>3</sup> *N. V.*, IV, 104.

<sup>4</sup> D. Carolina acrescenta em nota (*N. V.*, IV, 104): «Exdrúxula para mim é também a fórmula *Loco et capitulo: Jam per elegatis* do frade prè-



Parecem-nos paródia de astrólogos análoga à de prègadores. Com efeito, à parte as estrophiações voluntárias, o teor das frases é o de títulos de capítulos de livros de astrologia. Na nossa frente temos—bastante mutilado—o de Nabod<sup>1</sup>. Em tipo diferente, são enunciadas proposições cujos assuntos são depois, pormenorizadamente tratados. ;Como na paródia!

Faça-se o confronto com êstes títulos do livro de Nabod onde se emprega *sequitur* e *sequuntur*, indicando o que vai seguir-se, e *Et... Et* em princípio de período como nas «prosas»:

«Sequitur admonitio de ordine & situ planetarum» (pág. 26).

«Sequitur Tabula quantitatis dierum» (271).

«Sequitur modus erigendi figura cœli ex sententia autoris» (137).

«Sequitur ad datum temporis»... (149).

---

gador que recitou o sermão sôbre o tema vergiliano no *Auto das Fadas* (111, 104). Noutros lugares D. Carolina nota que *Omnia vincit amor* é a única citação clássica feita por Gil Vicente (*N. V.*, 1v, 11) que só conhecia Vergílio «mal, indirectamente, quasi nada, só de traduções peninsulares» (pág. 7). Na *Lista alfabética* há esta nota à frase *Jam per elegatis* (pág. 147): ...«Quererá dizer com ela: ;procurai vós, em que capítulo e versículo? ;Talvez!».

Mas, na *Ecloga X*, onze versos antes do que principia por *Omnia vincit amor* (cuja ordem o poeta propositadamente alteraria) há um, onde se encontra *Jam... per*:

Jam mihi per rupes videor lucosque sonantes

e é de notar que *Jam* é repetido quatro versos depois, e também em princípio de verso, o que chama naturalmente a atenção de quem lê. *Loco et capitulo* era certamente expressão corrente nas enfadonhas citações e o poeta quis talvez, assim, ridicularizá-la.

[De harmonia com êste modo de ver, em *Alexander de aliis* (1, 101; xx, v.) vemos, a despeito da dúvida da grande Mestra (*N. V.*, 1v, 126 e 245) referência a *de omnibus et quibusdam aliis*].

Se não é vã esta observação, terá de ser elevado o nível marcado aos conhecimentos do Poeta.

;Para obter efeitos jocoso-satíricos não terá o poeta mascarado os seus conhecimentos, como mascarou a própria genealogia?

1 Os cortes foram feitos à tesoura e levaram, já folhas completas, já parte delas. Na *Bibliografia* encontra o leitor as indicações necessárias à identificação das obras que citamos.



- «2. Et cum separatus unus planeta ab alio»...
- «3. Et cum fuerit planeta in aliquo signo»...
- «4. Et cum separatus planeta leuis a planeta ponderosiori»...
- : : : : : : : : : : : : : : : : :
- «8. Sequitur prohibitio»...
- «9. Et si conjugitur planeta domino illius signi in quo fuerit»...
- «10. Et si fuerit planeta in aliqua dignitatum suarum»...
- «11. Nunc sequitur redditus»...
- «12. Inde sequitur Almenem ... id est refrenatio»...
- «13. Hinc sequitur Alichorad, id est contrarietatis accidens»...
- «14. Sequitur Alfazim, id est frustratio»...
- «15. Hinc sequitur abscisio lumines»... (316-318).

A expressão «*positus in firmamento cæli*» também tem correspondente no livro de Nabod:

«Sequuntur asterismi reliquorum signorum extra signiferum positorum» (203).

e no *Astrolabium planum* de João Ângelo <sup>1</sup>:

«Ut ea que in tabulis equationũ domorum celi posita sunt»... (4.<sup>a</sup> fôlha verso, não numerada, depois de e<sub>4</sub>).

Dêste último livro são ainda as seguintes frases em que aparecem com freqüência alguns elementos das «prosas» como «*duodecim domus*» e «*dominus*» aplicado ao planeta dominante:

«Figura itaque per duodecim domos ac planetas erecta»... (fôlha s, verso).

---

<sup>1</sup> Mais uma vez devemos ao Ex.<sup>mo</sup> prof. Dr. Ricardo Jorge o obséquio de ter posto à nossa disposição os tesouros da sua biblioteca entre os quais se encontra esta maravilha. Igualmente lhe devemos o de nos ter enviado e oferecido a fotografia duma das páginas desta obra (gravura 1). Por tantos obséquios lhe deixamos expressos os nossos agradecimentos.



«... et martem dominum ascendentis fortem, talis ex natura martis ad audaciam»... (4.<sup>a</sup> fôlha verso, não numerada, depois de e<sub>4</sub>).

«Jupiter si dominus geniture fuerit»... (fôlha t<sub>3</sub>, verso).

«Mars geniture dominus»... (fôlha v<sub>2</sub>).

«Sol cum dominus geniture fuerit»... (f. v<sub>2</sub>).

«Venus si domina geniture fuerit effecta»... (1.<sup>a</sup> fôlha, não numerada, depois de v<sub>4</sub>).

«Mercurius si dominus geniture fuerit»... (fôlha x).

No decurso dêste trabalho poderá o leitor encontrar elementos para outros confrontos. Êstes são todavia suficientes para podermos concluir desde já que Mercúrio — astrólogo do *Auto da Feira* — enuncia e parafraseia capítulos daquela «*estrolomia verdadeyra*» que «aa honrra do dia» prometeu; as «prosas» do auto fazem assim parte integrante duma paródia de astrólogos inteiramente análoga à de prègadores no *Auto da Mofina Mendes*<sup>1</sup>.

O Mercúrio do *Auto da Feira* é o Mercúrio da astrologia a um tempo planeta e divindade:

«No segundo ceo estaa o planeta chamado Mercurio o qual se chamou assi... porque... dezião ser elle deos das mercadorias, & ganho, e da eloquencia, & dos exercícios palestricos»... (Avelar, f. 75 v.).

Quanto à escolha que dêle faz Gil Vicente para desempenhar o papel de astrólogo, parece revelar leitura das *Astronomicas*. Com efeito, logo no livro I (versos 28-37), Manílio escreve:

«Quem, de humano peito, se teria abalançado, contra a vontade dos deuses, a querer parecer êle próprio um

<sup>1</sup> Neste há também um pouco de paródia a astrólogos. Só a eles se podem referir as alusões ao *tremor da terra* e ao *porvir*.

A propósito da «prègação» dêste *Auto* lembremos que a falta que D. Carolina (N. V., IV, 247) julgou ter sido cometida pelos editores de 1834, não existe: *Beocio* é corrigido para *Boecio* nas erratas dessa edição.



Deus, abrir caminhos no céu e abaixo do horizonte e tornar conhecidos não só os astros que através do espaço obedecem a seus fins, mas também os nomes e cursos dos signos e seus poderes? Tu, Cilénio, és o fundador e obreiro de tão santa empresa. Graças a ti, já o céu, já as constelações, são intimamente conhecidos, de modo que é maior a face do mundo, venerada não apenas a aparência externa, mas até a própria potência das coisas e as gentes avaliam como Deus é grande.<sup>1</sup>»

O belo poema astrológico do século de Augusto, cujo manuscrito fôra descoberto em princípios do séc. xv, chamou a atenção do mundo culto e as edições sucedem-se. Francisco Poggio dá em Bolonha uma edição da obra descoberta por seu pai, em 1474 e, pela mesma ocasião, Regiomontano publica-a em Nuremberg. Um matemático da Toscana — Lourenço Bonincontri — que viera a Florença para explicar públicamente a obra de Manílio, pretendendo ter comunicação dum manuscrito mais antigo que o de Poggio, imprime novamente em Roma, em 1484, o poema com os seus próprios comentários. No mesmo ano (segundo Fabricius, *Bibl. lat.*, t. 1, pág. 294) aparece uma edição de Florença. Seguem-se as de Milão, de 1489 e 1499; a de Veneza, de 1499; outra de Roma, de 1510; as de Basileia, de 1533 e 1551; os *Comentários* de Antuérpia, de 1576. Vem depois as edições que são devidas a José Justo Scalígero, apreciador do Poeta tão mal julgado posteriormente, e outras que o leitor encontra mencionadas, com estas, no prefácio da edição de Paris, de 1786, devida a Al. G. Pingré<sup>2</sup>.

1 Ed. de Pingré, pág. 2-4:

Quis foret humano conatus pectore tantum,  
Invitis ut diis cuperet Deus ipse videri,  
Sublimes aperire vias, inumque sub orbem  
Et per inane suis parentia finibus astra  
Nominaque & cursus signorum, & pandere vires?  
Tu princeps auctorque sacri, Cyllenie, tanti:  
Per te jam cælum interius, jam sidera nota;  
Major uti mundi facies foret, & veneranda  
Non species tantum, sed & ipsa potentia rerum:  
Sentirentque Deum gentes, quæ maximus esset.

2 Em Coimbra não existe nenhuma edição recente do poema.



Até 1527 — data da representação do *Auto da Feira* — nada menos de oito edições vira o poema de Manílio. Seria desconhecido em Portugal? Não parece lógico admiti-lo<sup>1</sup>. Seja como fôr, o Mercúrio do *Auto*, como tipo adequado à ridicularização do astrólogo, fica sempre uma admirável criação de Gil Vicente.

### III — Regiomontano

João Müller de Königsberg (Künigsperger, como no *Livro dos Planetas* se encontra) é bem o tipo do astrónomo-astrólogo da Idade-Média.

Königsberg, latinizado, valeu-lhe os nomes por que indiferentemente é mencionado: Joannes de Monte Regio (ou Monteregio), Joannes de Regiomonte, Regiomontanus.

Nascido próximo dessa localidade, em Unfind, no ano de 1436, aparece em Viena, como aluno de Purbáchio, aos 16 ou 17 anos. Da aprendizagem com um comentador da obra de Sacrobosco, saíria, por sua vez, comentador também do *Tratado da Esfera*. Mas o aluno subiu muito acima do mestre. Aprendera a fundo o grego para, na própria língua, ler as obras de Apolónio, Hierão e Ptolomeu, de que havia de deixar comentários e versões<sup>2</sup>; resolve questões novas de Trigonometria rectilínea e esférica na obra *De triangulis omnimodis*; revela ao mundo científico os fragmentos da obra de Diofanto, que descobre num manuscrito do Vaticano; prepara a Viète o caminho para a Álgebra, substituindo os números por letras no seu *Algorithmus demonstratus*; faz

---

<sup>1</sup> Que o não era no último quartel do séc. xvi provam-no as várias referências de Avelar no seu *Repertório*; e elas levam-nos a concluir que o poema não poderia ser desconhecido de Camões. Não é difícil encontrar nos *Lusiadas* influências da sua leitura, principalmente no canto x; influências que talvez não escapassem à observação de Faria e Sousa cujo silêncio a tal respeito, é plenamente justificado. Com o seu «sistema», Copérnico levantara a má vontade da Igreja contra tudo que à Astronomia se ligasse, sendo perseguidas as doutrinas astrológicas.

<sup>2</sup> Uma destas é o *Almagesto* que vai indicado na *Bibliografia*.



notáveis observações de cometas; trata — encarregado pelo papa Sixto IV — da reforma do calendário; deixa-nos ainda as *Disputationes contra Gerardi Cremonensis in planetarum theorias deliramenta* (Nuremberg, 1475), as *Ephemerides*, o *Calendarium novum* e as *Tábuas de direcções e profecções*; faz uma edição do poema astrológico de Manílio (Nuremberg, sem data) <sup>1</sup>: obra vasta para quem morre aos 40 anos, vítima da peste — segundo uns — ou da vingança dos filhos de Jorge de Trebizonda — segundo outros <sup>2</sup>.

Mas o astrónomo e o astrólogo são inseparáveis. De uso astrológico são as *Tábuas de direcções e profecções* por mais que o editor de 1584 queira mostrar que para outros fins servem (o que só pode ser verdadeiro para uma das partes do livro):

*Joannis de Monte Regio, Mathematici Clarissimi,  
Tabulae Directionum Profectionumque NON TAM  
ASTROLOGIÆ JUDICIARIÆ quam Tabulis instru-  
mentis innumeris fabricandis utiles ac necessariae.  
Accesserunt his Tabulae ascencionum obliquarum a  
60 gradu elevationis poli usque ad finem quadrantis  
per Erasum Reinholdum supputatae. Wittebergae,  
1584* <sup>3</sup>.

Nas edições anteriores — uma das quais é de Giunti (Veneza, 1524) — não se encontram as palavras NON... JUDICIARIÆ. Sem elas aparecem os dois exemplares que a Biblioteca Nacional de Lisboa possui e neles se indica claramente o fim a que se destinavam. Dum <sup>4</sup>, que parece ter pertencido a Pedro Nunes, deu notícia o prof. Dr. Luciano

<sup>1</sup> Pingré atribui-lhe a data, aproximada, de 1474.

<sup>2</sup> Na versão do *Almagesto* Regiomontano assinalara erros grosseiros que na sua cometera Jorge de Trebizonda.

Vid. as referências feitas a Regiomontano por João de Barros no cap. II do liv. IV da *Década I*.

<sup>3</sup> Das indicações contidas no título desta obra, nas obras de Bonato e de João Ângelo, pode concluir-se que a casa dos Reinhold seria especializada em tais publicações.

<sup>4</sup> Incunábulo 35 da Bibl. Nac.



Pereira da Silva em *Os dois Doutores Pedro Nunes* <sup>1</sup> reproduzindo o frontespício onde se lê:

*Tabule* <sup>2</sup> *directionū profectionūque famosissimi viri Magistri Joannis Hermani de Regiomonte in natiuitatibus multum utiles.*

O outro é o *Reservado* n.º 1161 (preto). O título é o mesmo mas com êste acrescento:

*Una cum Tabella sinus recti. Nuḡerrime emendate et complete q̄ luculentissime impresse. Cum gratia et Priuilegio* <sup>3</sup>.

E' interessante notar que esta obra, destinada a servir a astrologia, em que o autor tem confiança <sup>4</sup>, como se vê no prefácio:

*Quid autem commodi nanciscemur si generalis quaedam artis directoriae promptitudo nobis illata fuerit ex libris JUDICUM abunde colligitur, ubi tempora futurorum accidentium omnium per directiones potissimum investigari solent tantum igitur utilitatem,...*

é dedicada a um arcebispo. E' a sua primeira obra visto que

<sup>1</sup> Rev. da Univ. de Coimbra, vol. 11, págs. 538-539.

<sup>2</sup> Repare-se que em todas as transcrições de obras do séc. xv há sempre *e* por *ae*; como afinal na edição de 1562 das obras de Gil Vicente, como elas impressa em caracteres góticos.

<sup>3</sup> A Bibl. Nac. possui ainda um exemplar da edição de Veneza, 1524. Vid. *Bibliografia*.

<sup>4</sup> No problema 29 Regiomontano confessa-se astrólogo: *Veris studiosis artis nostrae amatoribus...* (Delambre, *Hist. de l'Astr. du Moyen Age*, Paris, 1819).

A Bibl. da Univ. possui um exemplar das *Tabuas* datado de 1558 (*á condito mundo 5520 sub occasum matutinum Humeri dextri Orionis. Tubingae*). O editor confiou as emendas a fazer, a M. Samuel Isenmenger e não ficaram no problema 29 as palavras notadas por Delambre. Na dedicatória, faltam fôlhas.



a êsse arcebispo pede que aceite as *primicias* dos seus trabalhos <sup>1</sup>.

No único e mutiladíssimo exemplar das *Ephemerides*, que entre nós supomos existir, igualmente se encontram provas da inseparabilidade do astrónomo e do astrólogo.

Referimo-nos ao *Incunábulo* 739 da Biblioteca Nacional. Na sua lombada um ferro gravou a cruz das nossas caravelas. Pertence à edição de 1492 feita em Veneza «Arte et Impensis Vincentij Benalli» como se lê no verso da 7.<sup>a</sup> fôlha. Contém as efemérides de 1492 a 1506.

Na primeira fôlha lê-se:

*Joannis de Monte regio: germanorum decoris  
etatis nostre astronomorum principis Ephemerides.*

São preenchidas as sete primeiras fôlhas por: modo de usar das efemérides; propriedades dos signos; planetas; aspectos; indicação de quando devem começar-se os trabalhos, fazer-se as sangrias, tomar-se remédios, semear-se as árvores e plantar-se a vinha; prognósticos dos tempos.

A 8.<sup>a</sup> fôlha contém no rôsto a *Figura dos aspectos*; no verso a das *doze casas*, figura que serve de base a tôda a astrologia judiciária. Depois... faltam fôlhas. O arranque destas arrastou o da maior parte das efemérides de 1494, a que faltam 9 fôlhas <sup>2</sup>.

Do *Calendário* nem um só exemplar descobrimos pelas nossas bibliotecas, e quasi desistíamos de procurar mais vestígios das doutrinas do *astrólogo*, quando uma paciente leitura do catálogo de Matemática <sup>3</sup> da Bibl. da Univ. nos permitiu descobrir o pequeno livro:

*Das gross Planetē büch, sampt der Geomanci,  
Physiognomi und Chiromanci. Alles auss Platone,*

<sup>1</sup> Delambre, *op. cit.* A propósito da origem das tábuas náuticas portuguesas ocupou-se J. Bensaúde desta obra e das *Ephemerides* (*L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Berne, 1912, pág. 20).

<sup>2</sup> O livro pertenceu certamente a um sacerdote como leva a crer um assento de «missas por hum defunto» no frontespício das efemérides de 1492.

<sup>3</sup> Infelizmente êste catálogo só começa na letra N.



*Ptolomeo, Hali, Albumasar und Joanne Königsperger*<sup>1</sup>  
*auffs kurtzest und fleissigest gezeugen, iederman zü güt,*  
*das böss zü fliehen, und das güt an zunemen.*

Por comodidade, designaremos abreviadamente esta obra por *Livro dos Planetas*.

Na fôlha fiiij são mencionados os nomes dos *Sete Mestres* da Astronomia<sup>2</sup>. São, pela ordem e com a grafia em que lá se encontram: Albumasar, Anthidon, Pythagoras, Ptolomeus, Plato, Aristoteles e Hali<sup>3</sup>.

Vê-se, pois, que a companhia dada a Regiomontano, no frontespício da obra, é das mais honrosas. Todavia bom será dizer que *La Grande Encyclopédie* afirma que os tratados de fisiognomia e quiromancia atribuídos a Regiomontano são apócrifos.

Seja como fôr, não há no livro elementos posteriores ao séc. xv (visto que o mais moderno dos mestres citados — Regiomontano — morreu em 1476) e êle poderá servir-nos para ajudar a resolver algum problema.

Vejamos agora a influência das doutrinas de Regiomontano. No livro de Nabod (1560), a cuja elaboração se quis

<sup>1</sup> A inclusão do livro no Catálogo foi devida à confusão da inicial dêste nome com o R.

<sup>2</sup> Evidentemente com o significado de *Astrologia*.

<sup>3</sup> Haissen Ben Hali (Bonato 1). Vid. Dr. Luciano Pereira da Silva, *A concepção cosmológica nos Lusíadas* (*Lusitânia*, v-vi-1925) e *O astrólogo João Gil e o «Livro da Montaria»* (*Lusit.*, vol. II, fasc. I, 1924) e as obras por aquele autor citadas entre as quais figura a de Pierre Duhem, *Le système du monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*. Paris, 1913-1917. (Faz parte da livreria que lhe pertenceu, e que existe na Biblioteca de Matemática da Fac. de Ciências).

O número sete parece intencionalmente escolhido: eram sete os planetas, os climas, as maravilhas do mundo, os sábios da Grécia, os inventores, os filósofos, etc. (Vid. *Taboada Curiosa...* por António Garrido. *Parte terceira*, págs. 116-123). Muitos outros nomes de mestres se nos depararam noutras obras de astrologia: *Ádila, Avenoçra, Argaphalon, Messahala, Alex de Gos, Abenragel*, etc.

O *Livro da Montaria* de D. João I mostra-nos que se encontravam na livreria dêste rei obras astronómicas e astrológicas. Ao lado das obras de Ptolomeu, Sacrobosco e Purbachio, havia nela as de Albumasar e Abenragel.



que presidisse um critério científico<sup>1</sup> se encontram seguidas doutrinas de Regiomontano como mostram êstes títulos de capítulos (págs. 125, 135 e 136):

«De constructione figurae coelestis iuxta modum rationalem Ioannis Monteregij ex tabulis directionum».

«De erigenda figura coelesti ex tabulis directionum Monteregij iuxta modum aequalem, à qua iudicia Arabum pendere dictū est».

«De constructione figurae coelestis iuxta modum rationalem Monteregij ex tabulis aequationum duodecim domorum».

e ainda as várias referências feitas aos *Problemas das Tábuas* (págs. 117, 325, 413, etc.).

Em qualquer das obras astrológicas dêste século se encontra o seu nome ligado ao problema fundamental da divisão do céu<sup>2</sup>. A sua figura é dominante na astrologia do séc. xv. E êle morre no início do último quartel dêste século, pouco antes ou pouco depois, portanto, do nascimento de Gil Vicente, cuja mentalidade se formaria ao tempo em que as obras do astrónomo se espalhavam pela Europa.

Em dois lugares há, nas obras do Poeta, referência ao grande astrólogo. Num, a que já nos referimos, para dizer que nem êle alcançou «*da verdadeyra judicatura peso de hum ouçam*» (*Carta*, III, 388; CCLVII v.); no outro (*Feira*, I, 154; XXXI), também já citado, para lhe atribuir a designação,

---

<sup>1</sup> Vid. *Bibliografia*. Na fôlha A (verso) faz-se já distinção entre astronomia e astrologia:

«Una est doctrina de motibus cœlorum corporumque cœlestium: alia divinatrix seu *μαντική*. Veteres utramque nomine seu Astronomiae, seu Astrologiae complectuntur, sed recentiores vocibus, quae olim idem significabant distinctis, doctrinam de motibus Astronomiam, divinatricem verò Astrologiam nominant.»

Vem a seguir a definição duma e doutra, classificando-se a primeira de «*ciência*» e a segunda de «*arte*».

<sup>2</sup> Referir-nos-emos particularmente a esta questão a propósito do horóscopo.



dada a Vénus, de rainha da música (*regina musice*), designação de que se serve depois noutro lugar (*Frágoa de Amor*, II, 327; CLII) bem como das de *Diesa de la melodia e señora de Orfeo* (II, 329; CLII, v.). De harmonia ainda com tal opinião, nas *Córtes de Júpiter*, Vénus é um dos planetas musicais, ao lado de Diana (II, 415; CLXVIII, v.).

D. Carolina Michaëlis (*N. V.*, IV, 207) faz esta pergunta relativa a Gil Vicente:

«... qual a razão porque... designa Vénus como deusa da música?»

Todavia a referência:

«*Et Venus, Regina musice, secundum Ioannes monte regio*»

parece não deixar dúvidas de que em alguma obra de Regiomontano o poeta colheu a informação.

Se é possível ser-lhe atribuído o que a tal respeito se encontra no *Livro dos Planetas*, aí diz-se que os que nascem sob a influência de Vénus amam a música<sup>1</sup>.

Se alguém — mais feliz do que nós — conseguir ver um exemplar do *Calendário*, é provável que mais alguma coisa encontre. Leva-nos a julgá-lo a notícia que dêle traz Delambre. O título:

*Kalendarium magistri Joannis de Monte-Regio viri peritissimi*

é repetido no fim da obra e seguem-se-lhe estas palavras:

«*explicit feliciter Erhardi Ratdolt viri solertis eximia industria et mira imprimendi arte qua nuper Venetiis, nunc Augustae Vindellicorum excellit nominatissimus, 1499*».

O nome do editor e a data, levam-nos já a aproximar

1 «hatt die Musicam lieb».



a obra das de Bonato e João Ângelo. Leva-nos a aproximá-la mais ainda a descrição de Delambre:

«On y voit les phases de la Lune, les jours du mois, les noms des saints, les longitudes du Soleil, celles de la Lune et de son nœud, la figure des éclipses . . . Enfin, comme on le lui demande quelquefois les temps les plus favorables à la saignée, et que la Lune suivant qu'elle occupe tel ou tel signe du zodiaque, peut avoir en cela une très grande influence, il expose les qualités diverses de ces signes et les parties du corps humain sur lesquelles ils exercent leur empire; et non content des règles générales qu'il donne en cet endroit, il promet un traité tout exprès sur ce sujet important».

Estamos, portanto, em presença duma obra tôda astrológica. E cremos que ela foi conhecida do Poeta. Nenhuma outra, contemporânea desta, descobrimos com o nome de *Calendário* e é a um *calendário* que o poeta se refere no *Auto dos Reis Magos* (1, 25; 6):

He miedo que me burlais

Traheis ahende breviario  
O calandario

De resto, noutras obras astrológicas do séc. xv, a afirmação relativa a Vénus repete-se, e por vezes mais intensamente até. Assim, no *Astrolabium Planum* de João Ângelo diz-se que os que nascem sob o domínio de Vénus têm apêgo aos prazeres da música:

«*Venus si domina geniture fuerit effecta, facit homines . . . quorum uita, animus, et institutum musicis semper delectationibus inherescat*»<sup>1</sup>.

Na mesma obra, fôlha f, são figurados os planetas que dominam os três decanos de *Ariès*<sup>2</sup>: Marte, Sol e Vénus.

<sup>1</sup> Verso da primeira fôlha, não numerada, depois de *v*.

<sup>2</sup> Cada signo (30° do Zodiaco) era dividido em três decanos (lat. *facies*) cada um dos quais pertencia a um dos planetas.



Esta é representada tocando, como se vê na gravura aqui reproduzida <sup>1</sup>:

Prima facies arietis est martis et est facies audacie: fortitudinis: altitudinis: et inue: recundie.

Secunda facies est solis et est nobilitat: altitudinis: regni et magni dominij.

Tercia facies est veneris et est subtilitatis in opere: et mansuetudinis: ludorum: gaudiorum et limpidationum.



In primo gradu arietis Ascendit vir dextera tenens falcem: et sinistra manu balistam.



Homo cum capite canino dextera sua extensa: et in sinistra baculum habentem.

Homo aliquando laborat: aliquando vero bella exercet.

Homo litigiosus erit et inuidus ut canis.

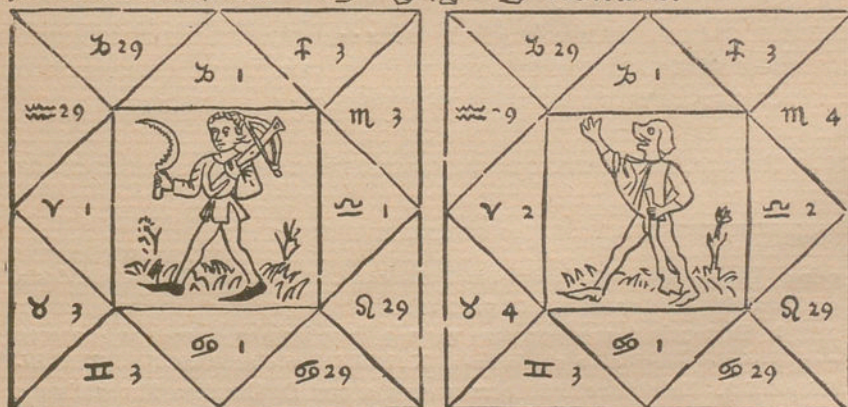


FIGURA I

(Fôlha f Do *Astrolabium Planum*)

<sup>1</sup> Esta mostra o valor da hipótese de D. Carolina Michaëlis (*N. V.*, 1v, 215): «Música e mais Música onde quer que Vénus esteja. De viola, supinho eu».

Na gravura o Sol é representado por um rei e Marte por um guer-



Do século seguinte é a obra de Nabod. A fôlha 219-220, relativa a Vénus, como as doutros planetas, foi cortada à tesoura; não tão próximo da lombada que se não possa ler:

*Venus... habet... iuuentutem... instrumenta ludorum...*

Comparado ao que se encontra na gravura 1, por cima de Vénus:

*Tercia facies est veneris et est subtilitatis in opere et mansuetudinis, ludorum, gaudiorum et limpitationum*

*instrumenta ludorum* deverá referir-se a instrumentos de música.

Num livrinho sem frontespício que designaremos pelo nome de *Segredos da Natureza*<sup>1</sup> encontra-se também (págs. 196-197):

«Sinaes & Fysiognomia de Venus.

Os de natureza de Venus... são amigos de banquetes & passatempos, de ornatos & vestidos curiosos, & de cheyros, musicas & danças»...

Parece, portanto, que a designação de deusa ou rainha da

reiro. Dessas figurações trataremos nos caps. VIII-XIII. (Vid. o que desta gravura dissemos na nota 1 de pág. 12).

<sup>1</sup> Pertencia à modesta mas variada livrariuzinha de meu avô paterno e era assim conhecida na nossa casa. É dividido em cinco tratados. (Vid. *Bibliografia*). Se tem relação com a obra a que D. Carolina Michaëlis em *N. V.*, IV, 245, se refere:

«*Aristoteles d'secreta secretorū* ... É a um pseudo-autor da obra medieval, de origem arábica, que se intitula *Dos Segredos (da Natureza)* a quem Gil Vicente se refere. Ela corria em latim e em traduções neo-latinas em todas as livrarias dos séculos XIV e XV»

esta recebeu sucessivos acrescentamentos. A edição de que nos servimos foi traduzida do castelhano.



AUGUSTA FARIA GERSÃO VENTURA

---

**ESTUDOS VICENTINOS — I-ASTRONOMIA-ASTROLOGIA**

---

Errata de pág. 1, linha 27:

Onde se lê:

Mercúrio

Leia-se:

Júpiter







música, dada a Vénus, provém de obras mais ou menos ligadas à astrologia. Gil Vicente tê-la-ia colhido em alguma obra de Regiomontano.

#### IV — A «máquina» do Mundo <sup>1</sup>

«A vniuersal machina do Mundo se diuide em duas partes: Celestial: & elemental» <sup>2</sup>.

«Pela Região elementar se entende tudo o que se contém desde o orbe da Lua até ao centro da terra. E chama-se elementar, porque tudo se compõe dos quatro elementos, ou corpos simples, que são fogo, ar, agoa, & terra...

---

<sup>1</sup> Remetemos o leitor para a obra do nosso falecido Mestre, Dr. Luciano Pereira da Silva, *A astronomia dos Lusíadas*, cap. vi, onde êste assunto é tratado tendo por base a tradução feita por Pedro Nunes, da *Sphaera* de Sacrobosco. Para o nosso fim, preferimos as vulgarizações que puseram ao alcance de todos, os capitulos da *Sphaera*. Quanto ao significado de «círculo» (*A Astr. dos Lus.*, 55; *Rev. da Univ.*, 11, 308), chamamos a atenção para êste trecho do livro de Bonato (2.<sup>a</sup> fôlha, verso, não numerada depois de b<sub>1</sub>):

... *primus et altior et superior et orbi signorum propinquior est circulus saturni: deinde... secundus est circulus iouis: tertius est circulus martis: quartus est circulus solis: quintus est circulus veneris: sextus est circulus mercurij: septimus est circulus lune qui est inferior et omnibus terrae propinquior.*

Na descrição dos Planetas, também Valentim Fernandes designa por «círculo» (1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>) o «ceos» de cada planeta.

Avelar, por sua vez, não distingue entre orbes, céus e esferas, como se vê na transcrição que a pág. 28 fazemos e ainda em (71, v., da ed. de 1602):

*Também os orbes, sphaeras dos outros planetas, são chamados ceos...*

Se não estamos em êrro trata-se, em todos os casos, de camadas esféricas concêntricas.

Relativamente a outras significações vid., neste capítulo, a nota referente à eclíptica e o cap. xvii.

<sup>2</sup> Pedro Nunes, *Tratado da sphaera*, edição fac-similada de J. Bensaúde, pág. 6.



O sitio & postura dos elementos proprio & natural he estarem huns em cima dos outros cercando-se ao redor. E a causa disto he, porque todos tem hum principio intrinseco de movimento, com o qual cada hum vay direytamente a seu proprio lugar. Assim a terra como mais grave, & pesada, que os outros elementos, naturalmente occupa o mais bayxo, & infimo lugar do universo, & mais apartado do Ceo... A agoa por ser menos grave, tem o seu lugar que he em cima da terra, & por ser fluxivel vay correndo pela superficie & entranhas da terra, até parar no mais bayxo della. O ar, como mais leve, tem o terceyro lugar, rodeando toda a agoa & terra. Finalmente o fogo, mais puro, & leve, que os outros, tem por sitio e morada, o quarto, & ultimo lugar, & mais alto do universo»<sup>1</sup>.

A êstes elementos há alusões nas obras de Gil Vicente. Em II, 258; CXXXVIII, v., o *Correio* diz que a espada de Amadis os força:

en la insula llamada  
la Firme, mato dozientos  
quebro los encantamientos  
con la furia de su espada  
que fuerça los elementos

Nas «obras de deuaçam» êles servem a noite em que nasceu Jesus (*Fé*, I, 71; XIV, v.):

O noyte favorecida  
.....  
dos elementos servida

festejam o seu nascimento (*Quatro Tempos*, I, 96; XIX, v.):

Pues los angeles sagrados  
los tiempos y elementos  
tambien<sup>2</sup> hoy caramillos,

<sup>1</sup> *Segredos da Natureza, Trattado*, v, págs. 127-132.

<sup>2</sup> Corrigido para *tocan* na ed. de Hamburgo.



e a êles se dará o espírito no fim da vida (*Hist. de Deus*, I, 329; LXIX, v.):

compri com a terra que quer ser pagada,  
e hos elementos day o spirito

O «mundo» forma, envolvido por um O a cimeira de Amadis (II, 260; CXXXIX):

Y por cimera traya  
una O, y el mundo enella  
. . . . .  
y su letrado dezia  
todo es poco para ella.

que o heroi deseja depois ver destruída (II, 278; CXLII):

Y tu puñal esmaltado  
. . . . .  
de rayo seas quebrado  
. . . . .  
Y tu mi yelmo lustrante  
com tu cimera hermosa  
que por Oriana emprendi  
plega a Dios que te quebrante  
alguma peña ravisosa  
que del cielo caya en ti

Destas pedras de corisco (II, 505; CLXXXV) dá Avelar f. 243, v. a seguinte notícia:

«Assi como na terra, da mistura dos vapores cõ a exalaçam, se geram as pedras, & outros mineraes tambem no ar, se gera pedra do encerramento da exalaçam dentro da nuuem por muyto tempo, a qual caindo com rayo, chamase pedra de corisco»...

Do rayo a que há referêcia também no *Triunfo do Inverno* (II, 471; CLXXIX) diz Avelar (f. 242 e 243):

«Da peleja & força que tem a exalação contra a nuvem, se gera o fogo... & nasce delle o resplendor, que chamão relampago...



Estando assi esta exalação impetuosamente apertada... com tanta & tam grande força & actividade sae, rōpendo pello mais fraco da nuuem, tudo o que topa mais forte, & mais duro, rompe, & desfaz, & he tam subtil, & delgada, que acontece passar os vestidos sem tocar nelles, & desfaz ossos & substancia de qualquer cousa, & a isto chamam rayo».

\*

«Immediatamēte ao redor do globo dos quatro elementos, que compoem a parte elementar, se segue a região Etherea, ou orbe celeste desdo concauo do primeiro ceo, até o convexo do ultimo, de figura esferica lucida, & alheia por sua immudavel essencia de toda a corrupção: move-se cō movimento continuo circularmente, & deles foi chamada quinta essencia, esta se divide (segūdo el Rey dō Afonso)<sup>1</sup> em dez esferas moveis ou orbes uniformes. Decima, q̄ he o primeiro mobil. Nona chamado ceo cristalino, ou aqueo, dito segūdo mobil<sup>2</sup>. Oitava que he o firmamento ou esfera das estrelas fixas & sete esferas dos sete Planetas, das quais sempre a superior cerca esfericamente a inferior: & entre ellas hūas sam mayores, outras menores, segundo que mais se chegam ou afastam do ultimo ceu; entre as quais a decima he mayor, & a da Lúa menor...

Em tempo de Aristoteles se consideraram somente oito, Hyparco, & Ptolemeu, acharão-ser nove, el Rey Dom Affonso por muitas investigações, & experiencias alcançou serem dez, afora o Empyrio que poem os Theologos, donde he o lugar & morada dos bemaventurados

---

<sup>1</sup> Afonso x, o Sábio.

<sup>2</sup> O primeiro e o segundo móvel não aparecem distintos na obra de que foi traduzido o *Reportório dos Tempos* de V. Fernandes que considera ainda apenas os nove céus de Ptolomeu (pág. 31): «O oytavo ceo, he onde os doze signos tem seu assento, o qual faz seu movimento, segundo a opinião de Ptholomeo, em trinta e seys annos. O noveno ceo, he onde não ha estrelas algūas nem pranetas, e faz seu movimento de Levante em Ponente em vinta quatro oras, em cōtraíro dos outros ceos.»

Vid. *Cap. XVII*, Os «*Circulos*».



pois a ordem & sitio que tem hũs com outros he na forma seguinte»<sup>1</sup>.

## CIELO EMPYREO.

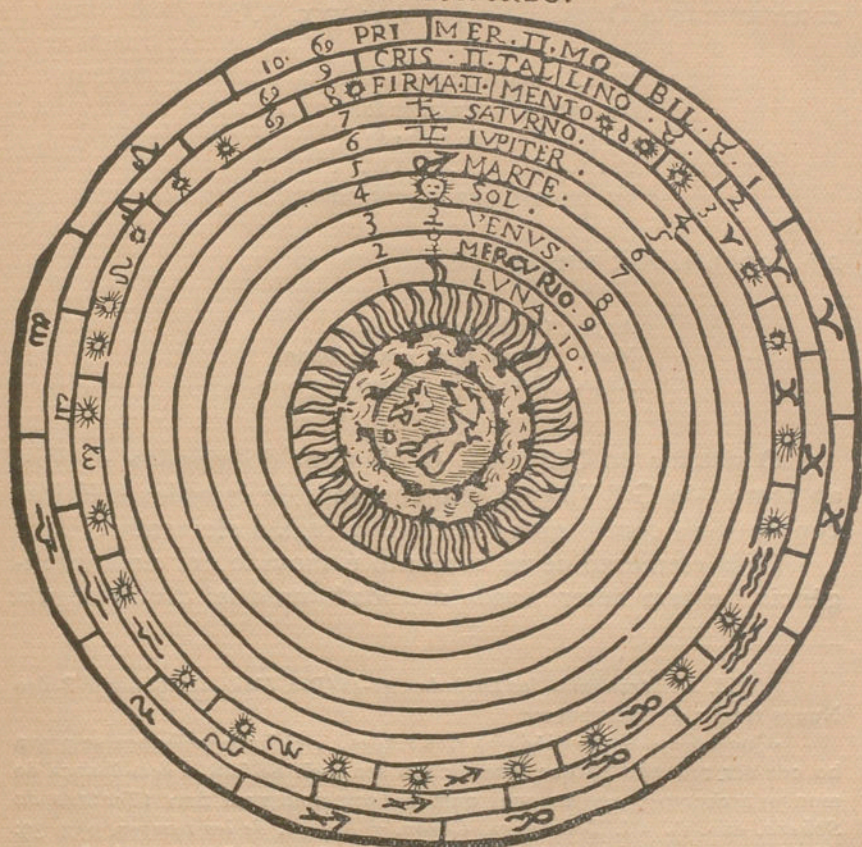


FIGURA 2

«Figura y demonstracion de la region aetherea o celestial, donde se manifesta el sitio y orden natural, y en quãto a nos, q̃ possuen los cielos y elemẽtos». (Chaves, f. 79)

Por *céu*<sup>2</sup> é designado, por vezes, esta parte etérea.

<sup>1</sup> André de Avelar, *Chronographia ou Repertorio dos tempos*, f. 70 v. e 71. Segue-se uma gravura que é extraída do *Rep.* de Chaves. É a dêste que reproduzimos. O *Repertorio* de Avelar é quãsi todo transcrito do de Chaves.

<sup>2</sup> *Lusiadas*, x-89: «O claro ôlho do céu no quarto assento». Chaves descreve a região etérea no capítulo cujo titulo é: *De la region del cielo*. Das várias significações da palavra céu dá conta Avelar, f. 70 v. e 71.



O conjunto é esférico, «redondo», como o próprio Deus, segundo a doutrina então corrente <sup>1</sup>.

Gil Vicente apresenta, antes de Camões, essa semelhança entre mundo e Deus (*Feira*, I, 151; xxx, v.):

E se Francisco de melo  
que sabe sciencia auondo <sup>2</sup>  
diz que o ceo he redondo  
. . . . .  
diz verdade, não lho escondo.

2.<sup>a</sup> *Barca*, I, 268; LIII:

ANJO. Conhecias tu a Deos.  
MOÇA. Muyto bem, era redondo.  
ANJO. Esse era o mesmo dos ceos.

O sistema do Universo, «a Máquina do mundo», é, pois, ao tempo de Gil Vicente, um conjunto de camadas esféricas concêntricas com o globo central da região elementar.

Cada elemento dêsse conjunto é movido por uma inteligência <sup>3</sup> e tem determinada medida <sup>4</sup>, uma lei divina regula

<sup>1</sup> Vid. *A Astronomia dos Lusíadas*, 41-42 (*Rev. Univ.*, II, 296-297). Pedro Nunes traduz de Sacrobosco:

«Que ho ceo seja redõdo ha tres rezões... Pella semelhança se prova ho ceo ser redondo porque este mundo sensiuel: he feito a semelhança do mundo archetypo: em ho qual nam ha principio nem fim» (*Tratado da Sphera*, cap. 1). Cf. Tornamira, *Chron. y Repert. de los tiempos*, pág. 39: «Tâbien se cõsidera la redondez del cielo: porq̄ este mũdo sensible q̄ nosotros vemos fue hecho a semejança del grã mundo Architipo, en quiẽ no se halla principio, medio ni fin como tâpoco se halla en la figura Spherica...»

<sup>2</sup> Vid. o que dissemos (a propósito dos raios piramidais = raios visuais) de Francisco de Melo em *Subsídios para o estudo da flora camoniãna*, VII, pág. 13 (*Biblos*, XII, 1936).

<sup>3</sup> Tornamira, *Chr. y Rep.*, 27: «Las sobredichas dies Espheras en que se divide toda la region celeste, se dividẽ en muchos orbes... Cada uno destes orbes dizen q̄ tiene una intelligencia o Angel que perpetuamente lo mueue. El decimo cielo... primer mobil... de leuante a poniente... en xxiiij horas fenece su curso, mouiendo su intelligencia llamada de muchos Anima del mundo: porq̄ mouiendose el, tiene virtud de hazer mouer y llevar tras si todos losotros cielos inferiores.»

<sup>4</sup> Julgamos inútil indicar as medidas, dando apenas como exemplo a relativa ao Sol, tal como se encontra em *Segredos da Natureza*, 197:

«O quarto Ceo está apartado da terra pela parte cõncava dous contos



os  *cursos naturais* <sup>1</sup> e  *ordenados* <sup>2</sup> de todos os corpos celestes. E' o que se encontra em  *Casandra*  (I, 48; x):

*Fiat lux*  luego fue hecha  
muy prehecha  
sol, y luna, y las estrellas  
criadas claras y bellas  
todas ellas  
per regla <sup>3</sup> justa y direcha  
al sol diole compañera  
por pracera  
de uma luz dambos guarnidos  
dominados e medidos  
cada uno en su carrera <sup>4</sup>

*Feira* , I, 151; XXX, v.:

E porque [o Céu] estaa governado  
per seus cursos naturaes

*Fadas* , III, 111; CCXI, v.:

e fez nossos mares e ceos por medida

---

379. mil legoas, o qual tem de circunferencia 14. contos & 280. mil legoas, & seu corpo tem de grossura hum conto & 195. mil legoas.» (Ácerca desta nomenclatura de números vid. Dr. D. Pacheco de Amorim,  *Nomenclatura dos grandes números*  e Augusta F. Gersão Ventura,  *Leitura dos grandes números* , trabalhos ambos publicados em separatas do vol. I de  *Petrus Nonius*  («Anuário de História das Ciências»). Imprensa da Univ. de Coimbra, 1933 e 1934.

<sup>1</sup>  *Natural*  opõe-se a  *alheio* . Aplicado ao movimento dos planetas, o primeiro indica o seu movimento próprio e o segundo aquele que lhes imprime o primeiro móvel.

<sup>2</sup> Sacrobosco emprega  *regulariter*  para indicar o modo como se move v. g. o sol (com movimento uniforme). Pedro Nunes traduz por  *ordenadamente* .  *Curso ordenado*  é, como nos  *Lusíadas* ,  *movimento uniforme*  (V.  *Ast. Lus.* , 13;  *R. U.* , 11, 136).

<sup>3</sup> Tornamira, 135: «Planeta... significa errâte: no porque ellas yeran en sus cursos antes siguen el mesmo movimiento y  **regla**  que tuvieron quãdo fueron hechas...»

<sup>4</sup> Carreira = céu; (na fig. 2 cada uma das coroas circulares).





*Feira*, I, 154; XXXI, v.:

que faz per curso ordenado

\*

O Sol era considerado como única fonte de luz. Dêle a recebiam as estrêlas, fixas e erráticas (planetas)<sup>1</sup>. Tôdas as estrêlas<sup>2</sup> eram consideradas como partes mais espessas dos céus, movendo-se porque êstes se moviam<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Tornamira, 135: «no porque ellas yerran... mas porque... nos parece que yerran... por no tener siempre um mesmo sitio como las fixas». G. V. 1, 92; XIX.

Planetas, fixas estrellas

<sup>2</sup> Estrêla tem em G. V. tôdas as suas variadas significações, sem excepção da figurada. Em I, 151; xxx, v., Mercúrio designa por «estrelas» planetas e estrêlas fixas formando constelações; a indicar constelações aparece ainda em I, 92; XIX:

y la estrella Orion  
y la canina

O sentido figurado aparece v. g. em II, 186; cxxiiii:

Oo Maymonda estrella mia

<sup>3</sup> Tornamira, 35: «... se mueven no por si mesmas, sino, que se muevê al movimiento de sus orbes en los cuales dizen que estan fixas de la manera que vemos los ñudos en la tabla de madera y como aquellos ñudos no se mueven por si a solas, sino que son movidos junto con la tabla guardándose siempre una mesma distancia el uno del otro.

Pág. 42: Ya hemos dicho la natura de q̄ son las estrellas... y la lumbre q̄ tienen la reciben del Sol.

Mas, como o Sol recebeu a luz de Deus, é Deus quem — indirectamente embora — dá luz às estrêlas (II, 507; CLXXXV, v.):

que tambem suas donzelas  
sam figuras das estrelas  
e images de Deos os Reys  
que dam luz a todas ellas.

Cf. o passo de Ariosto, *Orlando furioso* (xxx-90) citado n-*A Astronomia dos Lus.*, 33-34 (*Rev. Univ.*, II, 155).



\*

O movimento dos planetas relativamente às estrélas fixas, fêz atribuír a cada um dêles um céu. Era êste céu que levava, no seu movimento, o planeta.

Temos assim: o movimento do céu das estrélas fixas ou Firmamento<sup>1</sup> e o movimento de cada um dos céus dos planetas.

O estudo do movimento triplo do 8.º céu, devia levar à introdução de mais dois céus para a explicação dêsses movimentos. Assim se introduziram o Cristalino e o Primeiro móvel<sup>2</sup>.

1 Cf. a *hipérbole* de 11, 381; CLXII:

Con Carlos Cesar Bien oys  
que manda hasta el firmamieto.

*Firmamento* é equivalente a *céu dum planeta* na *Exortação* (11, 364; CLIX):

quando Saturno dormia  
con todo seu firmamento.

2 Tornamira, 35-36: «Y a este cielo llamaron la Esphera estrellada, o la octaua Sphera la qual un grã tiêpo fue tenida por primer mobil, y ultima Sphera sin alcançar q̄ sobre ella estuuiessen la nouena y decima. Passados muchos años despues de Aristoteles vinierõ Hyparco, Ptholomeo y otros astrologos q̄ cõ muchas observaciones conocieron q̄ la Sphera estrellada vltra del mouimiento que tenia de leuâte a poniente se mouia al contrario de poniête a levâte... Pareciendoles pues q̄ era impossible q̄ uma mesma esfera tuuiesse por si mesma dos mouimientos cõtrairos cõcluyron que sobre ella ouiesse otra Sphera sin estrelas que cõ su virtud mouiêdose de levâte a poniête, mouiesse tâbiê la octaua. Passado algun tiêpo el Rey dõ Alõso y otros astrologos conocierõ q̄ esta octaua Sphera vltra de los dichos dos mouimientos dichos tiene otro llamado del acceso y recesso que es del allegamiento y desviamiento y con los mesmos argumentos afirmarõ q̄ sobre ella auia outras dos cõ q̄ cūplirõ el numero de las sobredichas diez Spheras. Que la undecima no la ponen los Astrologos q̄ no la conoscẽ, si no los Theologos induzidos por muchas razones Theologicas». Avellar, 88, v. e 89: «Sobre estes dez ceos moveis os Theologos... affirmã auer outro ceo immobil, & sem estrella algũa o qual dizem ser morada, & assento faelicissimo dos Anjos & bem aventurados... & quanto a sua forma, & figura dizem que he sphaerico pella superficie concava de dentro, com que abraça, & cerca a decima sphaera, & esta quadrado quanto a figura de fora fundados naquillo de S. João no Apocalipse *civitas in quadro posita est*».



«*Fracos ceos*», para Gil Vicente, em oposição ao forte céu teológico. No *Triunfo do Inverno* (II, 493; CLXXXIII) assim os designa o *Infante* dirigindo-se ao *Verão* (Primavera):

E o sancto jardim de Deos  
florece sem fenecer,  
que o ser e logo nam ser  
he obra de fracos ceos  
que nam tem fixo poder,<sup>1</sup>

O décimo céu — primeiro móvel — executa em 24 horas um arrebatado (*rapto* ou *violento*) movimento de rotação imprimindo êsse movimento a todas as esferas interiores.

Os planetas teem, por isso, um movimento alheio proveniente do primeiro móvel e um movimento próprio. O movimento diurno é *curso alheio*, a contrastar com o que o leva a percorrer as sucessivas constelações e que é o seu *curso natural* ou próprio<sup>2</sup>.

O estudo dos movimentos circulares e uniformes dos planetas — especialmente do Sol — mostrou a necessidade de considerar os céus planetários formados de *orbes*: cinco no de Mercúrio, quatro no da Lua e três nos dos restantes planetas<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. também com o céu a que há alusão em II, 136; CXIII, v:

... tudo Deos faz e pode fazer.  
E as cousas da terra procedem dos ceos.

e com o que se encontra no *Repertorio* de Tornamira, 17:

«y pues el mesmo Galeno... dize que... el regimiento deste mundo y de los vivêtes es de las Estrellas»...

<sup>2</sup> Tornamira traz a pág. 135 um simile curioso para explicar êsse duplo movimento: «lo qual se muestra en una rueda que entre el exe y el extremo de su circuito se mouiessem vij hormigas en vij circulos de la mano drecha hazia la siniestra andando la rueda: al contrario de la mano sinies tra hazia la drecha por la parte superior»...

<sup>3</sup> Tornamira, 165: «... porque el cielo de la Luna... se compone de quatro orbes como se imaginassemos quatro cascos de cebolla vnos sobre otros. El cielo de Mercurio tiene v orbes todos los de mas planetas tienem tres orbes»...

*Orbe* significa o conjunto de todos os *orbes*, equivalendo a região *etérea*, nas *Côrtes de Júpiter* (II, 400; CLXV, v.):

querse o orbe renouar  
ou tornase o mundo a fazer.

Nos *Lusiadas* «orbe» é equivalente a «céu» (uma camada esférica).



Consideremos este caso de três orbes. O céu do planeta

ORBES DEL SOL.

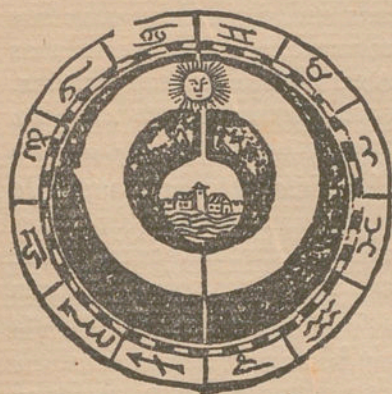


FIGURA 3  
(Tornamira, pág. 136.)

ORBES DELA LVNA.

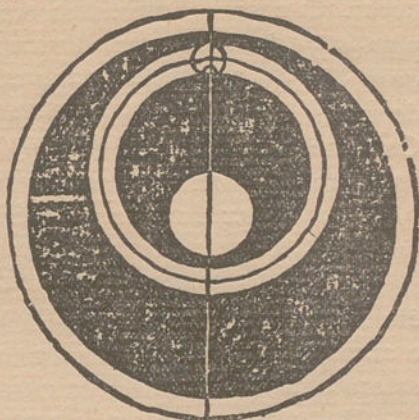


FIGURA 4  
(Tornamira, pág. 137.)

é uma camada esférica concêntrica com a terra. Imagine-se nesta camada esférica uma outra camada esférica não concêntrica com a Terra. E esta camada — este orbe — que leva o planeta e por isso é chamado o seu *deferente*. Por ser excêntrico relativamente à Terra, se lhe chama também o *excêntrico* do planeta. Os outros dois orbes, resultantes da divisão do céu em três partes pelo excêntrico, são chamados os *deferentes do auge do excêntrico*, sendo o *auge* o ponto do *deferente* (= *excêntrico*) que mais afastado fica do centro do Mundo e, portanto, mais próximo da 8.<sup>a</sup> esfera<sup>1</sup>.

LA CHRONOGRAPHIA  
ORBES DE MERCVRIO.

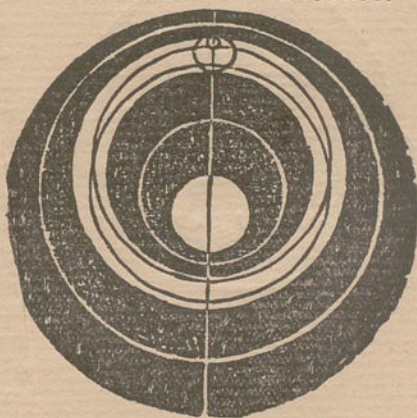


FIGURA 5  
(Tornamira, pág. 137.)

<sup>1</sup> Tornamira, pág. 145: ...«o qual punto del eccentrico que esta mas remoto y apartado del centro del mundi, y es mas propinquo a la octava Sphera, o firmamento se llama auge, que quiere dezir lo mesmo que elevaciõ.»



No céu de quatro orbes, é o quarto uma camada esférica envolvendo um céu de três orbes como acabamos de considerar. O caso de cinco orbes, pode imaginar-se supondo que uma superfície esférica divide cada um dos orbes extremos dum céu de três orbes, por tal forma que os pontos médios de todas as espessuras estejam sôbre essa superfície esférica. Os orbes externos teem o nome de *deferentes do auge do equante*<sup>1</sup>; os outros conservam os nomes de *deferente do planeta* ou *excêntrico* (o médio) e *deferentes do auge do excêntrico*.

O deferente leva o planeta mas não directamente: o que êle leva é uma esfera de diâmetro igual à espessura do céu e animada de movimento de rotação. O planeta é fixo nesta esfera que tem o nome de *epiciclo*<sup>2</sup>.

Do movimento do Planeta no seu epiciclo<sup>3</sup> resulta —

1 Tornamira, 142: «El círculo o Orbe del Equante es un círculo imaginario, y no real que se considera en la crassitud o grossicie del deferente,

para que sobre su centro ygualmente se mueva el centro del epiciclo. El qual equante se describe cõ la mesma linea sobre el centro de regularidad del movimiento del orbe eccêntrico segun la cantidad del eccêntrico. Llama-se así, porque enseña los iguales movimientos de los planetas cuyo centro dsta tanto del medio círculo deferente, quanto el centro del deferente dista del medio del mundo». Cf. *Astr. Lus.*, 64 (*R. U.*, II, 316). O equante e o deferente da Lua formam pela sua intersecção a figura chamada *Dragão*, que do Livro de Bonato reproduzimos e é importantíssima na astrologia por causa dos movimentos da Lua. Os dois pontos de intersecção são a ca-



FIGURA 6  
O Dragão

beça e a cauda do Dragão assim representados ♁ ♂ (nodo ascendente e nodo descendente). Vid. *Astr. Lus.* 65 (*R. U.*, III, 317).

2 Tornamira traz o seguinte simile (págs. 139-140):

«En la haz de este Epiciclo meemos ymaginariamente el Planeta, como vemos que esta en vna pelota de viento, la botana y agujero por donde se hincha... De manera que dando a buelta la pelota andara al derredor la botana andando unas vezes abaxo, y otras arriba, y a los lados».

3 Tornamira, pág. 140: «Sob el Sol carece de Epiciclo: porque es tan grande como avia de ser su Epiciclo».



usando as palavras de Tornamira — «que unas vezes yra por lo alto del Epiciclo y otras por lo baxo e otras por los lados»; como consequência, ao passo que o centro do epiciclo percorre as sucessivas constelações, o planeta ora caminha nesse sentido, ora em sentido contrário. No primeiro caso diz-se que o movimento do planeta é *directo*; no segundo caso diz-se que é *retrógrado*. Nos dois pontos de passagem do primeiro movimento para o segundo e do segundo para o primeiro, o planeta não é *directo* nem *retrógrado*: é *estacionário*, donde o nome de *estações* dado a êsses dois pontos<sup>1</sup>. A figura junta mostra-nos essas *estações* nos pontos de tangência dos raios visuais<sup>2</sup>, TC e TG, com o epiciclo<sup>3</sup>.

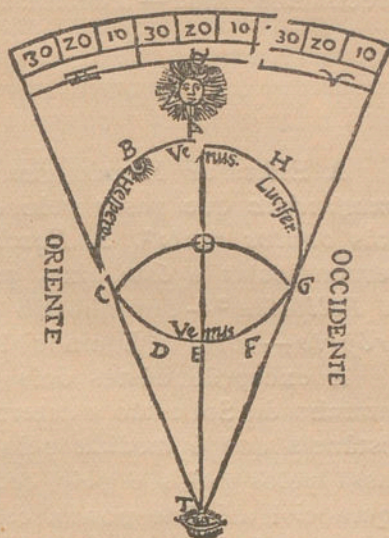


FIGURA 7

«El epiciclo es a, c, e, g, la línea que sale del centro de la tierra e va por la parte oriental: es la línea t, c. La que passa por la parte occidental es t, g. Estacion primera, el punto c. Estacion segunda, el punto g. Direction es el Arco del epiciclo, g, a, c. Retrogradacion el Arco, c, e, g. El ojo es el punto, t.»

Um passo de Gil Vicente nos obriga a êste estudo do movimento retrógrado. Para o explicar temos de ir até às minúcias da teoria do epiciclo, de que não há vestígio no poema de Camões. A págs. 66 escreveu na sua *Astronomia dos Lusíadas* (*Rev. Univ.*, II, 318) o Dr. Luciano Pereira da Silva:

«Pondo de parte os epiciclos, peças menores com tão variados movimentos, o poeta reduz as esferas planetárias à simplicidade da do Sol...».

<sup>1</sup> «A lua não tem estação direyção nem retrogradação:... a causa he ho seu mouimêto no epiciclo ser muy ligeyro.» (Pedro Nunes, *Tratado da Sphera*, cap. iiij; citado em *A Astr. dos Lus.*, 65; *Rev. Univ.*, II, 318).

<sup>2</sup> Já dissemos que ao tempo de Gil Vicente, os raios visuais se chamavam *raios piramidais*. São mencionados em I, 152; xxxi.

<sup>3</sup> A figura e a legenda são de Tornamira, págs. 141-142. Supõe-se o observador no centro da Terra.



Gil Vicente não dispensa o que a Camões pareceria supérfluo. Mas, para analisar o passo, de mais alguma coisa precisamos ainda — a declinação.

\*

A Esfera do Mundo gira em tórno do *eixo*, uma *linha imaginária* que passa pelo centro da terra e pelos *Polos*, dois *pontos reais* <sup>1</sup>. A *Equinocial* ou *Equador* é o círculo perpendicular a êste eixo, passando pelo centro da Terra. A *Eclíptica* <sup>2</sup> — caminho do Sol no seu *curso natural* ou *próprio* — corta a Equinocial nos pontos de *Àriès* e *Libra*.

À excepção dêstes dois pontos, todos os restantes do caminho do Sol estão a determinada distância da equinocial, distância que é medida pelo arco de círculo máximo que passa pelos polos e pelo centro do Sol e contada desde a equinocial até êste ponto, centro do Sol. A esta distância chama-se *declinação*.

Qualquer que seja a estrêla fixa ou errática, será sempre a declinação um arco do círculo máximo que passa pelos polos e pelo centro da estrêla, compreendido entre a equi-

<sup>1</sup> A êste assunto tornaremos a referir-nos no cap. XVIII.

<sup>2</sup> Tornamira (pág. 50) define-a a partir do Zodiaco. (Note as várias significações de «círculo»):

«El Zodiaco es un círculo mayor que es partido dela Equinocial en dos partes yguales, de las quales una parte declina al medio dia... y la otra al Septentrion. Todos os circulos de la Sphera se imaginam como linea y solo el Zodiaco superficie con latitud de doze grados la qual fue hallada para los planetas por el diverso movimiento q̄ a la continua hazen debaxo del Zodiaco que es su camino yendo unas vezes por la parte Austral, y a vezes por la Septentrional, segun la opinion de Sacrobosco: pero segun Apiano la latitud del Zodiaco es xvj grados: porq̄ los planetas algunas vezes tienē de latitud siete grados y un tercio de ambas partes de la Ecliptica, como se vee en las tablas.

La linea ecliptica es un círculo mayor que va por medio del Zodiaco, dividiēdolo en dos partes yguales, com que le queda a cada una dellas seys grados de latitud, la qual es el camino q̄ haze continuo el Sol por el Zodiaco, sin desuiarse de la dicha linea como se vee que se desuiian los otros planetas. Llamase Ecliptica porq̄ enella y no en otra parte se hazen los Eclipses del Sol y de la Luna. Lo que mas se aparta esta linea de la equinocial en nuestros tiēpos es xxij grados. 28. minutos.»



nocional e o centro da estrêla. Esta é contada nos dois sentidos: setentrional e meridional <sup>1</sup>.

Os termos *declinar* (ao norte ou ao sul) <sup>2</sup> e *retrogradar* aplicam-se a cada passo na descrição de movimentos dos planetas. Na linguagem vulgar retrogradar tinha, todavia, já no século XVI, como hoje, a significação de andar para trás. Com efeito, Avelar ao descrever o signo de Câncer diz:

«Cancer... foy assi chamado por metaphora que assi como o cangrejo he animal retrogrado, assi tambem entrando o Sol nelle começa a retrogradar & tornase para a equinocial»,

passo que é traduzido do de Chaves:

«Porque de la manera que el Cangrejo es animal retrogrado o tergiversado, que buelve la cabeça contra la cola»... <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Tornamira, pág. 105.

<sup>2</sup> Vid., na nota 2 da pág. anterior, o emprêgo de «*declinar*» na definição do Zodíaco. Note-se ainda a forma como é empregado na *Romagem de Agravados* (11, 531-532; CXC):

nacio quando el sol declina  
sus rayes sobre la mar

<sup>3</sup> Cf. a expressão: *andar para trás como o caranguejo*. Deve notar-se que o passo não tem a precisão que seria de desejar. O Sol nunca é retrógrado visto que no seu céu não há epiciclo. O passo refere-se à declinação. No movimento do Sol sobre a eclíptica, a declinação do astro é nula no ponto de *Aries*, vai seguidamente crescendo e é setentrional à medida que o Sol caminha até *Cancer* onde é máxima; decresce depois para tornar a ser nula quando o Sol está em *Libra* e passa em seguida a ser meridional tendo o valor máximo, quando o Sol está em *Capricornius* para depois se anular novamente em *Aries*.

A superioridade de Tornamira revela-se a cada passo. Eis a sua interpretação:

...«porq Câcer es animal retrogrado, y assi como este animal anda para atras como para adelante, assi el Sol a semejança suya despues q llega a lo vltimo de su declinacion vuelue para tras a Equinocial.»

Quanto à afirmação relativa ao modo de andar do Caranguejo, refere uma anedota que, séculos depois, ainda uma academia definiria: «*Écrevisse. Petit poisson rouge que marche à reculons*» se Cuvier, consultado, não tivesse respondido: «*C'est parfait. Seulement voilà: l'écrevisse n'est pas un poisson, elle n'est pas rouge, elle ne marche pas à reculons. Le reste est exact.*»



Nas *Córtes de Júpiter*, em que planetas e signos se concertam em favor da viagem da Infanta D. Beatriz para Saboia, diz o Sol a Júpiter, rei dos Planetas (II, 402; CLXVI):

Mande primeyro senhor  
que não seja retrograda  
Venus pois sois seu mayor  
e deos que he superior  
fauorece a desposada.

O poeta aproveita o duplo sentido de retrogradar: o *próprio*, astronómico, e o figurado derivado dêsse — andar para trás — o que, referido a Vénus e tratando-se duma desposada, deverá entender-se: «que os negócios de amor não andem para trás: que caminhem bem».

Agora vejamos o passo em que se juntam *declinação* e *retrogradação* (I, 153; XXXI):

e quando Venus declina  
e retrograda em seu cargo  
nam se paga o desembargo  
no dia que selle assina  
mas antes per tempo largo

Deve notar-se que *declinar* significava também, como hoje, *decaír* e é justamente dos duplos sentidos de *declinar* e de *retrogradar*<sup>1</sup> que o cómico tirou efeitos<sup>2</sup>.

## V — O tempo

Ao movimento dos céus se liga a noção do tempo, noção que Tornamira assim nos apresenta (pág. 223):

«... segũ Aristoteles el tiempo es una cierta medida y número del mouimiento del primer mobil<sup>3</sup> considerado enel partes passadas presentes y venideras... el tiempo es aquella parte del Evo, que começo desde el

<sup>1</sup> Há alusão ainda ao movimento retrógrado de Júpiter no *Auto dos Físicos* (III, 319; CCXLIX) a que noutro lugar nos referiremos (cap. XXI).

<sup>2</sup> Cf. cap. XVI, a), CANCER.

<sup>3</sup> O primeiro móvel de Aristóteles é o 9.º céu (como ainda se encontra no *Rep.* de V. Fernandes).



instante que fueron por Dios criados los cielos y los elementos hasta el Athomo q̄ tenemos presente: y dêde el se prosigue hasta llegar al ultimo dia final, sin que atodo el tengamos cosa, sino el dicho instante, o athomo que se passa sin sentir con mucha velocidad... Ha-se de entender q̄ antes de la creacion del cielo no avia tiêpo, pues el tiêpo es la medida del mouimento del cielo»<sup>1</sup>.

É este o Tempo que, personificado, aparece identificado a Saturno, de

foice e comendo os filhos «porque todas as cousas q̄ o tẽpo produze elle mesmo as consume»<sup>2</sup>.

É ao Tempo que, no *Auto da Feira* (I, 156; xxxi, v.), Mercúrio faz mercador-mór. Aparece depois na *História de Deus*, substituída a foice pela vara, como «Veador» do Mundo e a êle o anjo entrega o relógio (talvez a ampulheta, seu atributo) que marca o tempo das vidas. É o mito de Saturno; mas... submetido à lei do Senhor: I, 313-LXIII:

Anjo.....

...Deos...

.....  
mandate Tempo que temperes bem  
este relógio que te dou das vidas,

Cap. x. Von Saturni Kinder  
engenschafften.

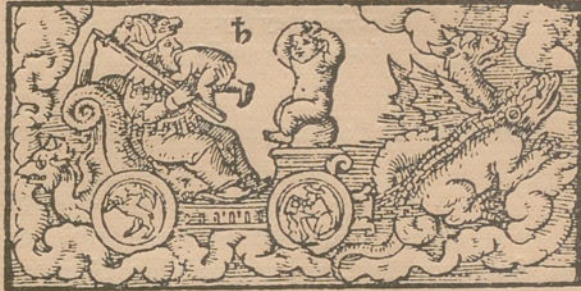


FIGURA 8

(Do Livro dos Planetas)

rece depois na *História de Deus*, substituída a foice pela vara, como «Veador» do Mundo e a êle o anjo entrega o relógio (talvez a ampulheta, seu atributo) que marca o tempo das vidas. É o mito de Saturno; mas... submetido à lei do Senhor: I, 313-LXIII:

<sup>1</sup> Vid. *Astr. Lus.*, 84 e segs. (*Rev. Univ.*, II, 486 e segs.). Lembramos a referência de Camões ao Tempo obedecendo às ordens do 1.º móvel — «o ceo ligeiro e leve» — em III, 22. (Vid. a anotação de Faria e Sousa em IV, 67).

<sup>2</sup> Valentim Fernandes, *Rep.*, pág. 30. ... «elle [Saturno] foy ho primeiro q̄ ensinou a semear, lavrar, e prantar em Italia, e por isso o pintará com a fouce na mão, e comendo seus filhos: porque todas as cousas que o tempo produze, elle mesmo as consume, e assi o honrarão por deos dos tempos».



e como as horas forem compridas  
de que fez merce a vida dalguem  
seram despedidas.

.....  
Assi que tu, Mundo, os agasalharaas  
.....  
O tempo e relógio os despediraa,

E à sua lei se sujeita o próprio Senhor, em I, 337-LXXIII:

Cristo.....

eu a comprirey que a fiz  
porque o Rey que he bom juyz  
como a ley feyta he  
faz aquillo quella diz

Da medida do tempo diz Tornamira (págs. 222-223):

... «como entre todos los movimiētos de los cuerpos celestes fuessen mas notorios los movimientos del Sol y de la Luua a todas las gētes en general: por esta razō midierō el tiēpo cō sus mouimiētos, y assi los Arabes, Hebreos y la mayor parte del universo siguierō el mouimiēto de la Luua: y los Romanos el del Sol. Pero los Philosophos lo midierō cō el numero y medida del movimiēto del primer mobil que es causa del mouimiento diurno»...

Ao *dia* — tempo duma revolução completa do primeiro móvel em tórno das linhas dos polos<sup>1</sup> — se referiram as medidas do tempo (*loc. cit.*):

«Los antiguos diuidieron el tiēpo para tener certidūbre del, y distinguir su cuēta en diversas partes mayores y menores q̄ el dia. Las mayores son Eras, siglos, edades, monarchias, indictiones y semanas. Las menores son horas, quadrantes, puntos, momentos, uncias, y athomos»...

<sup>1</sup> Êste *dia* é o *astronómico*, mas geralmente é substituído pelo *dia natural*.



As equivalências das partes menores encontram-se nos vários reportórios. Transcrevemos do de Avelar (f. 7):

...«em hum dia natural ha 24 horas, quatro quadrantes, noventa e seis pontos ou quartos.»

Valentim Fernandes traz todavia também a equivalência do *ponto* à sexagésima parte da hora (pág. 17):

«Algũs repartẽ a ora ẽ LX minutos ou pũtos... e outros repartẽ a ora ẽ IIIj puntos somẽte e hũ pũto destes contẽ x momentos e hũ momẽto XII onças e hũa onça tẽ ẽ si XLvij <sup>1</sup> athamos, athamo he tão peqũo q se nã pode repartir.»

E a pág. 100 insiste:

«e sabereis que per esta conta, sessenta puntos se contão por hua hora.»

Deve se esta a significação que *ponto* tem no *Diálogo da Ressureição* (I, 346; LXXVI):

na hora, no ponto que resuscitou  
toda a cabeça se me depenou

e no Amadis de Gaula (II, 291; CXLIII v.):

que negocios aqui tiene  
que ha passado la mar  
y punto no se detiene

O *momento* quadragésima parte da hora <sup>2</sup> ocorre na *Romagem de agravados* (II, 512; CLXXXVI v.):

e a que horas e momentos  
assi ha de acontecer

<sup>1</sup> Avelar (6 v. e 7) e Tornamira (pág. 375) dão à onça 44 átomos. Há portanto um erro neste lugar de V. Fernandes: deverá ser ii em vez de v (xLiiij).

<sup>2</sup> Se oferecesse dúvidas o texto de V. Fernandes, não as ofereceria o de Avelar onde se lê que o ponto foi dividido em 10 momentos depois de dizer que o dia tem 96 *pontos* ou *quartos*.



As horas a que temos feito referência são as chamadas *iguais* ( $\frac{1}{24}$  do dia). Todavia, consideravam-se também as *horas desiguais*, resultantes da divisão do dia artificial<sup>1</sup> em 12 partes e da noite<sup>2</sup> noutras 12:

«Primeiramente diuidem o dia artificial grande, ou pequeno em doze partes iguais, e o mesmo a noite;... São chamadas naturais porque segundo Hermes Trimegisto os Babylonios attribuição estas horas ao governo dos Planetas... pola hora primeira se entende quando o Sol sahio;... pola hora sexta se entende o meyo dia; pola hora nona se entende as tres depois do meio dia; & pola hora undecima... hũa hora antes que o Sol se ponha...

Esta maneira de nomear as horas usa tambem oje em dia a Igreja Romana nos officios & no rezar das horas Canonicas que são de Prima, Terça, Sexta e Noa» (Avelar, 6).

À hora Canónica de nãa<sup>3</sup> (a meio do tempo que vai do meio dia ao pôr do Sol) há referência na *Frágoa damor* (II, 347; CLVI):

Avorreçeme a coroa  
 . . . . .  
 e a bespora e a noa,

No último verso «*bespora*» leva-nos a outra divisão do dia: a divisão em 12 partes pela forma como se lê no *Rep.* de Avelar, f. 4:

«Da divisão do dia natural<sup>4</sup>.

Divide-se o dia natural primeiramente em dia,

<sup>1</sup> «Dia artificial he o tempo, que ha desdo nacimiento do Sol, té que se poem» (Avelar, 8).

<sup>2</sup> «A noyte (como escreve Aristoteles no primeiro da *Metaphysica*, lição 5) he a treua, a sombra da terra» (Avelar, 8). Cf. *Lus.*, VII, 60 e *Cancioneiro Geral* de G. de Resende, fl. 96 da ed. de 1516 (pág. 44, t. III da ed. da Impr. da Univ. de Coimbra). Vid. *A Astr. dos Lus.*, 69 (*Rev. da Univ.*, II, 361), onde estes lugares são citados sem referência a esta definição.

<sup>3</sup> Cf. com a forma *nona* em *D. Duardos*, (II, 217; CXXX).

<sup>4</sup> «Tempo que o Sol tarda em alumiar toda a terra, partindo de hum ponto, té que torna a elle» (Avelar, 3 v.).



& noite. Os antigos o diuidirão em doze partes... A primeira chamarão mane... quando o dia já está esclarecido por auer saydo o Sol. A segunda se chama meridies... porque entam he o meyo do dia artificial. A terceira se chama diei inclinatio & he quando o Sol passou do meyo dia... A quarta se chama occiduum,... & este tempo he quando se diz que o Sol vay baixo. A quinta se chama suprema tempestas, que he o derradeiro tempo do dia artificial no qual o Sol se poem<sup>1</sup>, & começa a noite & nesta os antigos notárão sete distincções de tempo. A primeira chamárão crepusculo vespertino... A segunda parte se chama vesperum<sup>2</sup>, porq̄ então soe aparecer hũa estrela chamada Hesperus, ou Vesper, ou Vespertigo<sup>3</sup>, a que os Astrologos chamão Venus; esta quando aparece pela manhã se chama Lucifer, que he o luzeiro, ou estrela d'alva;... A terceira parte se chama conticinum... porque então está tudo em silêncio, & he o tempo quando a gente se vay deitar... A quarta parte se chama intempesta que he o tempo da meya noite... A quinta se chama galicinio, que quere dizer o canto dos galos... A sexta se chama matutino, esta he divisa em matutino & em aurora, que he a setima parte da noite... o mesmo que vulgarmente chamão madrugada & os Astronomos crepusculo matutino, que he o tempo que soe aparecer a estrela chamada Lucifer, mensageira do dia quando he oriental ao Sol».

Véspera (*vespora*) é pois a segunda divisão da noite: a que se segue imediatamente ao crepúsculo vespertino.

Das grandes divisões do tempo, vejamos as que interessam à interpretação de vários lugares:

*Era*. «Era quer dizer um certo tempo limitado, o qual teve princípio de algũ segre ou começo de algũ valeroso Rey ou Principe, ou de algũa façanha, ou cousa

1 Em vários lugares assim escrito; noutras edições: «põe».

2 Cf. «vespero» nos *Lus.*, III, 115.

3 *Vesperugo* no passo correspondente do *Repert.* de Chaves.



memoravel como contar o tempo desde Adam, ou do Diluio» . . . (Avelar, 28 v.).

No *Auto dos Físicos* (III, 318; CCXLVIII, v.):

E tambem deste ajuntamento  
dos planetas desta era

é talvez propositado e irónico — por motivos que mais adiante serão expostos <sup>1</sup> — o emprêgo de *era* marcando «*uma cousa memoravel*»: nem mais nem menos que . . . um dilúvio!

*Segre* <sup>2</sup>, empregado em vários lugares por Gil Vicente, está de acôrdo com a definição que se encontra em Tornamira ou em Chaves e que Avelar repete (f. 29):

«Este nome segre he considerado em muytas maneiras porque a vida presente, & a duração do Mundo se chama Segre; tambẽ chamão Segre ao Evo, que sucedera depois do fim do Mundo, segundo aquilo do Symbolo: *Et vitã venturi saeculi*. Propriamente querem algũs, que Segre signifique o espaço de cem annos».

Do *ano* <sup>3</sup> — tempo gasto pelo sol a percorrer as doze *casas* do Zodíaco — diremos apenas que chega até nossos dias o eco de serem perniciosos os bissextos <sup>4</sup>. No *Juízo e quadra do ano* se encontra em «*O verdadeiro Borda d'Água*» do ano corrente — 1936:

«O ano é bissexto, o que aterra os meus numerosos leitores pela má fama que tem» . . .

<sup>1</sup> Vid. cap. VI, g).

<sup>2</sup> Ao lado de *segre* (v. g. *Carta*, III, 386; CCLVII v.) encontra-se *sigro* (*Feira*, I, 175, XXXVI).

<sup>3</sup> Um periodo de 4 anos era uma *olimpiada*, de 5, um *lustró* e de 15, uma *indição*.

<sup>4</sup> Tornamira, 213: . . . «mando a los sacerdotes . . . que intercalassem vn dia mas enel año. De cuya cãusa de alli adelãte el quarto año fue llamado año de intercalacion y de Bissiesto: porque segun la cuenta de las Calendas a 24 de Febrero, quando mando que se hiziesse esta intercalacion, se dize en Latin sexto Calendas: y porque aquel dia se cuenta dos vezes, se añadio el adverbio Bis» . . .



Não admira por isso que, num prognóstico, seja levada à má conta a sua influência (*Físicos*, III, 317; CCXLVIII, v.).

Dos *meses*<sup>1</sup>, faremos referência a Maio.

Tornamira (pág. 323) diz-nos que, segundo alguns, o nome de Maio vem de «Maya, madre de mercurio: a cuja causa en este mes los mercadores hazian sacrificios a Maya y a su hijo Mercurio dios de las mercadorias». E acrescenta:

«Pintan este mês a semejança de un Rey, y muchas flores en las manos, significando la dignidad y fertilidad deste mes. Otros como un mâcebo que va a cavallo con un gavilan en la mano significando ser mes de passatiempo y contento».

Tal é o Maio, mensajeiro do Sol e principal cavaleiro da sua côrté<sup>2</sup> no *Auto da Lusitânia* (III, 283 e seg.; CCXLII, v. e seg.).<sup>3</sup>

A *semana* liga-se à criação do Mundo. Cada um dos seus dias é dominado por um planeta: o que é senhor da primeira hora dêsse dia<sup>4</sup>. Ao Sol, o mais nobre de todos, pertence-lhe, como senhor, o domingo. A segunda-feira é dominada pela Lua; a terça, por Marte; a quarta, por Mer-

<sup>1</sup> Eram considerados, para diversos fins, o mês *usual* (dos calendários), o *solar* (tempo gasto pelo Sol a percorrer um dos signos do Zodíaco) e o *lunar*, êste com as seguintes distinções: *peragratório* (tempo gasto pela Lua a percorrer o Zodíaco) e *da aparição* (tempo que decorria desde o primeiro dia em que a lua era vista depois da conjunção com o Sol até novo aparecimento em idênticas circunstâncias (vid. qualquer das obras citadas). Dêstes deriva o mês *medicinal* na descrição do qual são citados os nomes de Galeno e Sacrobosco. É considerada ainda a *lunação* ou *duração duma lua*, tempo que vai duma a outra conjunção e que é dividido em quatro partes idênticas e com os mesmos atributos dos *quatro tempos do ano* «por a Lua fazer no mês o que o Sol faz no ano».

<sup>2</sup> Ver-se-á adiante que o Sol é figurado por um rei.

<sup>3</sup> É curiosa a frase «*Para Mayo*» (*D. Duardos*, II, 244; cxxxv v.) que parece equívaler à actual «*Para o dia de S. Nunca*» = nunca.

<sup>4</sup> É necessário ter presente que *dia* tem aqui o significado de «dia natural» = «dia artificial» (do nascer ao pôr do Sol) + «noite» (do pôr do Sol ao nascer do Sol). A primeira hora (hora de prima) começa ao nascer do Sol.



cúrio; a quinta, por Júpiter; a sexta, por Vénus e o sábado por Saturno. Daí os nomes dos dias da semana em várias línguas. Valentim Fernandes menciona-os no seu Relatório: *Domingo, lunes, martes, mercoles, joves, viernes e sabado* <sup>1</sup>.

Quarta-feira — dia de Mercúrio, dominante na primeira hora — aparece no Auto dos Físicos, (III, 317; CCXLVIII v.):

isso foy em quarta feyra  
Mercurio a ora primeyra

Martes — terça-feira — aparece como dia feliz, dia do deus dos «vencimentos» em *Serra da Estréla* (II, 424; CLXX):

E mais naceo em bom dia  
Martes, deos dos vencimêtos <sup>2</sup>

A quem estranhar, por ser hoje considerada pelo povo a terça feira um dos dias *aziagos* <sup>3</sup>, lembraremos que êstes, a

<sup>1</sup> Pág. 16: ... «e cada hũ dia toma denominaçã do Pranela ã sobre elle tẽ governo, como do sol o domingo. E porque elle he señor e principal dos outros, chamase dominico... ã tãto ãr dizer, como dia do Senhor e lunes da lũa... e sabado de Saturno».

O nome sábado vem explicado, todavia, por Tornamira (pág. 332): ... «en los seys dias primeros crio Dios todo el mndo con lo que ay enel, y enel septimo holgo: y assi quiso ã aquel dia fuesse sanctificado. De cuya causa los Hebreos lo llamaron Sabado, que se interpreta holgança. A mudança de nomes vem mencionada na página seguinte: «Dize Beda en el de natura rerum. ca. 8. que el Papa Sylvestre mudo los nõbres a los dias que les pusieron los Gentiles, mãndolos llamar Férias, ã significa guardar fiestas, o segũ algunos traer. Porque antiguamõte en los dias de fiesta se trayan offrendas a los Templos, y assi los llama la Iglesia, al Domingo prima feria: y desta suerte se va proseguendo hasta sexta feria que es el Viernes. Pero el nombre del Sabado, no lo mudo por memoria de que en tal dia auia holgado el Señor despues de auer criado todo el uniuerso mundo: y porque tambien aquel dia holgou enel Sepulcro».

<sup>2</sup> A *Martes* poderá ligar-se a idéa de *dies Martis*, entendendo-se: «nasceu em dia de Marte, deus dos vencimentos». Todavia, há um duplo significado, visto que *Martes* é o próprio deus. Cf. *Exortação da Guerra* (II, 364; CLIX):

Quando Martes influya  
seus rayos de vencimento

A forma espanhola *Lunes*, segunda-feira, vem em Rubena (II, 27; xci v).

<sup>3</sup> Diz-se até: «À terça-feira nem cases a filha nem urdas a teia».



que há referência nas *pragas* da Velha em *Quem tem farelos?* (III, 18; CXCIII v.):

perigo de dia aziago

não eram então determinados dias da semana, mas sim do ano, conforme a notícia dada por Valentim Fernandes a pág. 84 do Repertório:

«Os dias que se chamão asiagos som os que se seguem:

Janeiro	II.IIIII.VI	dias	Julho	XV.XIX	dias
Fevereiro	XI.XV.XX	dias	Agosto	XVIII.XX	dias
Março	V.XVI.XIX	dias	Setembro	XVI.XVIII	dias
Abril	XV.XIX	dias	Outubro	XVI	dias
Mayo	VII.XV.XIX	dias	Novembro	XV.XVII	dias
Junho	XVI	dias	Dezembro	VI.VII.XI	dias

Acêrca dos quaes dias muytas cousas hũas e outras contrairas escrevẽ, meu parecer he, nem dizer hũas nem outras».

Cada hora era dominada por um planeta. Dada aquela, o processo para determinar o dominante era simples: Postos os planetas por ordem, a partir de Saturno: Saturno — Júpiter — Marte — Sol — Vénus — Mercúrio — Lua, e tendo presente que o Sol domina a primeira hora do domingo, não temos mais do que percorrê-los sucessivamente, e o número de vezes preciso, no sentido Saturno → Lua.

Poderá verificar-se que a 1.<sup>a</sup> hora de segunda-feira é da Lua, a 1.<sup>a</sup> de terça-feira, de Marte, etc., justificando-se assim a atribuição dos dias da semana aos vários planetas como dominantes da primeira hora de cada um desses dias, como atrás ficou dito.

As alusões a *hora ditosa* (*Velho da Horta*, III, 83; CCV), *md hora* (*Lusitânia*, III, 264<sup>1</sup>; CCXXXIX), *hora negra*

1 — Claro que não temos a pretensão de apontar todos os lugares. Chamaremos todavia a atenção para as formas *aramã* e as dela derivadas (v. g. *Almocreves*, III, 216; CCXXX), bem como para *maocha* (*Rubena*, II, 31; XCII v.) ;com a terminação alterada (cf. *decho*) para afastar o malefício? (sugestão de meu marido). *Embora* (= em boa hora aparece em muitos passos. Citaremos apenas este (*Barca segunda*: I, 266; LIII v):

*Dia.* Mochacha venhas embora.

*Moça.* Mas na negra pois te vejo.



(*Lusitânia*, III, 280; CCXLII e) ou *escura* (*Lusitânia*, III, 297; CCXLV) envolvem referências à atribuição das horas e simultaneamente das côres, a bons ou maus planetas. Assim, Saturno, planeta maligno, domina sobre as côres negras.

## VI — Planetas e signos

### a) O Zodíaco

«Os Philosophos antigos considerarão no ceo hum circulo mayor, que tem de largo doze graus<sup>1</sup>, por meyo do qual passa hũa linha, que o divide em comprido & deixa a cada parte seis graos, ao circulo chamarão Zodiaco & a linha disseram ecliptica... Dividese este circulo em doze partes iguais, que chamão signos, & cada hum deles toma o nome da figura do animal de que estaa composto, como as estrellas do oitavo ceo, ou firmamento o pintam, & semelhão... & ainda que estas figuras do 8. ceo pareçam frivolas com tudo não são de desprezar, porque debaixo de tais ficções encubrião os poetas antigos todos os secretos naturais que alcançaram<sup>2</sup>...»

A linha que passa pello meyo deste circulo, chamou-se ecliptica, porque nela se fazem os Eclipsis... Estes doze signos descreve Manilio elegantemente.»<sup>3</sup>

O Zodíaco é importantíssimo na Astrologia. Referindo-se a êle escreve Tornamira (pág. 50):

«Llamase tambien signifero, por estar enel los signos, y circulo de vida: porque las cosas inferiores viven y se

<sup>1</sup> «Quere dizer, uma zona esférica de 12 graus de largo» (*Astron. dos Lus.*, 88; *R. U.*, II, 313).

<sup>2</sup> Cita-se a seguir um diálogo de Luciano, o I, 1 da *Metafisica de Aristóteles* e o *enigma* de Creóbulo narrado por Diógenes: Um pai tem 12 filhos, cada filho 30 netas parte brancas e parte pretas: são todas imortais e tódas morrem (o ano). Os femininos ligar-se-ão a «dies».

<sup>3</sup> André do Avelar, *Rep. dos Tempos*, f. 96.



procrean y sustentan con el movimiento de los planetas, y constellacion de los signos, *influyendoles varias y diversas operaciones*<sup>1</sup>: lo qual se haze debaxo del Zodiaco, como lo dizem los Physicos, Philosophos, y Astrologos».

As *operações dos céus*<sup>2</sup> a que se refere Mercúrio em I, 150; XXX v.:

Muytos presumem saber  
as operações dos ceos  
e que morte ham de morrer  
e o que ha dacontecer  
aos anjos e a Deos

E ao mundo e ao diabo

são estas operações astrológicas efectuadas, debaixo o Zodiaco, pelos céus de que os planetas são parte integrante.

*Signo* designa a duodécima parte do Zodiaco. Mas designa também a *imagem* que nêle se encontra<sup>3</sup>: isto é, a figura do animal que lhe deu o nome.

Do *Repertório* de Avelar (f. 99) transcrevemos a descrição dum desses signos para se ver como eram considerados:

«Do signo Cancer<sup>4</sup>.

Cancer quarto signo na ordem natural, foy assi chamado por metaphora: que assi como o cangrejo he animal retrogrado, assi tambem entrando o Sol nelle começa a retrogradar, & tornase para a equinocial. A sua imagem consta no oitavo ceo de noue estrellas. Fingião os antigos, auer sahido de hũa lagoa hũ cangrejo, & mordido a Hercules quando pelejou com a Serpe Lernea, mostrando por este inigma a natureza deste signo, o

1 O *itálico* é nosso.

2 Cf. Bonato; «operationes stellarum» (fôlha T, verso).

3 Nos repertórios é indicada a entrada do sol no *signo* (duodécimo do Zodiaco) e na *imagem* do signo.

4 Cf. *Auto da Feira*, (I, 154; xxxi):



qual he aquatico, & sua influencia fria, & humida temperada, idonea para os nutrimentos, porque da humidade sustentiua, & temperada pello qual he causado o mouimento na natureza, a dar doçura e nutrimento com que se crião, & viuem os vegetaes & animaes sensitiuos.

Entra o Sol neste signo a vinte & um de Junho, começa a entrar na imagem a oito de Julho, he feminino

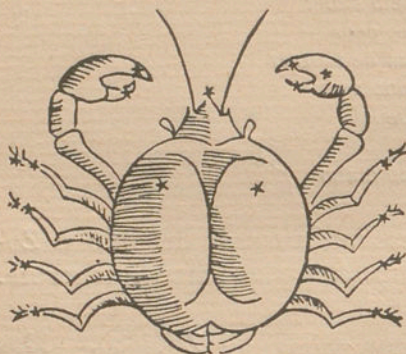


FIGURA 9

Cancer. (Do livro de Bonato).

nocturno, chama-se o coração do Septentrião he estivo solsticial, recto, & mobil, porque entrando nelle o Sol, se muda a qualidade do tempo feneendo o Verão e começando o estio, he casa diurna e nocturna da Lũa, exaltação de Jupiter, detrimento de Saturno, caída de Marte. Nos membros do homem tem efeitos no peito, estamago, & pul-

mão, tetas & baço tem as enfermidades destas partes, empedimento de olhos, sarna, lepra, impingens. Tem efeito sobre os ophycos & sobre o cair do cabelo e sobre as manchas do rosto. Dos sabores tem o acetoso, & salgado, das cores o branco & fumoso».

Levado pelo *deferente*, cada planeta — como estrêla errática que é — se desloca em relação às estrelas do oitavo céu. Mas o movimento faz-se de modo que todas as trajectórias planetárias ficam dentro do tronco esférico de que é limite, no 8.º céu, o Zodiaco; por outras palavras e como se dizia então: os movimentos planetários fazem-se «*debaixo do zodiaco*». Visto da Terra, o planeta percorre, pois, os successivos signos. E é dessas posições relativas de signos e planetas que sai a base de tôda a astrologia.



Vejamos como eram considerados os planetas, recorrendo, para isso, o indispensável na descrição dum deles, do *Repertorio dos Tempos*, de Valentim Fernandes <sup>1</sup>:

«Do terceiro ceo e do quinto Planeta que he Venus.

Ho terceiro ceo he onde Venus tẽ ho seu assento que he o quinto Planeta, ho qual esta constituido no circulo quinto da Espera, e em espaço de oytto annos consume seu circulo. E he señor do quinto clima onde esta Trapisonda, Costantinopla, Roma, Napoles, Narbona, Toledo e Lisboa. Suas casas no circulo do Zodiaco sam Taurus e Libra... He Planeta femenina, sua qualidade he fria e humeda, e he muyto bõ Planeta q̃ influe muyto bem no mundo. Pintãno como molher muyto fermosa... Tem senhorio sobre as molheres e meninos, jogadores, trovadores, e musicos. Em os metais sobre a fusaleira e azul, almecega, sal armonico, arzenefe, sobre as joyas e ortas e totalas cousas de prazer e flores. Em as animalias, sobre os corços, gatos, servos e todas as outras que são manchadas. Em as aves sobre as pombas, poupas, e sobre as cobras, formigas, aranhas. Em as arvores, sobre as macieiras, albicorques e totalas outras que tem bom cheiro. Dos vestidos os broslados e de cores. Aquelle q̃ tiuer por senhor no seu nascimento a esta Planeta sem ajuntamento doutro, sera homẽ grosso, branco, e alto do corpo, tera os olhos negros. Das quatro partes do mundo mostra sobre o Levante, seu dia he viernes, ou sexta feyra, e a ora primeira <sup>2</sup>, sua noyte he a noyte de terça feyra, e a ora oytava, sua força he sete graos avante e sete atraz. Em a ora de Venus (segundo diz Iginio) <sup>3</sup> aa tarde, ou pella manhã he bõ pera fazer

<sup>1</sup> Lembramos que a 1.<sup>a</sup> edição desta obra é de 1518 e que é já tradução doutra castelhana.

<sup>2</sup> Note a análoga colocação das palavras no *Auto dos Fisicos* (III, 317; CCXLVIII v.):

Mercurio a ora primeyra

<sup>3</sup> A primeira edição da obra de Hyginus será a de 1447 mencionada na nota de pág. 14 do *Almanach Bertrand* para 1905. As gravuras reproduzidas aí com noticia de serem tiradas da edição de Veneza (1506) da Obra de Bonato, são diferentes das que reproduzimos a seguir e que são da edição de Augsburgo, de 1491.



canos por onde ha de vir agoa das fontes e he bõ de poer os meninos aa escolla. Os que nacerem nesta ora viverão muyto, e o que for caminho arrecadara bem, e azinha tornara.»

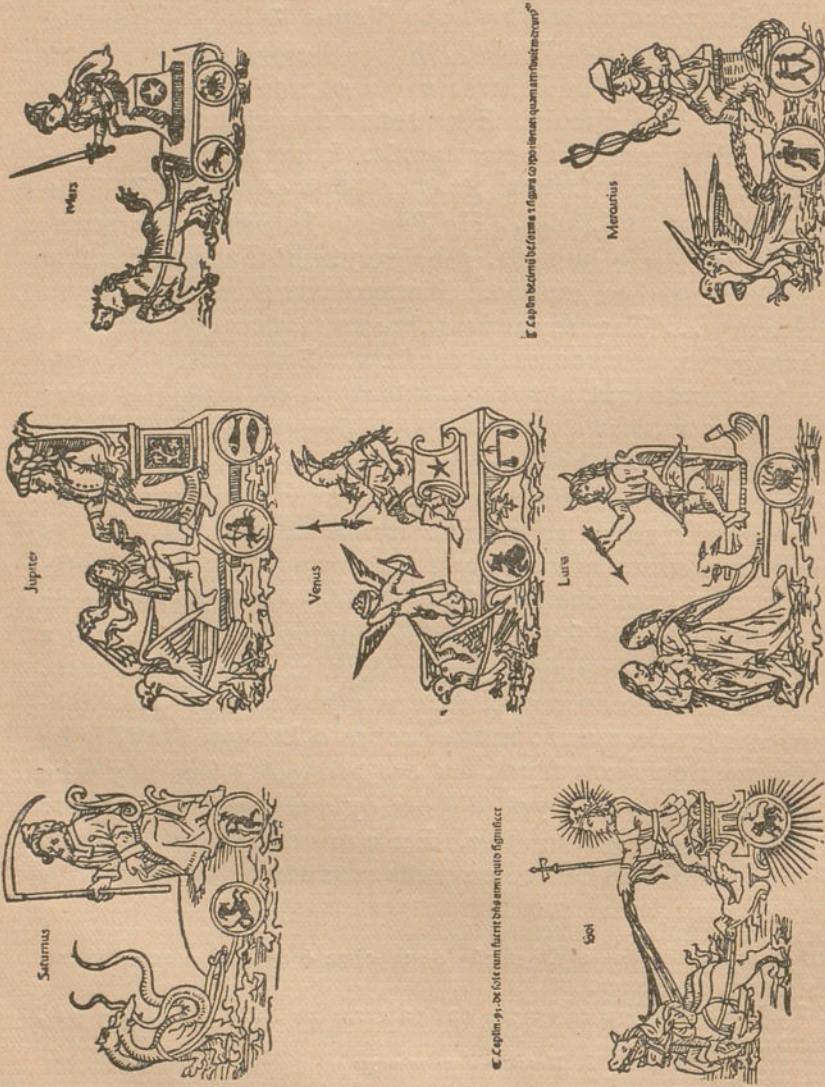


FIGURA 10  
Os Planetas (Redução dos do livro de Bonato que são iguais aos do *Astrolabium planum*)



## b) Os sete céus

A partir da região elementar, as primeiras sete camadas esféricas são «os sete céus», dos planetas: Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno <sup>1</sup>. Dêstes planetas, identificados a divindades, dependiam as vidas e os destinos <sup>2</sup>. Deus criara-os para êsse ser previligiado — o homem — que tinha por morada o centro do Universo (*Lusitânia*, III, 288; CCXLIII v.):

Os infernos sam pasmados  
dos sofrimentos de Deos  
que lhes criou sete ceos  
todos sete a eles dotados.

## c) Casas e detrimentos

A págs. 18 do *Rep.* escreve Valentim Fernandes:

«Chamãse signos, ã quer dizer, como casas ou **mora-**  
**das** do Sol»...

E, novamente a págs. 32:

«Signo nam quer dizer outra cousa, se nam casas ou  
moradas do Sol»...

Todavia a definição não é exacta. De todos os signos só um é *casa* do Sol <sup>3</sup>. Os outros signos são *casas* dos outros planetas.

À excepção do Sol e da Lua, cada um dos planetas tem duas casas (uma diurna e outra nocturna) e chamam-se *casas*

<sup>1</sup> Em geral (v. g. no *Rep.* de Valentim F.) os céus são contados a partir da região elementar e os planetas a partir do firmamento.

<sup>2</sup> Por isso se «concertam» planetas e signos nas *Côrtes de Júpiter* com que tem estreita analogia o «*Concilio dos deuses*» no c. 1 dos *Lusiadas*.

<sup>3</sup> Cf. *Astronomia dos Lusiadas*, 88 (*R. U.*, 11, 490). *Aposentos de de Febo limitados* = signos em que o Sol está (pousa) nos sucessivos meses do ano.



dum planeta, os signos do Zodíaco atingidos os quais o planeta tem a fôrça máxima.

É o que se encontra nos tratados de astrologia e nos repertórios. Transcrevemos do de Avelar:

«Estas sete estrelas erraticas estão nos primeiros sete ceos.

... Cada hum tem duas casas dos doze signos do Zodíaco, tirâdo o Sol & Lũa, que não tem mais que hũa cada hum, & assi ficam todos os doze signos repartidos pelos sete planetas na forma seguinte:

Saturno está no setimo ceo e suas casas sam:	Capricornius Aquario
Jupiter está no sexto ceo, suas casas sam	Sagitario Pisces
Marte está no quinto ceo & suas casas sam	Aries Escorpiam
O Sol está no quarto Ceo & sua casa he o signo de	Leo
Venus está no terceiro Ceo & suas casas são	Tauro Libra
Mercurio está no segundo Ceo e suas casas são	Geminis Virgo
A Lũa está no primeiro Ceo e sua casa he somente o signo de	Cancer

Chamaranse estes signos casas dos Planetas<sup>1</sup>, porque nellas se mostravão mais evidentemente suas influencias que nos outros.»

Do livro de Nabod reproduzimos a figura esquemática relativa ao assunto.

<sup>1</sup> As casas dos planetas encontram-se figuradas nas rodas das caruagens que levam os planetas (Vid. fig. 10).



Em linha vertical encontram-se os sinais representativos dos planetas: *Saturno, Júpiter, Marte, Vénus e Mercúrio;*

aos lados, imediatamente abaixo, o da *Lua* à esquerda, e o do *Sol* à direita. Em linha horizontal os signos do zodíaco: *Aquarius, Pisces, Taurus, Cancer, Leo, Virgo, Libra, Scorpio, Sagittarius e Capricornius.* Os traços indicam as casas de cada planeta.

scripsimus.

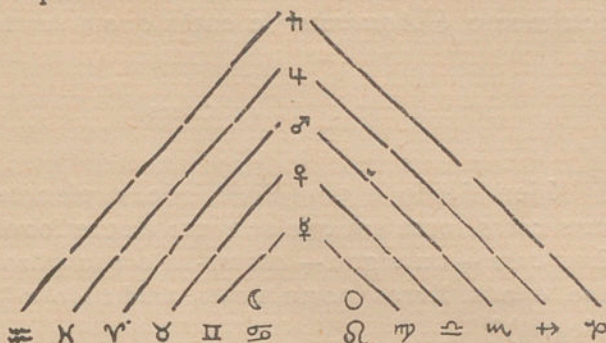


FIGURA II  
(Do livro de Nabod)

Os traços indicam as casas de cada planeta.

Em resumo:

O Zodíaco é dividido em doze *casas* ou *signos*. Em cada uma dessas divisões<sup>1</sup> está a *imagem*. Tanto esta como a *casa* são designadas pela mesma palavra *signo*.

Gil Vicente torna os signos (imagens) moradores dessas *casas* a que põe tetos... de palha! (*Feira*, I, 154; XXXI v.):

No zodiaco acharam  
doze moradas palhaças<sup>2</sup>  
onde os sinos estão  
no inverno e no verão  
dão a Deos infindas graças.

<sup>1</sup> Cada signo (de 30 graus) é dividido em três partes (de 10° cada uma) chamados *decanos* (latim *facies*). Cada decano pertence a um dos planetas.

<sup>2</sup> Cf. Dr. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, II (parte I), X [Linguagem popular] de Guimarães, pág. 252: «palhaça: «casas térreas e palhaças» (à letra, cobertas de palha) num ms. de 1661. Hoje diz-se *casas colmaças*, isto é, cobertas de colmo.» Vid. também Barros, *Década*, I, liv. IV, cap. IV (logo ao principio): «cujas casas eram palhaças».

Salientámos, a pág. 55, o emprêgo de *moradas*.



Os signos do zodíaco diametralmente opostos às *casas* de cada planeta, são os *detrimentos* desse planeta. Assim, a casa do Sol é *Leo* (é então que o Sol tem mais força); o seu detrimento é *Aquarius* (é então que a sua força é mínima).

#### d) Gozos

Identificado a uma divindade, o planeta tem, além das suas casas, uma em que se sente alegre logo que nela entra. Essa casa — ou signo — chama-se o seu gôzo<sup>1</sup> — palavra por que é nos livros portugueses traduzido o latim *gaudium* (alegria)<sup>2</sup>.

Planetas e gozos aparecem personificados na *Frágoa de Amor* (II, 334; CLIII). Novamente o poeta aproveitou o duplo sentido duma palavra tendo posto como capitão da «*frágoa*» o deus Cupido.

#### e) Exaltações e caídas

Chama-se *exaltação* dum planeta ao signo atingido pelo planeta na época em que a sua acção mais se faz sentir pelas mudanças que opera; e chama-se *caída* ao signo diametralmente oposto. Por exemplo:

A primavera começa quando o Sol atinge o signo de *Aries*. Tudo desperta então para uma nova vida: *Áriès* é, por isso, a *exaltação* do Sol. A sua *caída* é o signo de *Libra*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vid. a fig. 15 onde estão indicados.

<sup>2</sup> Nabod, pág. 30: «Signa autem, in quae planetae dum intrant, dicuntur gratulari in eis, & domini eorum, secundum Dorotheum sunt haec: Saturnus dum intrat Aquarium, gaudere dicitur: Iuppiter in Sagittario, Mars in Scorpione, Venus in Tauro, Mercurius in Virgine». A este *gaudium* (alegria, gôzo) se deve ligar o que se lê em III, 83; ccv:

... em hora ditosa  
quando Jupiter se ria.

<sup>3</sup> Nabod, 38: «Exaltatio seu altitudo planetae apud Astrologos non intellegitur de situ locali seu distantia à terra vel ab alio puncto, quali imaginatione deceptus est Plinius, sed de parte signiferi, quam cum stellae



A-pesar-de a exaltação se efectuar em determinado grau do signo, Ptolomeu attribuía-lhe o signo completo <sup>1</sup>.

À exaltação há referência nas *Côrtes de Júpiter*, (II, 398; CLXV). A Providência manda chamar Júpiter, que por concessão divina ela própria fizera rei do mar, dos ventos e dos signos <sup>2</sup>, para que faça côrtes. A sua acção, deve por isso fazer-se ao máximo sentir pelas alterações que vão produzir-se: reunião de planetas, prisão de ventos, etc. Por isso a Providência o manda subir à exaltação <sup>3</sup>:

Sobi a vossa exaltaçam  
e manday chamar o maar  
e manday por em prisam  
os ventos do Meridiam

. . . . .

E venha a Lua...

O Sol e Venus...

\*

À exaltação e à caída do Sol anda ligada a divisão fundamental do ano em duas partes: verão e inverno. Todavia, no ano consideram-se ainda as divisões destas duas partes fundamentais, dando as quatro estações — *os quatro tempos*,

---

adeptae fuerint, maximam mutationem in aëre atque reliquis rebus inferioribus ostendunt. Veluti Sol cum primum partem 19 Arietis ingressus fuerit, statim ver manifestum nobis ostendit. Ratio ergo altitudinum haec est. Sol extollitur in Ariete, quod per Arietem in semicirculum Aquilonarem scandens, & dierum & calorum in corporibus euidencia incrementa faciat. Idem Sol ex contraria causa in Libra deiectus iacet, siquidem, ut antea dicebamus, quantum virtutis & energiae signorum cognata qualitas stellis adjicit, tantum proprij roboris contrariorum seu oppositorum locorum dissimilis constitutio eiusdem adimit.» (No texto, em vez de *Sol*, *Libra*, etc. encontram-se os símbolos.)

<sup>1</sup> Nabod, 37: «Sol exaltatur in Ariete, hoc est in XIX gradu eius. Luna in III gradu Tauri. Saturnus in XXI gradu Librae. Iupiter in XV gradu Cancr. Mars in XXVIII gradu Capricorni. Venus in XXVII gradu Piscium. Mercurius in XV gradu Virginis... Ptolemoeus autem ponit Arietem totum exaltationem Solis, & Taurum totum exaltationem Lunae & caetera similiter.

<sup>2</sup> É o que graciosamente está em I, 154; XXXI: ... Iupiter rex regum Dominus Dominantium.

<sup>3</sup> A exaltação de Júpiter é o signo de *Cancer* (Vid. fig. 15).



como se dizia então os quais são assim considerados no *Rep. de Avelar* (f. 24 v. e seg.):

«Vendo os antigos Filósofos que o Sol no discurso de hũ anno faz hũa geral mudança de tempos, ... dividiram o ano em quatro quartas, ou partes, que cada hũa dellas tivesse tres meses comũs, chamando-as Verão, Estio, Ottono, Inverno, ... Os Astrologos dão principio a estas quartas quãdo o Sol entra no principio dos signos que causam os Solsticios & os equinocios: de maneira, que começam o Verão<sup>1</sup> quãdo o Sol entra no primeiro grao de Cancer..., o Ottono quando entra no signo de Libra..., o Inverno quando entra no primeiro de Capricornio...».

Depois, võem os pormenores:

«O Verão se chamou assi de vere vocabulo Latino, que vem de vireo que significa reuerdecer porque nesta quarta todas as plantas & eruas florem... Compara-se ao elemento do ar, he quente, & humida; predomina nela o sangue; das idades lhe dão a infancia & adolescência<sup>2</sup>»...

---

<sup>1</sup> Gil V. emprega sempre *Verão*. É de notar, todavia, que Valentim Fernandes emprega primavera: Em a primavera e o estio a sangria ha de ser em a parte direita: e no outono e inverno em a esquerda» (pág. 84. Vid. também págs. 91-92, *Juízo astronomico*).

<sup>2</sup> As idades do homem, consideradas por Pitágoras, eram quatro, correspondentes às 4 estações. De Chaves, transcreve Avelar (f. 30 v. e segs):

«A mininice comparou ao Verão & esta idade dizia ser o Verão do homem. A mocidade comparou ao Estio por causa do calor, & força dos homẽs naquella idade. A juventude, ou idade varonil, disse ser o Ottono do homẽ, porque nesta idade parece ter elle inteiro & maduro júizo. A velhice comparou ao Inverno porque assi como o Inverno he tẽpo trabalhoso & triste, assi também o tempo de velhice he trabalhoso...»

Os astrologos seguirão outra opinião, & parece mais chegada à razão natural & he esta. Dividiram toda a vida do homem em sete partes attribuindo cada hũa dellas ao dominio de algũ dos sete planetas e



Tal nos aparecem no *Auto dos quatro Tempos* (I, 83; XVII):

Veram cantando

. . . . .  
 reverdeen los uteros  
 los valles, sierras, y prados  
 . . . . .  
 Salgan los nuevos vapores  
 pintese el campo de flores  
 . . . . .  
 Suso, suso, los garçones  
 anden todos repicados,  
 namorados, requebrados  
 renouar los coraçones:  
 agora reyna Cupido  
 desde vido  
 la nueva sangre venida,

A seguir, a parte astronómica: a passagem do Sol pelo ponto vernal (intersecção da eclíptica com a equinocial) — passando assim do hemisfério austral ao boreal — e o per-

esta divisam seguiram os Caldeos, Arabes, Gregos & Egypcios como parece por Ptolemeo . . .

A primeira . . . se chama infância . . . até os quatro annos. Neste tempo tem principal dominio a Lua . . .

A segunda . . . he desdos quatro annos ate os quatorze: chamase puericia . . .

A terceira idade he desdos quatorze annos até os vinte e dous cumpridos; chama-se adolescência . . .

A quarta idade he desdos vinte & dous annos até os 41. & chamasse juventude . . .

A quinta idade he desdos 41 annos até os 56. Chamase virilitas . . .

A sexta idade he dos 56 annos até os 68 & chamase senectud . . .

A setima idade he desdos 68 até os 98. Chamase idade caduca & decrepita; . . . se algũs passam desta idade tornão a primeira infancia, & assi sam como mininos.»

A tabela seguinte é transcrita também por Avelar da de f. 38 de Chaves:

Luna	4	Infancia
Mercúrio	14	Puericia
Venus	22	Adolescencia
Sol	41	Juventud
Marte	56	Virilitas
Jupiter	68	Senectud
Saturno	98	Decrepitus ( <i>sic</i> )
Luna	0	Infancia



curso dos três signos zodiacais *Aries*, *Taurus* e *Gemini* (I, 85; XVII v.):

El sol que estaua somido  
partido deste orizon  
se sube a septentrion  
eneste tiempo garrido.  
por esse vengo florido  
.....  
Geminis, Toro, y el Carnero  
me traen loco perdido.

Do Estio diz-nos Avelar:

«O Estio tomou o nome de *Æstas* que significa quentura: atribuem-lhe o elemento do fogo, que he quête e seco, & dos humores a colera, & das idades a iuentus que he do mancebo.»<sup>1</sup>

Gil Vicente assim o apresenta, indicando o tempo da sua duração pelo percurso do Sol através dos signos de *Cancer*, *Leo* e *Virgo* (I, 85; XVII v.):

Estio

Terrible febre yfimera  
etica, y fiebre podrida.  
me traen seca la vida  
.....  
ardo de dentro y de fuera.  
.....  
Cancer, Virgo, y el Leon,  
los resistros de mis dias  
saben las coleras mias

Segue-se, no *Rep.* de Avelar a descrição do Outono:

«O Autumno, ou Ottono se diz de Autumno, q̃ significa doente, & tempestuoso; porque nesta quarta soe auer

<sup>1</sup> Vê-se que Avelar se refere sempre à divisão feita pelos Astrólogos. E, se assim se fazia no séc. XVI, teremos de não deslocar para muito longe de 1531 a data do nascimento de Camões («mancebo» na *Carta de perdão* de 1553 e ainda no verão da vida ao escrever a est. 9 do c. x dos *Lusíadas*, com certeza não muito antes de 1572).



muytas infirmitades, & tormentas no mar: outros dizem, que significa este nome maduração, & por estarem nesta quarta todos os frutos sazonados, se chamou assi; comparese à terra, que he fria & seca, predomina a melanconia & das idades atribueselhe a idade viril»..

A colher os frutos sazonados nos aparece em (I, 87; XVIII):

Outuno

Ya todo estaa madurado  
Yo vengo coger el fructo...

Vem por último em Avelar a *quadra do ano* que primeiro aparece no Auto — o Inverno:

«O Inverno se disse de Hyems, que significa frio, & esterilidade, porque nesta quarta faz grandes frios & està todo o campo esteril: outros dizem, que vem este vocabulo de Imi, que quer dizer ametade do ano<sup>1</sup>; comparese esta quarta ao elemento da água, que he fria & humida, preualece a fleyma, & atribueselhe a idade da velhice»...

Frio e húmido é êle em (I, 81; XVI v.):

Ora pues eya rauiar  
.....  
que nho ay pedernal  
ni parejo de callentar  
.....  
enfriame el coraçon  
.....  
La lluuia como desgrana,

---

<sup>1</sup> Avelar vai traduzindo Chaves, mas — neste ponto — menos bem. O que em Chaves se encontra (f. 30 v.) é:

«Otros deriuam este vocablo de ymi que quiere dizer mitad: porque el vulgo diuide el año en dos mitades: Chamãdo solamiente inuierno y verano, y al inuierno cõsidera por la una mitad del año.»

Nesta divisão há a ligação aos dois pontos das influências máxima e mínima sôbre a Terra: a *exaltação* e a *caída* (signos de *Aries* e *Libra*).



\*

O Inverno do *Auto dos quatro Tempos* é acompanhado do «círcio» (*cierço*) um dos ventos mencionados nos *Repertórios*. Do de Chaves (f. 63) — por ser escrito, como o Auto, em castelhano — transcrevemos:

«Cyrcio nasce a la parte diestra del Septentrion: los Españoles lo suelen llamar Gallego: los Italianos lo llamauã Gallico, porque venia de hazia Francia: los Franceses lo llamauã Cierço: los del Leuante lo suelen nombrar Maestral o Tramontana maestral: los del mar Oceano en comũ lo llaman unas vezes Noruest y otras Nornoruest. Es un viento templadamente frio, y excessivamente seco: suele causar granizos y vimes, suele este (como escriue Plinio) correr tã rezio <sup>1</sup>, que en la prouincia de Narbona se lleva los techos de las casas».

É este vento que seca a pele e a faz estalar, aquele a que o nosso povo chama «*vento de arreganhar o dente*». Gil Vicente designa-o por *regañon* como se dissesse o *arreganha dente* em (I, 81-82; XVI v. e XVII):

vienta mas rezio que vn fuele  
de parte del regañon  
.....  
O que friasca nebrina  
granizo, lluuia, ventisco  
todo me pierdo a barrisco  
el cierço me desatina

*Arreganhado* <sup>2</sup> torna a aparecer no *Triunfo do Inverno* levando tudo pelos ares (II, 449-451; CLXXV):

Inuerno

Sepan todos a barrisco  
que yo me soy Iuan de la greña  
estragador dela leña  
y sembrador del pedrisco  
.....

<sup>1</sup> Note o emprêgo desta palavra no passo a seguir transcrito.

<sup>2</sup> Diz-se actualmente: «Hoje está *de arreganhar o dente*» ou «H. e. *de arreganha o dente*» ou «H. e. *arreganhado*».



Dios delos frios vapores  
 y señor delos fiublados  
 . . . . .  
 . . . . .  
 Luego el cierço regañado  
 traya nieues y fiublados  
 que ni valgan abrigados  
 ni corrales al ganado.

O *circio* formava com o *Norte* ou *Tramontana* e *Bóreas*, de que se faz menção no *Auto dos quatro Tempos* (I, 88; xviii) o grupo dos ventos Setentrionais, os quais, segundo Chaves, «hazen los spiritos y sentidos mas puros» e «son empecientes a los Ethicos mayormente el cierço que restríne el pulmon»<sup>1</sup>.

Três outros ventos, chamados Orientais — *Cécias*, *Subsolano* e *Euro* — «parecen alterar algun tanto los cuerpos», segundo Chaves. Êste *Subsolano*, ou simplesmente *Solano*<sup>2</sup>, figura no *Triunfo do Inverno* (II, 451; CLXXV v.):

Afuera, afuera calores  
 y locuras del verano  
 y trayga el viento solano  
 otros misterios mayores.

Os ventos Meridionais, considerados pestilenciais — *Euronoto* ou *Austro Siroco*, *Austro Noto* ou *Vendaval* e *Libanoto* — são aqueles que, em II, 398, CLXV, Júpiter deve mandar prender visto que — afora os efeitos malignos — contrariam, por soprarem do Sul, a Viagem da Infanta:

e manday por em prisam  
 os ventos do Meridiam  
 que impedem seu navegar.

<sup>1</sup> Avelar reproduz de Chaves a figura dos ventos. Foi reproduzida também na *Ast. dos Lus.*, pág. 103 (*R. U.*, II, 505). São doze os ventos marcados pela ordem por que os indicamos, devendo notar-se que começamos pelo que fica imediatamente antes do Norte e os mencionamos no sentido: Norte — Leste — Sul — Oeste.

<sup>2</sup> O *Solano* (hoje *Soão*) é o vento leste de cujos efeitos no nosso país se originou em parte o provérbio: «De Espanha, nem bom vento nem bom casamento».

Há outro *Solano* mas sempre acompanhado pelo determinativo *meridional* (Varra, «del viento Sueste, xaloque o Solano meridional»).



Os Ocidentais são *Áfrico* ou *Líbio*, *Favónio* ou *Zéfiro* e *Corus*<sup>1</sup>.

\*

Das referências de Gil Vicente aos pontos cardiais<sup>2</sup> que acabamos de considerar na descrição dos ventos, salientaremos uma em que pode estar a origem dum passo dos *Lusíadas*. O Império de D. Sebastião — tão grande que por por todo um hemisfério se estendia<sup>3</sup> — era já o de D. Manuel (*Exortação*, II, 369; CLX):

Este Rey tam excelente  
muyto bem afortunado  
tem o mundo rodeado  
Doriente ao Ponente.

\*

Voltando ao *Auto dos quatro Tempos*, se é preciso procurar-lhe uma origem, não deverão desprezar-se os elementos

<sup>1</sup> Os «ventos dos marinheiros» mencionados por Valentim Fernandes (pág. 52 da ed. de Bensaúde) conservam os seus nomes. Gil Vicente apresenta alguns deles nas *Côrtes de Júpiter* (II, 401; CLXVI): *Noroeste*, *Norno-roeste*, *Norte*, *Nordeste*, *Sueste*, *Sul* e *Sudoeste*.

<sup>2</sup> *Perder o norte* (cf. andar desnortheastado), expressão ainda hoje usada, aparece em II, 178; CXXII (*perdi el norte*) e deve ter origem na orientação pela estrela do Norte, ou polar, guia dos nossos marinheiros. A arte de navegar anda ligada a expressão *Leste a Oeste* que se encontra em III, 213 CCXXX; ou *Leste e Oeste* a que jocosamente se junta o Brasil em III, 317; CCXLVIII v.). Já a ela nos referimos em «Subsídios para o estudo da Flora Camoniana», VII (*Biblos*, vol. XII, 1936, pág. 220).

<sup>3</sup> Teremos de considerar o hemisfério limitado por um meridiano e compreendendo a Índia ao oriente, o Brasil ao poente e, «no meio», Portugal continental e os domínios africanos, nos *Lus.*, I, 8:

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio  
O Sol logo em nascendo ve primeiro,  
Veo tambem no meio do Hemispherio,  
E quando deice o deixa derradeiro.

Ainda noutros lugares se poderá considerar Gil Vicente precursor de Camões.



a que aludem os próprios repertórios. No de Chaves, por exemplo, diz-se (f. 30 e seg.):

«Estes quatro tiempos del año q̄ auemos escrito com todas sus calidades, dio a entender em breues palauras Ouidio en sus transformaciones dizendo assi: En la casa del Sol estaua el verano florido, con una capa de mil colores, adornado de varias y diversas flores y rosas. Y el estio estaua desnudo y seco, cubierto de liuianas hojas, y coronado de espigas. El otoño suzio con sus vendimias. Y el inuerno muy mojado, roto y muerto de frio con los cabellos empeluzados.»

Avelar (f. 26) ilustra a tradução dêste passo com os versos do Sulmonense acompanhados da indicação de pertencerem ao l. II:

*...purpurea uelatus ueste sedebat  
In solio Phæbus claris lucente smaragdīs.  
A dextra, læuaque Dies, et Mensis et Annus  
Saeculaque et positae spatiis æqualibus Horae  
Verque nouum stabat cinctum florente corona,  
Stabat nuda Aestas et spicea sarta gerebat,  
Stabat et Autumnus, calcatis sordidus uuis,  
Et glacialis Hyems, canos hirsuta capillos<sup>1</sup>.*

#### f) Triplicidades

Com os doze signos Zodiacais se formaram quatro grupos de três. Cada um dêsses grupos, chamado *triplicidade*, é formado por signos da mesma natureza e a cada um dos grupos se atribuem as qualidades dum dos quatro elementos (fôgo, ar, água, terra), dum dos quatro humores (sanguíneo, colérico, *flegmático*<sup>2</sup>, melancólico) e dum dos quatro ventos

<sup>1</sup> *Metamorfoses*, II, v. 22-30.

<sup>2</sup> A forma é conservada por conselho do prof. Dr. Ricardo Jorge. *Fleumático* e *fleimático* hoje usados não correspondem, pelo sentido, ao antigo *flegmatico* ou *fleymatico*.



Capitulum viderimus de quibus tripliciter dicitur in planetarum.  
 Oportet quod dicitur philosophi tripliciter a se sunt quatuor: et dicitur quod  
 de his quibus omnia tria signa que cono: de in vna natura et in vna  
 conspiciuntur facit vnam triplicitatem: et dicitur triplicitas quod si tria tripla  
 esse.

¶ De prima triplicitate.



¶ Dicitur igitur leo et sagittarius facit primam triplicitatem. Leo est cui  
 signum ignis calidum et siccum: et sic est vnum signum calidum et siccum.  
 Et leo similiter est signum calidum et siccum: et sic sunt due signa calida et sic-  
 ca. Et sagittarius est signum calidum et siccum: et sic tripliciter signum calidum  
 et siccum. Et sic sunt tria signa conuenientia in vna conspiciuntur. ¶ Et hec  
 triplicitas dicitur calida et sicca quia vnumquodque istorum signorum est ignis  
 calidum siccum in seipsum dicitur sic dicitur coloratum saporem amarum.  
 Et ista triplicitas dicitur dicitur dicitur: cum triplicitatis dicitur sunt in die sol: in  
 nocte imperat quod participatam in die et in nocte est saturnus. c 1

¶ De secunda triplicitate.



¶ Taurus vero virgo et capricornus facit secundam triplicitatem: quia vnum  
 quodque istorum signorum est terre frigidum et siccum siccum in nocturnum me-  
 lancholicum mercurium saporem acre sine aceto sum. Et hec triplicitas dicitur  
 mercurialis: cum triplicitatis dicitur sunt in die venus in nocte luna: quod  
 participatam in die et in nocte est mars.

¶ De tertia triplicitate.



¶ Gemini autem libras et aquarius facit tertiam triplicitatem: quia vnum  
 quodque istorum signorum est aeris calidum siccum et humidum masculi-  
 num dicitur sanguis occidit ac saporem dulce. Et hec triplicitas dicitur  
 occidit ac: cum triplicitatis dicitur sunt in die saturnus in nocte mercurius  
 quod participatam in die et in nocte est imperat.

¶ De quarta triplicitate.



¶ Conter quod scorpio et pisces facit quartam triplicitatem: quia vnum  
 quodque istorum signorum est aquarum frigidum salicet et humidum feminini-  
 mum dicitur sanguis occidit ac saporem salum et in quosdam insipidum. Et hec  
 triplicitas dicitur dicitur dicitur: cum triplicitatis dicitur sunt in die venus in nocte  
 mars quod participatam in die et in nocte est luna.

¶ Capitulum viderimus de signis mobilibus hris et commutibus.

FIGURA 12

Triplicidades (Do livro de Bonato.)



que sopram dos quatro ângulos do Mundo (Norte, Sul, Oeste, Leste)<sup>1</sup>.

Para cada triplicidade há um planeta que dela é senhor de dia, outro que dela é senhor de noite e outro<sup>2</sup> que dela participa, com os senhores, de dia e noite.

Do que se encontra a pág. 468 e 469 do *Rep.* de Tornamira resulta a seguinte tabela:

				SENHORES		PARTICIPANTE	
				<i>De dia</i>	<i>De noite</i>		
TRIPPLICIDADES	1. <sup>a</sup> Do Fogo (Oriental)	{ Aries Leo Sagittarius }	{ Quentes e secos }	Coléricos	Sol	Júpiter	Saturno
	2. <sup>a</sup> Da Terra (Meridional)	{ Taurus Virgo Capricornius }	{ Frios e secos }	Melancólicos	Vénus	Lua	Marte
	3. <sup>a</sup> Do Ar (Occidental)	{ Gemini Libra Aquarius }	{ Quentes e húmidos }	Sanguíneos	Saturno	Mercúrio	Júpiter
	4. <sup>a</sup> Da Água (Setentrional)	{ Cancer Scorpio Pisces }	{ Frios e secos }	Flegmáticos	Vénus	Marte	Lua

Esta, é conforme, no que diz respeito a *senhores e participantes*, com o que se encontra em Nabod (vid. fig. 15) e em Bonato (vid. fig. 12). Mas, neste capítulo há divergências entre os autores. Assim, ao passo que os árabes ligam cada triplicidade a um dos pontos cardiais, Ptolomeu liga-as a dois. (Tornamira, 468):

Arabes	Ptolomeu
Oriental	Setentrional com participação Occidental
Meridional	Meridional com participação Oriental
Occidental	Oriental com participação Setentrional
Setentrional	Occidental com participação Meridional

<sup>1</sup> Chaves, *Rep.*, 61: «Los antiguos solamête consideraron quatro vientos principales, que procediã de los quatro angulos o plagas del mundo: y estes eran Subsolano, del Oriête, Austro del Medio dia, Fauonio del Poniente, Septentrion dela parte del Polo arctico.

<sup>2</sup> Ou outros, como se lê no *Rep.* de Varra.



Também Ptolomeu (Nabod, 47) dá por *senhor* da 4.<sup>a</sup> triplicidade, de dia e de noite, Marte, e por *participantes*: de dia, Vénus, e de noite, a Lua. Quanto às outras triplicidades não lhes atribue participantes.

Varra segue Ptolomeu, mencionando, por isso, os ventos Noroeste, Sueste, Nordeste e Sudoeste, em vez dos que sopram dos pontos cardiais. Afasta-se, porém, dêste autor e dos Árabes no que respeita a *senhores* e *participantes*, apresentando a classificação seguinte:

«Aries, Leão y Sagitario, son del Sol de dia: de Jupiter de noche: de Saturno y Marte de dia y de noche.»

«Tauro, Virgo y Capricorno, de dia Venus y Marte de noche, la Luna y Saturno de noche.»

«Gemini, Libra y Aquario, Saturno de dia, Mercurio de noche, Jupiter de dia y de noche.»

«Cancer, Escorpion y Pisces, Venus de dia Marte de noche, la luna de dia y de noche.»

E nota a divergência entre os Árabes e Ptolomeu, quando escreve:

«Los señores de la triplicidad, segun los Arabes gobiernan la nutricion, y los que lo fueren segun Ptolomeo gobiernan los vientos.»

Segundo esta classificação, entre os signos de que Marte é, ou *senhor*, ou *participante*, encontram-se os que acompanham êste planeta nas *Côrtes de Júpiter* (II, 413; CLXVIII v.):

...«foram chamar o planeta Mars, o qual veo com seus sinos. s. cancer, leo, & capricorneo»...

Em verdade êles não formam uma «triplicidade». Mas o facto de aparecerem *três e pertencentes a um planeta*, mostra que o Poeta queria com êles formar uma triplicidade jocosa, apresentando em tão discutido capítulo uma opinião também: verdadeira sátira!



## g) Aspectos

Lê-se em Avelar (f. 276 v.):

«Aspeito he hũa certa proporsão & respeito em que se achão os planetas hũs com os outros mediãte o qual se comunicam seus razos <sup>1</sup>, & forças & as mandam a terra aos corpos inferiores.

Estes aspectos são cinco. s. conjunção : sextil : quadrado : trino : opposição. A conjunção he quando dous, ou mais Planetas estão juntos no mesmo signo, & grao do Zodiaco assi em longitude como em latitudo... A conjunção dos bons sempre he boa, a dos maos maa, & a do bom com mao he pera temer...

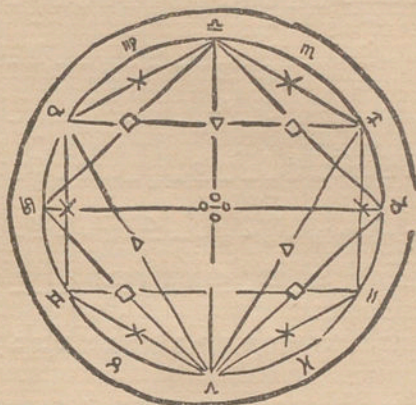


FIGURA 13

Esquema dos aspectos  
(Das *Ephemerides* de Regiomontano)

O aspecto sextil he quando dous Planetas se afastam pela sexta parte do Zodiaco, que he por sessenta graos & chamase aspecto mediocre de mea amizade.

O aspecto quarto se diz quando dous Planetas se afastão pella quarta parte do Zodiaco, que he por noventa graos <sup>2</sup> & chamãlhe de mea amizade.

O aspecto trino he quando dous Planetas se afastão pela tersa parte do Zodiaco, que são cento : & vinte graos, & chamase de perfeita amizade.

<sup>1</sup> É um erro. Entenda-se: *rayos* (como na ed. de 1594). Levam-se em conta os raios saídos dos planetas e os *aspectos* chamam-se *radiações*.

<sup>2</sup> O aspecto *quarto* mantém-se na linguagem aplicado ao Sol e Lua. Os *quartos* (crescente e minguante) correspondem ao aspecto de quarto. Mantem-se igualmente *oposição* e *conjunção*; desapareceram os dois aspectos — que só à astrologia interessavam — *trino* e *sextil*.



1497	m. d.f.		v.m. d.f.		v.f. d.	
Julia.	☉	☽	♄	♃	♂	♀
	♁	♂	♁	♂	♁	♂
	♁	♁	♁	♁	♁	♁
1	18	2	4	12	24	32
2	18	59	18	48	24	35
3	19	56	3	44	24	38
4	20	53	18	46	24	40
5	21	50	3	37	24	42
6	22	48	17	56	24	44
7	23	45	1	42	24	46
8	24	42	15	9	24	48
9	25	39	28	28	24	50
10	26	36	11	31	24	52
11	27	34	4	13	24	54
12	28	31	6	30	24	56
13	29	28	18	49	24	58
14	30	25	1	3	24	59
15	1	22	13	6	25	0
16	1	20	25	3	27	2
17	3	17	6	2	28	5
18	4	14	18	28	28	11
19	5	12	0	7	28	18
20	6	9	12	4	28	25
21	7	6	24	25	28	32
22	8	4	7	13	28	39
23	9	1	10	8	28	46
24	9	59	3	16	28	53
25	10	56	16	38	28	0
26	11	54	0	22	28	7
27	12	51	14	19	28	14
28	13	49	28	6	28	21
29	14	46	13	15	28	28
30	15	44	27	53	28	35
31	16	41	11	42	28	42

1497	Aspectus lune ad solem & planetas					Solis & planetaru inter se	
Jul.	☉	♄	♃	♂	♀	♁	♂
	oz	oz	oz	oz	oz		
1			Δ	♁			♁♁
2		Δ	10		♁	16	
3			□	♁			♁♂ Δ ♁♁
4	*	3		Δ	9		
5			*	♁		*	♁
6	□	9	♁	12	□	10	* 21
7						□	21 ♁♁♁
8	Δ	9		*	14		♁♁♁
9			♁	9	□	5	
10						Δ	10
11		Δ	1		Δ	15	
12							
13	♁	12	30	□	10	♁	5
14			*	5			♁♁
15							Δ ♁♁
16		*	♁	□	17	♁	15 ♁ 1
17							Δ ♁♁
18				*	4		
19	Δ	11		Δ	7		□ ♁♁
20				□	16		
21		♁	1		Δ	16	Δ 19 □ ♁♁ ♁♁♁
22	□	2		Δ	22		
23					□	22	
24	*	3		♁	0		□ 6
25		*	15				
26					*	3	* 16
27		□	18	♁	7		
28			Δ	7			♁♁
29	♁	2	33	Δ	19		
30			□	8		♁	4 ♁ 23
31			Δ	9			

FIGURA 14

Duas páginas das Efemérides de Regiomontano vendo-se marcados os aspectos Δ (trino) □ (quarto) \* (sextil) ♁ (conjunção) e ♁ (oposição). Os símbolos ♁ e ♁ são respectivamente a cabeça e cauda do Dragão (Nodos: ascend. e desc.)



A opposição he quando dous Planetas se afastão por ametade do Zodiaco, que são cento e vinte graos <sup>1</sup> e fiquã diametralmente oppostos, & depois da conjunção o mais forte aspeito de todos he a opposição, & por sua muyta forsa quizeram algũs dizer, que era mais forte que a conjunção...»

À conjunção aparecem em Gil V. várias referências. A uma conjunção boa nas *Côrtes de Júpiter* (II, 402; CLXVI):

na conjunçam mais ditosa  
que lhe pudermos guisar.

A uma série de más conjunções em I, 371-372; LXXXII v. e LXXXIII, de que trataremos no cap. seguinte.

Deixando de parte os lugares em que a palavra *conjunção* é empregada figuradamente <sup>2</sup>, deter-nos-emos na conjunção que no *Auto dos Físicos*, III, 317-318; CCXLVIII v.) é designada por *ajuntamento* de planetas:

E tambem deste ajuntamento  
dos planetas desta era

A darmos crédito ao texto do auto, a conjunção dera-se no signo de Pisces. Dois planetas — pelo menos — Júpiter e Lua, entrariam nessa conjunção e ela deveria ter-se dado num ano bissexto:

Bisexto he anno agora  
em picis estaua Jupiter  
.....  
Tambem em Piscis a lũa  
isso foy em quarta feyra

Mas «*ajuntamento de planetas*» lembra que seriam talvez mais e que se trataria dalguma conjunção importante.

Ora, em tempos do Poeta, houve uma conjunção no signo de Piscis que deu que pensar! E precisamente ela deu-se, como vamos ver, num ano bissexto: o de 1524.

<sup>1</sup> É erro evidente: 180°.

<sup>2</sup> Por exemplo: nas *Côrtes de Júpiter* (II, 414; CLXVIII v.) e no *Auto das Fadas* III, 108; CCX v.).



À procura dalguma conjunção que, em tempos de Gil Vicente, fôsse importante pela impressão causada, encontramos em Tornamira (pág. 161):

«La mayor parte de los Astrologos dize, q̄ las destruy-ciones y mutaciones de Reynos, guerras pestilencias, terremotos, inundaciones y otros semejantes effectos, se causan por las conjunciones de los Planetas los quales ponẽm ser seys».

A seguir são essas conjunções indicadas:

- 1.<sup>a</sup> Saturno e Júpiter em Áries (de 960 em 960 anos).
- 2.<sup>a</sup> Saturno e Júpiter no princípio de cada triplicidade (indo duma para outra de 240 em 240 anos).
- 3.<sup>a</sup> Saturno e Marte no princípio de Cancer de 30 em 30 anos.
- 4.<sup>a</sup> Júpiter e Saturno em cada um dos signos (de 20 em 20 anos) <sup>1</sup>.
- 5.<sup>a</sup> Sol no ponto vernal (todos os anos).
- 6.<sup>a</sup> Conjunção e oposição dos luminares (todos os meses).

Segue-se uma notícia que nos mostra que os astrónomos discordaram na determinação precisa da época de conjunções. O facto, pois, de uns autores indicarem um dia e outros um diferente, não deve surpreender-nos.

Na descrição das conjunções de Júpiter e Saturno é depois corrigido o período de 20 anos, primeiramente indicado, para 19<sup>a</sup> 315<sup>d</sup> 19<sup>h</sup> e são indicadas as várias conjunções a partir de 1425, em que ela se deu a 28 de Setembro. A segunda deu-se em 1444 (20 de Agosto); a terceira em 1464 (27 de Abril); a quarta em 1484 (22 de Novembro); a quinta em 1504 (10 de Junho) e «la sexta, año 1524 primero de Febrero, en diez grados de Piscis também a medio dia».

Segundo Tornamira deu-se portanto a conjunção de Júpiter e Saturno, a única que pode interessar-nos, a 1 de Fevereiro de 1524, no signo de Piscis.

---

<sup>1</sup> Desta dependem, é claro, as duas primeiras.



Uma próxima conjunção de Júpiter com Saturno afligia os espíritos em tempos de Tornamira. Para os tranquilizar, o astrónomo procura a opinião de Naboth:

«De manera que la gran conjunction de Saturno y Jupiter q̄ ha de auer este año de ochenta e tres en veynte y uno de Piscis, a los ocho de Mayo no ay para que nadie se espante della, pues por lo dicho, y por lo que escriue Naboth sobre la quarta diferencia de Alcabcio, no sera ella causa de los malos sucessos dichos».

Poderá supor-se desde já que os supersticiosos se afligiram com anúncio dalguma calamidade no ano de 1524. Supor-se? Mais alguma coisa: ter-se a certeza. Dá-no-la o título duma obra que em «*Os Homens da Igreja na Ciência Nacional*»<sup>1</sup> acaba de publicar o ilustre professor da Faculdade de Medicina do Pôrto, Dr. Luiz de Pina:

«*Contra o juízo dos Astrologos — Breve tratado contra a opiniam de algũus ousados astrologos: que per regras de astrologia nõ bem entẽtidas ousam em publico juízo dizer: que ha quatro ou cinco dias de Feuereiro de 1524, por ajuntamento de alguũs planetas em ho signo de piscis sera grã diluuiõ na terra. Ho qual tratado pera consolaçam dos fiees fez e copilou de muytos doctores catholicos e santos ho licenciado frey Antonio de beja na ordem do bemaumenturado padre e doctor esclarecido da ygreja sam Hieronimo foi per elle dedicado e oferecido aa christianissima Senhora raynha dona Lianor de Portugal. Aqui veram tambem q̄ cousa he astrologia*». Germand Galhard. Lisboa, 1523.»

Segundo documento coevo, a conjunção, que Tornamira marca como havida a 1 de Fevereiro, dar-se-ia a 4 ou 5 dêsse mês. Já dissemos, de resto, que as opiniões dos astrólogos, a tal respeito, não eram concordes.

---

<sup>1</sup> Separata da Rev. *Broteria*, vol. **xxiii** Fascs. 2-3 Agosto-Setembro de 1936, pág. 5.



Mas, não houve dilúvio! A Astrologia mentiu «em todo o mundo» segundo o dizer de Rêsende na *Miscelânea*:

Vimos a Astrologia  
Mentir toda em todo o mundo,  
Que toda junta dizia  
Que em vinte e quatro havia  
De haver dilúvio segundo!<sup>1</sup>

E, agora, voltemos ao *Auto*.

Uma questão, que tanto preocupou os espíritos, não deixaria o Poeta indiferente. É lícito supor que leu o livro de frei António de Beja «dedicado e oferecido» à rainha D. Leonor, porventura protectora comum de dois súbditos que — por formas diferentes — procuraram aniquilar astrólogos e astrologia.

Dir-se-ia até que as palavras *ajuntamento de... planetas*, do título da obra de Fr. António, passaram para o lugar citado do *Auto dos Físicos*.

Parecem-nos propositadas as contradições que vamos encontrar no *auto*, contradições que podem assemelhar-se às estropiações propositadas doutros lugares. O fim é sempre o mesmo: ridicularizar uma personagem representativa duma classe. O físico-astrólogo — incarnado em Tôrres — só diz verdades análogas às ditas por Mercúrio no *Auto da Feira*<sup>2</sup>, ou tolices, tanto em Astrologia, como em Medicina<sup>3</sup>.

É claro que o anunciado dilúvio fôra esperado a 4 ou 5 conforme a notícia de Frei António; mas Torres refere-se à conjunção como ocorrida noutro dia: provavelmente 3, visto que foi nesse dia quarta-feira<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Citado pelo prof. Dr. J. Leite de Vasconcelos, em *Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1911, pág. 408.

<sup>2</sup> V. g.: Quarta-feira, Mercúrio a hora primeira (pleonasma).

<sup>3</sup> Destas apontaremos noutro lugar as que se relacionam com a astrologia (vid. cap. XXI).

<sup>4</sup> Na fig. 14 vê-se a dominical marcada em 2 de julho e qualquer reportório mostra que nos anos, não bissextos, em igual dia da semana cairá o dia 5 de fevereiro. Portanto, em 1497 o dia 5 de fevereiro caiu ao domingo. Vinte e oito (4×7) anos depois, em 1525, voltaria a cair ao domingo o dia 5 de fevereiro. Como foi bissexto o ano de 1524, o dia 5 de fevereiro caiu à sexta feira, e portanto à quarta feira o dia 3.



Depois, quando todos sabiam que Saturno estava então em Pisces, êle declara que tal planeta está em Áriès!

E' impossível marcar, em tempos do poeta um ano bissexto com Saturno em Áriès e Júpiter em Pisces, visto que estavam juntos em Pisces em 1524 e, segundo Valentim Fernandes, Saturno «em espaço de trinta anos acaba seu círculo» e Júpiter «em espaço de doze anos cõsume seu círculo»<sup>1</sup>.

No capítulo XXI ver-se-á que nesse lugar há outros erros propositados. Ao auto deverá ser atribuída a data de Fevereiro de 1524<sup>2</sup>, vendo-se nele uma alusão ao famoso «ajuntamento de planetas»—terrível conjunção que traria um dilúvio, marcando talvez uma nova era<sup>3</sup>!

Signa Zo. diaci.	Domus Planetarii	Exaltatio nes.	Gandia	Triplicia tes	ta	Detrimen ta	Callus
	D	19		D	P		h 21
♈	N	3	♈	♈	♈	♀	
♉	D	3		♈	♈	♈	♈ 3
♊	DN	15		♈	♈	♈	♈ 28
♋	DN			♈	♈	♈	
♌	N	15	♈	♈	♈	♈	♀ 27
♍	D	21		♈	♈	♈	♈ 19
♎	N		♈	♈	♈	♈	♈ 3
♏	D	3	♈	♈	♈	♈	♈ 3
♐	N	28		♈	♈	♈	♈ 15
♑	D		♈	♈	♈	♈	
♒	N	27		♈	♈	♈	♈ 15

FIGURA 15

(Do livro de Nabod)

## VII — As doze casas judiciárias. O Horóscopo

O simbolismo de signos e planetas é a base de tãda a astrologia judiciária. Por êles, identificados a divindades, seres, ou atributos, e em harmonia com o respectivo modo

<sup>1</sup> Pelos cálculos de então, Saturno levaria a percorrer cada signo, aproximadamente  $2^{\circ} 6' = 30'$ , ou seja pouco mais ou menos 1 grau por mês. Vinte meses depois de 1 de Fevereiro de 1524, em Outubro de 1525, entraria em Áriès donde sairia em Abril de 1528. Mas, de Outubro de 1525 a Abril de 1528, Júpiter, que anda um signo por ano, iria pelos signos de Taurus, Gemini e Cancer. Em 1528 não podia portanto estar Júpiter em Pisces e Saturno em Áriès. Trinta anos depois de 1524, já não era vivo o Poeta; trinta anos antes, em 1495, ainda não escrevia autos. Não há lugar, portanto, para outras hipóteses.

<sup>2</sup> Já depois de escrito êste trabalho vemos, com prazer, que se inclina também para esta data de 1524 o grande Mestre Dr. Ricardo Jorge (*Comentarios à vida, obra e época de Amato Lusitano em Revista Clinica*, ano 11, n.º 9. Lisboa, 1936).

<sup>3</sup> Cf. com o que dissemos de era no cap. v.



de ser, se repartiram as virtudes e os defeitos, as qualidades físicas e morais, os vícios, etc.

O futuro de cada pessoa dependia, segundo a doutrina astrológica, da disposição relativa de signos e planetas na hora do nascimento<sup>1</sup> o que levava a considerar os *aspectos* e todas as propriedades que a signos e planetas provinham não só da sua natureza como das influências dos outros e até dos próprios lugares do céu em que se encontravam.

A necessidade de representar o estado do céu<sup>2</sup> na hora do nascimento levou à sua divisão em 12 partes chamadas as doze *casas judiciárias*.

Regiomontano ocupou-se largamente do problema para a resolução do qual apresentou três processos<sup>3</sup>. Os astró-

<sup>1</sup> Ou na hora de geração, segundo alguns. Por isso há livros de astrologia (v. g. o *Astrolabium Planum*) que trazem um capítulo intitulado: *Mora nati in utero matris*. Gil Vicente refere-se irónicamente ao signo de geração em *Juiç da Beira* (III, 186; CCXXV):

E o sino em que fuy gerado  
olhay que desaventura,  
estaua desconcertado,  
e logo foy condenado  
meu nacer pera tristura.

ao passo que no *Auto das Ciganas*<sup>1</sup> (III, 200; CCXXVIII) se refere ao signo de nascimento:

El que ha de ser tu marido  
anda aora trazquilado  
mucho hórado, mucho hórado  
en muy buen cino nacido

*Desconcertado* deve aproximar-se de *concertar* empregado em *Côrtes de Júpiter* (II, 395; CLXV):

«...o Senhor Deos... mandou sua prouidencia por messagenra a Jupiter, Rey dos elementos, que fizesse cortes em que se *concertassem* planetas e sinos em fauor da sua viagem.»

*Desconcertar* é, portanto, não andar de concerto com os outros signos e planetas na harmonia geral do Universo. Mas Gil Vicente tiraria efeitos, como de costume, do duplo sentido da palavra.

<sup>2</sup> O que interessa é a parte zodiacal.

<sup>3</sup> Podem ver-se descritos no livro de Tornamira, no de Nabod ou no de Bonato. O aspecto geral da figura obtida é sempre o mesmo: dois quadrados de lados paralelos e doze triângulos iguais, como se vê na figura 16.

<sup>1</sup> Todo o *Auto*, mas principalmente a parte final, mostra a íntima relação da Quirômancia com a Astrologia.



logos, porém, preferiam um quarto processo de que dá esta notícia Tornamira (pág. 109):

«...primeiro cortan y diuiden el Zodiaco en quatro partes iguales conel orizonte, y cõ vn circulo mayor que passe por los dos polos del Zodiaco e por el punto vertical de cada lugar. Despues cada vno delos quadrantes dela ecliptica diuiden en tres partes iguales: y por los puntos destas divisiones passan cinco circulos mayores, que se vayan a cruzar en los polos del Zodiaco, con los quales y conel primer circulo que passaua porel punto vertical de los lugares, queda todo el zodiaco y el vniuerso mundo diuidido en doze partes, o casas<sup>1</sup> iguales».

Vê-se que cada casa do céu contém uma casa do zodíaco. A estas doze casas atribuiu também a astrologia significações próprias. Quem quiser ver o que delas pensaram e disseram os vários mestres da astrologia, Alcabicius, Zahel, Adila, Alendezgod, Argafalon, Albumasar, etc., leia o tratado de Bonato. Para o que temos em vista, basta o que a seguir transcrevemos de f. 13 (verso) do *Repertório* de Varra:

«Estas doze casas tienẽ sus significaciones particulares, segun la antiga observaciõ de los q̄ biẽ lo supierõ.

La primera significa la persona del que nasce y sus inclinaciones sensuales. La segunda la hazienda, y a los que se la ayudan a ganar. La tercera los hermanos, y hermanas, pariẽtes menores, vezinos, y caminos breues. La quarta el padre y abuelos, los fines, las heredades y heredamientos. La quinta los hijos, y las hijas, mensajeros, y legados, y los fines, y los vltimos remates, de los fines los presentes, y aguinaldos. La sexta las enfermedades, esclauas y ganado menudo. La septima las mugeres, casamientos, pleytos, enemigos publicos, ladrones, compañeros y cõpañias. La octaua la muerte y los encantamentos y hechizos. La nouena las sciẽcias, caminos largos, y fama. La decima el officio, exercicio, y occupaciõ, los hijos, amigos, rey e madre. La onzena

<sup>1</sup> Tornamira, 106-107: «Domicilios, Habitaciones, Torres, Partes, Albergos, Mansiones: y generalmente las doze casas»...



amigos, fauores, votos, esperanças. La *dozena* temores, angustias, carceles, trabajos, inuidias, murmuraciones, enemigos secretos y ganado mayor.»

¶ *Capitulum quartum de angustis cadentibus et recessibus.*

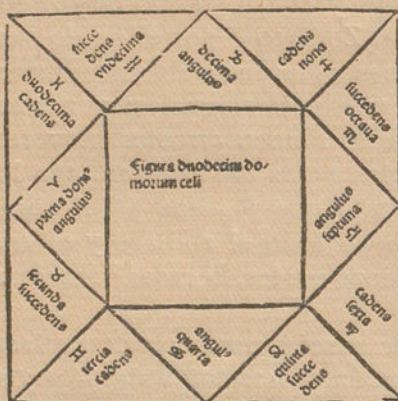


FIGURA 16

As doze casas judiciárias.  
(Do livro de Bonato)

A duodécima (*dozena* como também lhe chama G. V.) é, portanto, a que pior significação tem. Tudo que é mau nela se encontra: temores e angústias, cárceres e trabalhos, invejas, murmuraciones, inimigos. Por isso, nas *Côrtes de Júpiter*, a Providência tem especial cuidado com essa casa (II, 398; CLXV V.):

Eu vou prover logo essora  
naquela casa dozena  
dos males, que he malfeytora

Uma figura semelhante se traçava para fazer os prognósticos do futuro de alguém<sup>1</sup>. Na 1.<sup>a</sup> casa, porém, representava-se a constelação zodiacal que subia no horizonte na ocasião em que a pessoa nascia, o que levava a completa alteração de lugares dos outros signos nas restantes casas (a não ser que essa constelação fôsse Áriès). Nelas se marcavam também os planetas nos lugares correspondentes àqueles em que se encontravam no céu.

Feito êste desenho, era necessário interpretá-lo. Os destinos dependiam das naturezas dos planetas e signos,

te nari. Et ex hoc ponit tibi quoddam verum exemplum.

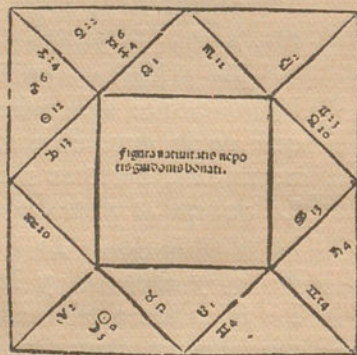


FIGURA 17

Horóscopo do neto do autor.  
(Do livro de Bonato)

<sup>1</sup> Galeno aconselhava que o próprio médico a traçasse para saber como seria a doença. (Tornamira, 16).



das relações de posição duns com outros e das *casas* em que se encontravam, o que depende—evidentemente—do que na 1.<sup>a</sup> casa se marcou. Essa casa tem por isso importância capital e o seu nome, horóscopo, estendeu-se a todo o conjunto, a tôda essa figura, onde em símbolos se encontrava escrito o destino da pessoa a que pertencia.

Desenhar esta figura (o que as efemérides e tábuas permitiam fazer em qualquer altura da vida, conhecida a hora do nascimento) marcando signos e planetas nas casas correspondentes aos lugares que ocupavam no céu para, seguidamente, fazer a leitura, era o que em latim se designava por *horoscopare*. Pedro José da Fonseca (autor por quem Epifânio Dias tinha consideração) traduz por *fazer horóscopo, considerar o nascimento de alguém, levantar figura ao que nasce*; mas tais expressões são apagadas perante a de *tirar o nascimento*<sup>1</sup>, de que Gil Vicente se serve na *Romagem de agravados* (II, 528; CLXXXIX):

Eu direy que hum escolar  
me tirou o nacimiento  
e disse, o teu casamento  
se no Porto has de casar  
amara vida te sento.  
Ca seraas demoninhada  
esses dias que viveres.

*Conhecer o nascimento* é, análogamente, conhecer o horóscopo (*Clérigo da B.*, III, 255; CCXXXVII, v.):

... por ostrolomia  
conheço os seus nacementos

Quem tiver interêsse em ver como tal leitura se fazia (ou, por outras palavras, como a partir dos horóscopos se faziam os prognósticos), pode consultar o livro de Cardano<sup>2</sup>. Interessantíssimas são as gravuras representativas dessa lei-

<sup>1</sup> Cf.: *Tirar o retrato*.

<sup>2</sup> Vid. *Bibliografia*.



tura, no *Astrolabium planum* de João Ângelo, de que se encontram dois exemplos na fig. 1.

É claro que só um astrólogo sabia ler o horóscopo<sup>1</sup>, determinando quando de alguém se poderia dizer, como na *Nau de amores* (II, 317; CL):

e lhe chamão as estrellas<sup>2</sup>  
homem pera mal nacido.

Da importância atribuída à leitura, resultava a do leitor<sup>3</sup>.

O planeta dominante na hora do nascimento imprimia no que nascia qualidades físicas e morais por forma tal que era sempre possível, conhecidas estas, determinar aquele:

«De lo dicho se saca que si se ignorare la natiuidad de alguno, y quiserem saber la complession de algum hombre (segun la natura de los siete Planetas) aduirtan deligentemēte los costumbres, forma figura, y los accidentes del animo: porque estas cosas enseñaran si aquella persona es Saturnina, Iouial, Marcial, Solar, Venerea, Mercurial, o Lunatica, conforme a las reglas que en cada Planeta se han dado» (Tornamira, 221).

A astrologia ligava-se assim estreitamente à fisionomia. Um exemplo curioso dessa associação se patenteia no *Clérigo*

1 É evidente que não há dessas leituras nos *Autos*. Gil Vicente apenas menciona elementos delas.

2 *Fixas* ou *erráticas* (planetas).

3 Em *La grande Encyclopédie* (v. Astrologie) encontra o leitor noticia de astrólogos notáveis e de reis e grandes senhores que junto de si os tinham.

A *astrologia natural* servia-se de figuras análogas para o prognóstico dos tempos. (O assunto encontra-se desenvolvidamente tratado no livro de Bonato). Aos prognósticos da astrologia natural e da judiciária se refere Mercúrio no *Auto da Feira* (I, 151; xxx, v.):

Porem querouos preegar  
sem mentiras nem cautellas  
o que per curso destrellas  
se poderaa adeuinhar  
pois no ceo naci com ellas



*da Beira* (III, 255; CCXXXVII v. e CCXXXVIII). Pelos sinais fisiognómicos<sup>1</sup> se conclue do nascimento do embaixador de Carlos v em hora feliz:

Naceo hũa noyte clara  
Quando a lũa apparecia  
E venus tomava a vara  
com que as graças repartia  
como em elle se declara.

Das influências do planeta dominante, relacionando intimamente a astrologia e a fisiognomia, há exemplo ainda na mesma farsa (III, 254-255; CCXXXVII v.), nas perguntas:

e queriamos saber  
planetas dalgũs senhores  
e sinos de seu nacer.  
E a que sam inclinados  
per sua costollação  
e quais sam mais namorados  
e assi os que o nam sam  
porque sam desnamorados.  
E tambem a condições.  
de que planeta lhe vem  
declarado por item.

e na resposta:

Dizey embora rascões  
que eu sey isso muyto bem.  
Porque per ostrolomia  
conheço os seus nacimentos  
e polla filosomia  
sey todolos pensamentos  
que trazem na fantasia

Os caracteres atávicos quási se apagavam nesta doutrina<sup>2</sup>, o que não escapou a Gil Vicente. Assim no *Juíz da*

<sup>1</sup> A forma actual fisionómica não traduz o que com esta queremos significar. Não diziam respeito apenas ao rôsto tais sinais.

<sup>2</sup> Vid. em Bonato, (f. T., verso) a parte que é devida aos pais e a que é devida ao planeta.



*Beira*, o Ferreiro, admirado das diferenças que nota nos três primeiros dos quatro irmãos — o Preguiçoso, o Bailador, o Amador e o Brigoso — exclama (III, 187-188; CCXXV v.):

Ha corpo de Sancto Ilario,  
serem de hum pay gerecidos  
e dũa mesma mãy nacidos  
cada hum com seu veayro.  
Perneta ou que demo sera.

Com a influência do Planeta dominante na hora do seu nascimento, pretende desculpar-se de ter renegado, o Taful da *Barca Segunda* (I, 272; LIIII v.):

A perneta me forçou <sup>1</sup>  
que era senhora de mi.

A doutrina é refutada — é curioso! — pelo Diabo:

Mente, que elle sencrinou,  
nunca estrella renegou  
nem tal ha hi.

E ela aparece desprezada do povo, pela boca da regateira Marta do Prado, na *Romagem de Agravados* (II, 512-513; CLXXXVI v.):

*Frey.* Eu nam vos acho rezam  
Nem sois agravadas nada.

---

<sup>1</sup> Na *Exortação* (II, 351; CLVI v.) é o signo que poderá *forçar*, à ordem do nigromante:

farey por sino forçado  
que qualquer homem hõrrado  
não lhe pesasse com ella.

Por ordem directa: *farei que, forçado por signo, qualquer homem honrado não lhe pesasse com ella.*

Analogamente é, por ordem directa: *A perneta que era senhora de mi (ou que me dominava — por ser dominante na hora do meu nascimento —) me forçou.*



*Mar.* Porq̃. *Frey.* porq̃ os casamētos  
 todos sam porque ham de ser  
 e com quem desdo nacer  
 e a que horas e momentos  
 assim ha dacontecer.

E assi as religiosas  
 nacerão pera se freyras  
 e vos pera regateyras  
 outras pera ser viçosas  
 e outras pera canseyras.

*Mar.* E vos mano...  
 em que pernetá nacestes  
 que maa hora ca viestes  
 dizey padre....  
 tudo vos isso aprendestes.

. . . . .  
 O que os pranetas fazem  
 he porque nos o causamos,  
 e se fortunas nos trazem  
 he porque nos as buscamos  
 que os erros de vos nagem.

E é, finalmente, aniquilada no *Auto da Cananea* (I, 371; LXXXII, v. e seg.), num passo referente às influências exercidas pelas más conjunções de planetas na hora do nascimento<sup>1</sup>, passo que é um verdadeiro hino de fé dirigido pelo poeta a Deus que torna vã tôdas essas doutrinas:

Sam Pedro

Oo maldito Belzebu  
 quem te deu a ti poder  
 que atormentasses tu  
 nenhũ homem nem molher  
 sem ter dereyto nenhũ.

---

<sup>1</sup> Tornamira, 161: «La mayor parte de los Astrologos dize, q̃ las destruyciones y mutaciones de Reynos, guerras, pestilencias, terramotos, inundaciones, y otros semejantes efectos, se causan por las conjunciones de los Planetas». Duma conjunção que deveria dar-se em 1603 diz a seguir: «la qual sera la que los Astrologos amenazã com grandes calamidades y destruyciones de Reynos, sacandolo por las experiencias que tienen de otras semejantes como fue en tiempo que se perdio España, y de Carlo Magno, y la otra que fue en tiempo de Cesar Augusto, y otra en tiempo de Romulo: y otra que fue 800 años antes quando succedeo la destruycione de Troya»...



## Belzebu

Senhores sanctos benditos  
 hi ha planetas vesiuéis  
 ahi outras enuisiueis  
 que pertêcem aos spritos  
 e causam cousas terriveis

Qualquer q̄ nascer sojeito  
 aa maldita conjunção  
 sem nhũa appellação  
 nem estillo de direyto  
 pertence aa nossa prisam  
 assi como quẽ nascer  
 na conjunçam desestrada  
 em que peccou Lucifer

E quem nasceo na hora tal  
 e planeta <sup>1</sup> em que peccaram  
 os judeus quando adoraram  
 o bezerro de metal  
 para nossos se geraram

Tambẽ quem nascer no fito  
 da conjunçam em que cuydo  
 que affogou o mar Ruyuo  
 os cavaleyros do Egipto  
 sam nossas almas e tudo  
 tambem he de nossa alçada  
 toda a pessoa nascida  
 na conjunção celerada  
 que Sodoma foy queimada  
 e Gomorra souertida.

E he perdido tambem  
 todo o que nacido for  
 na conjunçam do item <sup>2</sup>  
 em que com brauo furor  
 el rey Nabuco denusor  
 destruyo Jerusalem  
 e esta moça de Canão  
 e filha desta senhora

---

<sup>1</sup> *E planeta = e sob o dominio do planeta.*

<sup>2</sup> Este *item* substantivado parece querer indicar, jocosamente, a mesma qualidade (*celerada*) das anteriores. Cf. o efeito dum *idem* inesperado: «Um varão de idade aconhega nos joelhos um *fox-terrier* e uma madama *idem* aperta no colo um *griffon* minúsculo.» (Dr. Ricardo Jorge, *Pasadas de Erradio, Serões de alerta*, pág. 214).



foy nascer na conjunçam  
que reynava a nossa ora. <sup>1</sup>

Sam Pedro

Oo que paruo pregador  
oo que falsa estrolomia

Perante a fé perseverante da Cananea, tais doutrinas  
astrológicas seriam falsas com efeito:

Cristo

Molher muito grande he  
o teu bom perseuerar  
e muy grande a tua fee  
e he justo que te de  
o que vieste buscar.

Porque tens muito sofrido  
como constante oradora  
mando que logo nessora  
se cumpra o que tês pedido  
e seja saã desdagora.

### VIII — Os Luminares <sup>2</sup>: Sol e Lua

No *Auto da Sibila Cassandra* diz-se que a Lua foi dada  
por Deus ao Sol para lhe servir de companheira. Cada um  
em seu céu, ilumina-os a mesma luz (I, 48; X):

al sol diole compañera  
por pracera  
de vna luz dambos guarnidos  
.....  
cada vno en su carrera.

<sup>1</sup> Cf. *Carta* (111, 386; CCLVII v.): «E o souertimento das cinco cida-  
des muy populosas de Sodoma e dos Eijcios no mar Ruyuo, a destruyçam  
dos que adoraram o bezerro, e o souertimento dos que murmuram de Mou-  
ses e Arom, e a destroyçam de Jerusalem.»

<sup>2</sup> É a designação usada por Tornamira e Chaves. Avelar emprega  
lunares (v. g: f. 353).



Quais *luminares*, são o Rei e a Rainha que Deus cada vez mais illustres torna<sup>1</sup> (*Exortação*, II, 358; CLVIII):

a quem por Febo e Diana<sup>2</sup>  
cada vez Deos mais esmalta.

É que o Sol «he... mais nobre que todos os Planetas porque sua natureza obra em todas as dos outros & nenhũas nelle, tem algũs effeitos nos Reis & grandes senhores»<sup>3</sup> e a Lua é, depois do Sol a mais luzente e formosa estrêla do céu<sup>4</sup>.  
Valentim Fernandes diz, do Sol:

«... sua qualidade he quente e seca...<sup>5</sup> Tem senhorio sobre a claridade<sup>6</sup>. Em os homẽs sobre os Reys...

1 Já atrás dissemos que era o Sol que dava luz a todos os astros e que dèstes tudo dependia. Cf. Tornamira, 17: «Y pues el mesmo Galeno... dize que... el regimiento deste mundo y de los vivẽtes es de las Estrellas: y señaladamẽte del Sol y de la Luna. Y Hermes... lo confirma, escreviendo, que despues de Dios el Sol y la Luna son vida de todos los que viven...

2 Noutro lugar (*Fadas*, III, III; CCXI, v.) a rainha é identificada ao Sol que afugenta a noite:

Sol  
Muytos bẽs deu Deos na terra  
porem se este nam viera  
nunca nos amanheecera.

3 Avelar, *Rep.*, 77, v. No livro de Bonato há duas representações diferentes dos planetas: numa, são levados em carro (vid. fig. 10); na outra, estão sentados e vestidos com a indumentária daqueles sôbre que tõem influênciã (Mercúrio veste de mercador; Júpiter, de doutor (de leis); o Sol, de rei; etc.). São estas últimas figuras as que vamos reproduzindo neste capítulo.

4 Vid. adiante a descrição de Vênus.

5 A essa qualidade se liga o que está na *Romagem de agravados* (II, 498; CLXXXIII):

... q̃ choue quãdo não q̃ro  
e faz hũ sol das estrellas  
quando chuua algũa espero

«Fazer um sol» como em V. Fernandes, 26: «Quando faz hũ sol muyto vermelho, e da outra maneira de quentura differença de algum tanto, parece q̃ arde muyto, sinal he de granizo ou agoa.»

6 O claro céu lusitano levaria os poetas a chamarem à nossa pátria filha do sol:

«Terra rica de dons do céu, tão amada do Senhor Sol — assim o invo-



Em os metais, sobre o oiro, e as pedras preciosas, e as perolas orientais e paços reais».

E da Lua:

«Chama-se lúã quasi lucina<sup>1</sup> porque elle [Planeta] com lume alheo resplandece, que toma a do sol, e a ministra em corpos inferiores. Chamãolhe os Poetas...

*miratam mater parietur.*



FIGURA 18

O Sol. (Do livro de Bonato)

*revolutione ⁊ iplambo boni esse.*



FIGURA 19

A Lua. (Do livro de Bonato)

Lúã no ceo, Diana<sup>2</sup> em as montanhas e em os infernos Proserpina.»

cava... a alma singela de S. Francisco» (Dr. Ricardo Jorge, *Passadas de Erradio, Pela Puerta del Sol*, pág. 55).

«Pátria, filha do Sol»

(Tomaz Ribeiro, *D. Jaime, Invocação*).

«a fermosura sobre natural de Lusitania, filha do Sol».

(Gil Vicente, III, 277; CCXLI, v.).

Oo Lusitania senhora

pues que hija del sol erez

(Gil Vicente, III, 292; CCXLIII).

1 «Lucina porque da luz a los q̄ nascen». (Tornamira, 219); «porq̄ da luz a los nascientes» (Chaves, 68).

2 «Diana porque aparece de dia y de noche» (Chaves, 68).



A propriedade de luminares salienta-se em *D. Duardos* (II, 242; CXXXV):

sin sol, luna, ni candela

e a alegria da sua luz acompanha os horóscopos felizes (*Exortação*, II, 364-365; CLIX):

E quando o sol mais lozia  
e seus rayos apuraua  
e a lũa aparecia  
mais clara que o meo dia  
. . . . .  
e as nuuês se tirauam  
e a luz resplandecia  
. . . . .  
naceram vossas altezas.

Em contraposição, o eclipse, roubando essa luz, é portador de calamidades.

No *Rep.* de André do Avelar (f. 366 e 367) se encontram as terríveis significações dos eclipses, tanto do Sol como da Lua, nos decanos dos diferentes signos:

«Se o sol se eclipsar nos primeiros dez graos de Aries que [é] o primeiro decano, denota tomultos, & grandes estrondes de armas insultos de gueras...

No segundo decano carece ou morte de algũ principe...

No terceiro decano nojo & tristeza nos homês»...

E assim por diante são percorridos, tanto para o Sol como para a Lua, os 36 decanos do zodíaco aparecendo os eclipses como portadores de pestes, fomes, roubos, mortes, secas, doenças, contendias, traições, enfermidades, novas tristes, latrocínios, terremotos, etc.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Cf. a referência a um eclipse no título da 2.ª parte da obra de Cardano em *Bibliografia*.



Não admira pois a hipótese apresentada por *Amador* em *Juíz da Beira* (III, 185; CCXXV):

Creo que quando nasci  
estaua o Sol eclipsado  
e o ar todo carregado  
de tristezas pera mi  
pois tristeza sam tornado.

No verso (*Rubena*, II, 8; LXXXVIII):

Maas mirada que la luna

Gil Vicente deixa transparecer talvez a influência daquele *mágico encanto* (celebrado pela eloquência de Alves Mendes) que o astro da noite exerceria sobre aquele Gil Terron absorto, solitário, na contemplação do céu (*Past. Castelh.*, I, 8; 2 v.):

quando cara el cielo Otheo,  
e veo tan buena cosa  
nho me parece hermosa  
nhi de asseo  
zagala de quantas veo.

As fases da Lua teem também influência no horóscopo. Tornamira assim no-lo diz a pág. 220:

«quando está llena... es más fauorable: y quando está em conjunctiõ no lo sera».

Não seria por isso favorável, nem ao Filósofo nem ao Parvo da *Floresta de Enganos* (II, 141; CXIII, v.):

Menguada estaua la luna  
quando nacimos los dos

Às fases há ainda uma alusão engraçada no *Auto da Feira* (I, 152; XXXI):

a lũa tem este geyto  
.....  
mingualhes as sanctidades  
e crecelhes o proveyto.



Da acção da lua sôbre o mar escreve Avelar (75):

«O mar se moue a seu mouimento, pois quando ella se sobe a seu auge, q̄ he a parte mais alta do seu ceo se entumescẽ as agoas, & quando se abaixa a oposto de seu auge, q̄ he a parte mais baixa do seu ceo, se abaixão as agoas.»

Como senhora do mar aparece ela nas *Côrtes de Júpiter* (II, 399; CLXV, v.):

*Mar.* Vos nam sois minha senhora  
a lũa que maa de mandar.  
*Iup.* Eu te farey amansar  
pola tua superiora.

Valentim Fernandes traz a pág. 20:

«O homẽ que tiuer por senhora a Lúa no seu nacimiento e não se ajuntar com ele outro Praneta algũa... tera fraca a memoria e nã sera muyto agudo.»<sup>1</sup>

Parvo, lunático, como ainda dizemos, será pois o que nascer sob o domínio da Lua. Tal seria o personagem do *Clérigo da Beira* (III, 258; CCXXXVIII, v.):

Esse brezeanos senhor  
.....  
... he tomado da lũa  
muyto seco dos espiritos

<sup>1</sup> Transcreve-se apenas o que interessa a Gil Vicente. Mas lembramos que em Camões há referências que só a astrologia explica. Acodemos à lembrança *A Ode IV* «Detêm um pouco, Musa» onde a lua é a um tempo Diana e Lucina fazendo gerar com o seu celeste humor as boninas na Primavera. Esse *celeste humor* provém de que «a qualidade deste Praneta he fria e humeda com uma pequena quentura». (Valentim Fernandes, 20).



## IX — Vénus

Gil Vicente associa por vezes aos luminares, Vénus, «a mais luzente & fermosa estrella que ay no ceo, tirando Sol & Lũa»<sup>1</sup>.

Avelar menciona-a como deusa da formosura e do amor, êsse Amor que no seu carro a acompanha pronto a ferir, às cegas, os corações.

Na gravura de Bonato, que reproduzimos,

ela parece segurar ainda o pomo da discórdia<sup>2</sup>, prêmio da sua formosura.

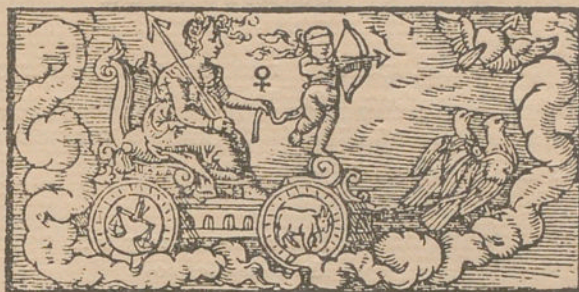
Capit. 60. cum venistuerit iuncta isti



FIGURA 21

Vénus. (Do livro de Bonato)

vnd Natur.



Zu freud vnd lieb bin ich geschwinde/

FIGURA 20

Vénus. (Do livro dos Planetas)

Já nos referimos a Vénus como rainha da Música e, como planeta, já falámos do seu movimento retrógrado.

Como planeta ou estrela bela e luminosa, identificando-se com a própria infanta D. Beatriz a quem se dirige, aparece no *Auto das Fadas* (III, 112; CCXI v.):

A este planete soo  
olham todalas estrelas  
porque he mais clara quellas

<sup>1</sup> Avelar, *Rep.*, 76 v.

<sup>2</sup> Cf. *D. Duardos* (II, 238; CXXXIII v.):

La mançana que quereis  
.....  
es discórdia...

Não tem todavia êsse significado no livro de Fr. Isidoro de Barreyra (*Vid. Bibl.*), mas sim o de «amor».



*Tôdas?* Talvez não. A infanta D. Isabel<sup>1</sup> era qual Lua — *Diana* — a que se aliasse a formosura do Sol. Mais bela, portanto:

Esta senhora Diana  
tem do ceo sua feytura  
e do sol a formosura.

Quando, porém, não eram necessários confrontos, punha-se a infanta D. Beatriz superior a Diana. Notemos, todavia, que não lhe é atribuída a formosura do Sol em *Córtes de Júpiter* (II, 399; CLXV v.):

Yde ventos aa muy bella  
lũa Diana fermosa  
dizey que a mais bella quella  
estaa pera yr aa vella  
destes reynos poderosa;

quando, para a linda desposada que vai partir, deseja o poeta, pela boca de Júpiter, a alegria da luz e do amor:

E venha a lũa dourada  
o Sol e Venus causando  
que a linda desposada  
nam caminhe esta jornada  
com saudade sospirando.

## X — Mercúrio

Como estrêla do céu se apresenta primeiro Mercúrio no *Auto da Feira* (I, 150; xxx v.), onde o já vimos desempenhar o papel de astrólogo. Especifica depois a estrêla que é:

Eu sam Mercúrio senhor  
de muytas sabedorias  
e das moedas reytor  
e Deos das mercadorias

<sup>1</sup> «Aquela formosíssima Infanta D. Isabel, cuja beleza... fascinantemente saudável, o Ticiano eternizou, e cuja morte prematura converteu S. Francisco de Borja» (*Notas Vic.*, IV, 210). Cf. Dr. Ricardo Jorge, *Passadas de Erradio, Pela Puerta del Sol*, 62-63.



Apresenta-se com os atributos que a astrologia lhe confere:

«... diziã ser ele Dios delas mercaderias y ganãcias dela eloquencia y de los exercicios palestricos y de los ladrones... Las quales cosas demuestra breuemẽte Lucyano.... Los Mercuriales... son de tan grande subtiliza de ingenio que a todos los inventivos y hombres abiles se los suele dezir, como eu prouerbio, son hombres Mercuriales<sup>1</sup> (Chaves, 70).



rum amatricem: rectoq; calle incedentem a

FIGURA 22

Mercurio. (Do livro de Bonato)

As referências no *Clérigo da Beira* (111, 257; CCXXXVIII):

Mercurio he a sua estrella  
e seraa bem esquençado  
se jugar jogo assentado  
porem se jugar ha pella  
nam lhe ficara cruzado.

não são nada elogiosas, portanto. O fidalgo só tinha jeito para ganhar (com batota provavelmente) à mesa do jogo.

Senhor dos dinheiros e por isso *venerado* (111, 293; CCXLIII v.), êle favorece os do Infante D. Fernando (*Exortação*, II, 359; CLVIII):

Mercurio por excelencia  
fauorece vosso bando.  
Sereis rico e prosperado

<sup>1</sup> Valentim Fernandes diz a pág. 22: «Pintarãno com a cabeça de cão pela noticia e conhecimento que tiver de totalas cousas, porque ho cão he animal muito rastejador, e que muyto conhece. E pintãno mais com hũa vara na mão, com que parte as cobras e as peçonhas, porque os desauindos se partem polla rezão dos medianeiros».



mas não consegue, êsse «precioso deos do comercio do mundo», fazer-se amar da Lusitânia (*Auto da Lusit.*, III, 285 e segs.; CCXLIII e segs.).

De Mercúrio pouco se afastar do Sol<sup>1</sup>, resulta, usando das palavras de Avelar que «a estrela deste Planeta... soe parecer poucas vezes». Por outro lado, é sabido que, quando a lua pouco se afasta do sol (pouco antes e pouco depois da conjunção), deixa de ser em realidade o astro da noite. Portanto, quando a lua andar perto do Sol como Mercúrio — quando fôr *mercolina* segundo a linguagem de Gil Vicente — as noites serão escuras por falta da sua luz. Assim seria a de *Triunfo do Inverno* (II, 472; CLXXIX v.):

isto he noyte fechada  
e a lũa mercolina  
e a costa endiabrada

Como senhor da quarta-feira (*Físicos*, III, 317; CCXLVIII v.), já a êle nos referimos.

## XI — Marte

*Et quantum ad stella Mars speculum beli...*

Mars, planeta dos soldados  
faz nas guerras contheadas  
em que os reys sam occupados  
q̃ morrẽ de homens barbados  
mais que molheres barbudas

*Feira* (I, 153; xxxi).

Assim ridiculariza Gil Vicente o poder do planeta que, segundo Chaves, «era hõrado por Dios de las batalhas. Y esto era significando la mala y preuersa influencia suya, q̃ mueue

---

<sup>1</sup> O afastamento considerava-se, no séc. XVI, ainda menor do que hoje: «lo q̃ mas se puede apartar Mercurio del Sol, es 27. grados 30. minutos» (Tornamira, 184).



los animos a las lides e derramamientos de sangue. Es un planeta maleuolo: su natura choleric. Tiene dominio sobre los hõbres de guerra... De los magistérios tiene los q se hazẽ por fuego»...

Na alusão à barba haverá talvez ainda um pouco de paródia astrológica. Com efeito, segundo a doutrina então corrente, os Marciais ou Martistas teriam «la barva cõ pocos pelos a la similitud de los cabrones»<sup>1</sup>.



FIGURA 23

Marte. (Do livro de Bonato)

Como deus das batalhas, figura nas *Cõrtes de Júpiter* (II, 413; CLXVIII v.)<sup>2</sup> acompanhado dos seus três signos (vid. capítulo VI, f): *Triplícidades*. Aparece ainda como deus vencedor das batalhas — deus dos vencimentos — dominando a terça-feira, em *Serra da Estrêla* (II, 424; CLXX), lugar a que já nos referimos no cap. v.

## XII — Júpiter

*Sequntur mirabilia Jupiter rex regum, Dominus Dominantium.*

Jupiter rey das estrellas  
deos das pedras preciosas  
muy mais preciosa quellas  
pintor de todalas rosas  
rosa mais fermosa dellas:  
he tam alto seu reynado  
influencia e senhoria,  
que faz por curso ordenado<sup>3</sup>  
que tanto vale um cruzado  
de noyte como de dia.

<sup>1</sup> Chaves, 73 v.

<sup>2</sup> Há bastantes pontos de contacto entre a fala de Marte neste lugar e a de Júpiter no «Concilio dos Deuses», no c. 1 dos *Lusiadas*.

<sup>3</sup> *Curso ordenado* = movimento uniforme, como já vimos.



E faz que hũa nao veleyra  
 muy forte muy segura  
 que inda que o mar não queyra  
 e seja de cedro a madeira  
 nam preste sem pregadura.

*Feira* (I, 154; XXXI).

Como título dum capítulo a tratar, anuncia-se que se seguem as maravilhas de Júpiter, rei dos reis e senhor dos senhores ou — se se prefere — senhor dos dominantes.



FIGURA 24

Júpiter. (Do livro de Bonato)

*Dominantes* são os astros; principalmente os planetas, que *dominam* ou *teem senhorio*<sup>1</sup> sôbre os signos, os homens, os animais, as plantas, as pedras, as côres, os climas<sup>2</sup>, os dias, as horas e as idades e ainda, como os signos, sôbre determinadas partes do corpo<sup>3</sup>.

Os vários atributos de Júpiter, nas obras de Gil Vicente, são os da astrologia.

Valentim Fernandes diz dêle (pág. 27):

«Chamase Jupiter que quiere dizer ajuda ao padre . . . que elle he ho que mitiga a malicia de Saturno, o qual segundo os Poetas escrevem foy padre de Jupiter.»

Da longa notícia de Chaves (74-75) transcrevemos o que possa ilustrar os passos de Gil Vicente:

«Significa este planeta verdad, religion, alegria e paciencia. De los magisterios los que pertenescen a ley,

<sup>1</sup> Cf. *senhoria* no 7.º v.

<sup>2</sup> Vid. cap. XIX.

<sup>3</sup> Vid. especialmente a «Figura del hombre, y signos, y Planetas que dominan en sus miembros» no livro de Tornamira, pág. 474. Nos outros repertórios, que mencionamos, aparecem só os signos, com a particularidade, no de Valentim Fernandes, de serem desenhados sôbre as partes dominadas.





como juzgar rectamente<sup>1</sup>... Tine dominio en los hombres sobre los sabios: juezes... sobre los buenos piadosos<sup>2</sup>... alegres... sobre los misericordiosos...

En los metales domina sobre el estaño. En las piedras la tutia, christol, zafires y jacintos, el coral y la calcedonia<sup>3</sup>.

En las yervas sobre la saluia... y rosas<sup>4</sup>... e sobre todos los vestidos de seda.

Los Iouiales son por la mayor parte pacificos... dados al saber...

Quando alguno se quiere notar de hombre justo y bien acondicionado, suele se dizer, quasi como em pro-uerbio. Es un hombre Iouial.»

Como *juiz* é mencionado por Policena na *Exortação da guerra* (II, 358; CLVIII):

Por vos muy fermosa flor  
iffante Dona Isabel  
foram juntos em torpel  
por mandado do Senhor<sup>5</sup>.  
O ceo e sua campanha  
e julgou Jupiter juiz  
que fosseis Emperatriz  
de Castella e Alemanha.

Identificado a D. João III, a que a História daria o cognome de piedoso, aparece-nos no *Auto das Fadas* (III, 111; CCXI v.):

Este Planeta escolhido  
escolheo porque he profundo  
o mais alto bem do mundo.

<sup>1</sup> Como juiz, é mencionado em G. V. e é talvez um juiz o doutor que parece ter a lei na mão na gravura 24.

<sup>2</sup> Em II, 111; CCXI v., abaixo citado, tudo se conjugaria.

<sup>3</sup> Portanto «*deos das pedras preciosas*».

<sup>4</sup> Cf. «*Pintor de todas as rosas*».

<sup>5</sup> Conservamos texto e pontuação tais como se encontram na edição fac-similada. É evidente que não está bem, neste lugar. Acerca da Infanta vid. a nota 1 de pág. 94.



Uma preocupação constante se nota em Gil Vicente: a de fazer submeter êste deus dos deuses ao poder do «senhor Deos».

Nas *Côrtes de Júpiter*, mostram-no-lo vários passos:

«O senhor Deos . . . mandou sua providencia por messagenra a Jupiter, Rey dos elementos, que fizesse cortes em que se concertassem planetas e sinos em fauor de sua viagem.» (II, 395; CLXV):

Providencia

. . . . .  
 Jupiter ha de fazer  
 cortes logo em hum momento  
 Porque Deos me deu a mi  
 que o fizesse Rey do mar  
 e dos ventos outro si  
 e dos sinos, . . .

(II, 397; CLXV).

Jupiter

Pera esta viagem ser  
 aquella que Deos ordena

(II, 401; CLXVI).

Sol [a Jupiter]

Mande primeyro senhor  
 que nam seja retrograda  
 Venus pois sois seu maior  
 e deos que he superior  
 fauorece a desposada.

(II, 402; CLXVI).

No *Auto dos quatro Tempos* (I, 92; XIX), êle é pôsto em adoração ao Menino-Jesus:

Alto niño en excelencia  
 yo vengo de las alturas  
 a te adorar,  
 y traerte obediencia  
 de todas las criaturas  
 sin faltar.

As *criaturas* são, além de Juno<sup>1</sup>, os planetas e constelações, os Ceos e a Terra com as suas montanhas e rios, *pedras* e metais.

<sup>1</sup> A presença de Juno neste lugar só se explica por o deus a que o planeta é identificado a ter por mulher.



Na *Exortação da Guerra* (II, 358; CLVIII), todos os planetas estão sujeitos a Deos:

E aos planetas dos ceos  
mandou Deos  
que vos dessem favores

### XIII — Saturno

«Enel septimo cielo enquanto a nos, y quarto enel orden natural <sup>1</sup> esta el planeta Saturno, señor del primer clyma y tierra de los Ethiopes... y dize se infortuna mayor contrario a la vida. Pintauan lo los antiguos con una pierna quebrada. Y el todo desarrapado y comiendo... los hijos y con una hoz en la mano, y un dragon y un basilisco que tirauan el caro <sup>2</sup>. Denotan do la mala y perversa influencia deste planeta porq̃ totalmente es enemigo de la vida <sup>3</sup>. ... Este



FIGURA 25

Saturno. (Do livro de Bonato)

demuestra destruycciones, muertes, lloros, sospiros... Domina en las enfermedades sobre las q̃ son chronicas... Domina sobre... los que hazen sepulturas, sobre los que hazen mortagas... sobre los hechizeros, magicos, nigromanticos. Sobre los descõfiados tristes... y sobre

1 Primeiro móvel — Cristalino — Firmamento — Céu de Saturno.

2 Cf. as gravuras 8, 10 e 25.

3 Daí resulta a crença (que ainda perdura) de não escaparem as crianças que nascem de oito meses. Os meses anteriores ao nascimento pertenciam, por ordem, aos sucessivos planetas, a começar em Saturno, de forma que o 7.º mês pertencia à Lua e o 8.º novamente a Saturno. Em Nabod (pág. 258) encontra-se: «octauus Saturni: & ideo non uiuit qui nascitur in



los melancolicos: cuya complexion llamã algunos De-  
moniacas... De los colores domina sobre el negro»<sup>1</sup>...

O epíteto que o acompanha no *Auto dos quatro Tem-  
pos* (I, 92; XIX):

y Saturno venenoso

é bem escolhido, portanto.

Como destruidor da vida, aparece na *Barca primeira*  
(I, 221; XLV):

na çafra do apanhar  
me deu saturno quebranto.

E, pelos seus malefícios, só se davam os acontecimentos  
felizes quando êle não intervinha. Êle dormia, portanto,  
com todo o seu céu, quando nascerem os da Côrte (*Exorta-  
ção* II, 364; CLIX):

quando Saturno dormia  
com todo o seu firmamento.  
.....  
naceram vossas altezas.

#### XIV — Um planeta de que não faz menção a astrologia — Cupido<sup>2</sup>

No *Auto das Fadas*, a fada terceira diz (III, III-III2;  
CCXI, v.):

tome vossa alteza qualquer que quiser  
que todo he verdade as sortes que sam  
tomay desses sete planetas que hi vam  
a que vos vier.

octauo mense, eo quod sub potestate Saturni nascitur». As palavras:  
& *ideo... nascitur* encontram-se riscadas. Já, provavelmente, se verificara  
o contrário.

Todavia é de notar que, sendo de Saturno o primeiro mês, é êste pla-  
neta que «influe» a vida:

E porq̃ Saturno a nenhum  
influe vida continua  
a morte de cada hũ  
he aquela de que se fina

(*Auto da Feira*, I, 152; xxxi).

<sup>1</sup> Chaves, f. 76.

<sup>2</sup> Figura no carro de Vênus, figs. 10 e 20.



Quando esperávamos encontrar realmente os sete planetas verificamos que falta o venenoso Saturno, o bélico Marte e o falador Mercúrio. Em compensação é introduzido Cupido como planeta — processo cómico do poeta inteiramente análogo v. g. ao de juntar aos requisitos do médico, o conhecimento do número de lições dadas por Ptolomeu ao rei Dario<sup>1</sup>.

Ao passo que cada planeta tem limitado domínio, o de Cupido — identificado ao Príncipe, naquele lugar — não tem limites:

Este Deos he muyto amado  
e adorado  
porque tem dominaçam  
sobre todo coraçam.

Pertence-lhe *êste mundo* (*D. Duardos*, II, 249; CXXXVI, v.):

que el amor es el señor  
deste mundo.

e ainda *um outro* (*Almocreves*, III, 225; CCXXXII, v.):

porque o mundo namorado  
he la senhor outro mundo  
que está além do Brasil<sup>2</sup>.

De Cupido é capitão o *Verão*, no *Triunfo do Inverno* (II, 480; CLXXXI):

porque el Verano es venido  
mi enemigo mayor  
y capitan de Cupido<sup>3</sup>

<sup>1</sup> E o de juntar o Brasil à «arte de Leste e Oeste», introduzir «áltera» nos compassos, etc.

<sup>2</sup> Quem se interessar pelo aspecto filosófico dêste e outros passos, não esquecerá que há no *Auto da Lusitânia* uma referência a Leão Hebreu (III, 263; CCXXXIX):

Dom Izagaha Barabanel  
e Rabi Abram çacuto  
e Donegal Coronel  
e Dona Luna de cosiel  
e todos me querem muyto.

(Vid. *N. V.*, IV, pág. 272-273). Mas não deverá esquecer também que o «Filósofo», que na *Floresta de Enganos* (II, 138; CXIII) descobre os segredos de Cupido, não pode separar-se do «Parvo».

<sup>3</sup> No mesmo *auto* (II, 450; CLXXV), o Inverno apresenta-se como *Maestre sala de la Luna*. Valentim Fernandes informa-nos do que isso



## XV — A Fortuna

Ligado ao estudo dos planetas encontra-se em Bonato, além dum capítulo referente ao Dragão <sup>1</sup>, um outro referente à *Sorte* ou *Parte da Fortuna* (3.<sup>a</sup> fôlha não numerada depois de P<sub>4</sub>), pois também um lugar lhe pertence no céu, representando-se — por conseqüência — no horóscopo. Ai é indicada pela «roda» reduzida a um minúsculo círculo com dois diâmetros perpendiculares, e distante do ascendente (constelação que sobe no horizonte na hora do nascimento) tantos graus, quantos o Sol distar da Lua ou esta do Sol <sup>2</sup>.

Algures <sup>3</sup> a vimos figurada tal como hoje se representa a Justiça — de olhos vendados e balança na mão — apoiada à *roda*, seu indispensável atributo. Bastante diferente, portanto, das figuras da *Margarita Filosófica* ou do *Hortus deliciarum* (reproduzida pelo prof. Dr. A. Ribeiro de Vasconcelos a págs. 108 de *Inês de Castro*). E é essa Fortuna, de balança na mão, a que parece ser familiar a Gil Vicente (*Barca terceira*, I, 296-297; LIX):

fortuna que mayudaua  
peso en mortal balança  
la firmeza y confiança  
que el falso Mundo me dava.

Conforme a natureza, boa ou má, do planeta dominante, a sua influência será *favorável* ou *contrária*.

Ficam assim explicadas as alusões:

Menguada estava la luna  
quando nacimos los dos  
y contraria la fortuna

(*Fl. de enganos* — II, 141, CKIII v.)

seja a pág. 3 do seu *Repertório*, que é traduzido do castelhano: «senta tamalaves no seu padar algũ pequeno doce sabor, como em a diversidade dos manjares q̃ o Mestre sala soe fazer».

<sup>1</sup> Em que se fazem os movimentos da Lua (vid. fig. 15) e não a constelação do Dragão, de que adiante trataremos.

<sup>2</sup> Vid. *Fig. 17* e *Varra, Rep.*, 34, v.: «La parte de la fortuna de dia y de noche dista tantos grados del Ascendēte, quātos distare el Sol de la Luna: si ella de noche no estuviere sobre tierra: porq̃ entonces distara tātōs la parte del grado del Ascēdente, quātōs distar la Luna del Sol.

<sup>3</sup> Se não estamos em êrro, numa das obras consultadas na Bibl. Nacional; mas não pudemos tornar a procurá-la.



sino que sirvo a Oriana  
hermosura soberana  
en cuyo nombre maparto.  
En dos partes y no en vna,  
la del alma doy a ella  
la del cuerpo ala fortuna  
y ala luna  
porque la hizo tan bella

(*Amadis* — 11, 255; CXXXVII v.).

Não ligada ao horóscopo, ela aparece também em vários lugares, v. 8:

Que quis Deos ou a fortuna

(*Tr. ao C. de Vimioso* — 111, 382; CCLVIII).

si no lo estorua fortuna  
Mabilia y ella vendran

(*Amadis* — 11, 264; CXXXIX v.)

No ay viento ni fortuna  
que mude su voluntad.

(*Amadis* — 11, 273; CXXI)

À *roda da fortuna*, que tanto pode elevar ao cúmulo da felicidade <sup>1</sup>, como precipitar na desgraça <sup>2</sup>, há alusão no *Templo de Apolo* (II, 386; CLXIII):

Pidote Dios senhor immortal  
q̄ tēgas la rueda q̄ anda y desanda  
y ture mil años el gozo que anda  
por toda Castilla y em Portugal.

## XVI — As constelações

### a) Constelações Zodiacais <sup>3</sup>

À parte *Aquarius* — Ganimedes <sup>4</sup> pôsto no céu por Júpiter — tôdas as constelações zodiacais geralmente conhecidas

<sup>1</sup> Cf. *Triunfo do Inverno* (11, 476; CLXXX):

la cumbre de la fortuna

<sup>2</sup> Vid. qualquer das gravuras da fortuna a que nos referimos. Note-se que subir à felicidade ou descer à desgraça não são indicados nas gravuras por *andar e desandar*, mas tudo se passa como se assim fôsse.

<sup>3</sup> Por conveniência, não se segue a ordem natural, à semelhança do que já se fez para os planetas.

<sup>4</sup> Figura no carro de Júpiter (fig. 10) oferecendo-lhe o nectar. Vid. a referência de Camões ao Aquário na Ode: «Já a calma nos deixou.»



pelo nome de signos <sup>1</sup>, são mencionadas por Gil Vicente.

Anunciadas quatro no *Auto da Feira* (I, 153; xxxi v.), logo aí são mencionadas mais três:

*Et quantū ad Taurus & Aries, Cácer, Capricornius positus infirmamento coeli:*

E quãto ao touro e carneiro  
sam tão maos dauer agora  
que quando os põe no madeiro  
chama o pouo ao carniceyro  
senhor cos barretes fora:  
depois do pouo agrauado  
que ja mais fazer nam pode  
inuoca o sino do bode  
Capricornio chamado  
porque libra nam lhacode.

E se este nam aas tomado <sup>2</sup>  
nem touro, carneyro assi  
vayte ao sino do pescado  
chamado picis em latim  
e seras remedeado.  
e se picis nam tem ensejo  
porque pode nam no auer  
vayte ao sino do cranguejo  
sinū cancer Ribatejo  
que estaa ali a quem no quer.

**ARIES**, em que o Sol entra em março, é o carneiro do velo de oiro, condutor de Frixo e Hele. Representa-se, por vezes, deitado o que astrológicamente significa que, ao chegar a êsse signo, o Sol anda *deitado* do lado direito durante seis meses, passando depois a deitar-se do lado esquerdo (decli-

<sup>1</sup> Estão representados na fig. 12 e também nas figs. 10, 8 e 18 a 25. Gil Vicente emprega também signo como sinónimo de constelação v. g. *Arturo sino*.

As notícias que damos dos signos encontram-se nos *Repertórios* citados, especialmente no de Chaves e, em parte, no Dic. da Fábula de Chompré. É claro que o dia da entrada do Sol nos vários signos não era, no tempo em que nos colocamos, o mesmo de agora. (Vid. *Astr. Lus.*, 98; *R. U.*, II, 490).

<sup>2</sup> As tabelas publicadas por Costa Lobo na *Hist. da Soc. em Port. no séc. XV*, dão-nos a certeza de que o poeta desceu sucessivamente na escala



nação norte e declinação sul). O poeta tira efeito da dupla significação do termo: animal (aqui o signo) e carne.

A chegada do Sol ao ponto vernal, em *Aries*, marca o equinócio da Primavera, sendo por isso *Aries* um dos signos que acompanha essa estação no *Auto dos Quatro Tempos* (I, 85; XVII v.).

**TAURUS**, em que entra o Sol em abril, é Júpiter roubador de Europa, meio oculto ainda na névem que o escondeu.

Os seu cornos simbolizam os quentes raios do Sol nesta época.

O olho do Touro, *Aldebarão*, é uma das sete *Hiades* que, postas no céu por Júpiter, pranteiam, sem cessar, a morte do irmão. Por isso há em Abril chuvas abundantes.

Outras sete irmãs, filhas de Atlas como as Hiades, as

dos valores das carnes. Com efeito, a tabela de 1527 (data do *Auto da Feira*) mostra-nos êstes preços (pág. 546):

- «1 arratel de vacca (Lisboa e termo), preço 4 reais.
- 1 arratel de carneiro (Lisboa), preço 5 reaes.
- 1 arratel de bode ou cabra (Lisboa), preço 3  $\frac{1}{2}$  reaes».

(Leão, *Colecção das Leis Extravagantes*, parte IV, tit. VIII, lei 1).

Em 1526 a cabra seria a 3 reais o arratel (*Farsa dos Almocreves* III, 215, CCXXX v.):

vinho a seis, cabra a três

A carestia dos géneros poderá calcular-se pela tabela de 1482 (pág. 545):

- «1 arratel de vacca, preço 2  $\frac{4}{5}$  reaes.
- 1 arratel de porco ou carneiro, preço 3 reaes.
- 1 arratal de bode, cabra, ou ovelha, preço 1  $\frac{3}{5}$  reaes».

(Capítulos de Santarém, Chancellaria de D. João II, liv. III, fl. 8).

Deve, todavia, ter-se em conta que na tabela de 1527 os preços das carnes na *Estremadura* ou em *Santarém* são mais baixos do que os de Lisboa:

- «1 arratel de vacca (Santarém), preço 3  $\frac{1}{2}$  reaes.
- 1 arratel de vacca (Estremadura), preço 3 reaes.
- 1 arratel de carneiro (Estremadura), preço 4 reaes.
- 1 arratel de bode ou cabra (Estremadura) preço 2  $\frac{2}{3}$  reaes.»

A carestia existia de facto, mas não pode comparar-se à de 1921 (cf. *N. Vic.* IV, 138-139).



*Pleiades* — popularmente as *sete cabrinhas*<sup>1</sup> — colocadas no pescoço do Touro, expiam a culpa do pai que, pela observa-

ção dos astros, pretendeu conhecer os segredos dos Deuses. Gil Vicente indica por Touro também a carne do animal.

DEL SIGNO DE TAVRO.  
Titulo veynte y feys.

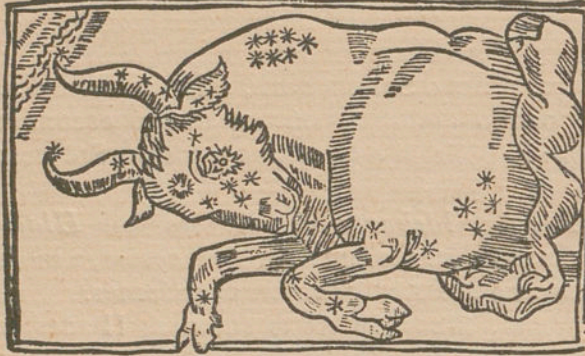


FIGURA 26  
(Do *Rep.* de Chaves.)

**CAPRICORNIUS**, em que o Sol entra em dezembro, é Amalteia, a cabra que amamentou Júpiter.

Todavia o signo é, nos livros de astrologia, representado por um bode; o que serviu, e bem, ao poeta em I, 153; xxxi v. Aí, se dá o mesmo nome à carne e ao animal<sup>2</sup>.

A significação astrológica era a seguinte: assim como a cabra a pastar chega aos pontos mais altos, assim o Sol, cuja declinação sul é então máxima e *desceu* o máximo (relativamente ao hemisfério norte, é claro), ao chegar a *Capricornius*, começa a subir sucessivamente até chegar ao ponto mais alto do hemisfério norte, em *Cancer*. *Capricornius* é exaltação de Marte e faz parte da triplicidade de que Marte é participante (vid. cap. vi, f.).

<sup>1</sup> Hoje chamam-lhes o *sete-estrêlo*. Vid. *Astr. Lus.*, 122 (*R. U.*, III, 125). Cf., com a quadra popular aí citada, esta:

O sete-estrêlo vai alto,  
Mais alto vai o luar;  
Mais alta vai a fortuna  
Que Deus tem para me dar.

<sup>2</sup> Carne de bode, sim; mas também terá um outro sentido. Confrontando com I, 234-236; XLVII v. (*Barca do Inferno*) vê-se que G. V. applicava o nome de bode ou cabrão ao judeu, peitador da justiça para roubar.



**LIBRA**, em que o Sol entra em setembro, é a balança, atributo inseparável de Themis, deusa da Justiça. Foi colocada no céu por Júpiter, depois de ter submetido a sua possuidora, que recusava casar-se, e dela haver a Lei e a Paz. Tomada como símbolo da Justiça e igualando os homens, ela servia como símbolo astrológico para mostrar que, ao chegar o Sol a este signo, os dias igualam as noites (equinócio do outono). Nome também duma moeda <sup>1</sup>, prestou-se ao trocadilho.

**PISCES**, em que entra o Sol em fevereiro, são os peixes em que se transformaram Vénus e Cupido, fugindo de Tifeu, junto do Eufrates. Astrológicamente indicava a humidade do tempo quando o Sol chega a esse signo, húmido como o peixe.

*Pisces* — signo e pescado, é dupla significação aproveitada por Gil Vicente.

**CANCER**, em que o Sol entra em junho, é o caranguejo que, saído da Lagoa de Lerna, foi, à ordem de Juno, morder o pé de Hércules quando este combatia com a Hidra. Hércules o matou e colocou no Zodíaco. Já dêle nos ocupámos a propósito da *declinação e retrogradação*. O signo aparece figurado, já por um caranguejo (fig. 9), já por outro animal (¿lagosta? ¿camarão?) (fig. 12), até na mesma obra.

Gil Vicente apresenta-o simbolizando a região onde, segundo vários passos das suas obras, havia tabernas e tudo o mais que a faz incluir no número das terras do demo <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Para o valor da *libra* nesta época, vid. Costa Lobo, *Hist. da Soc. em Port. no séc. XV*, cap. v — *Moeda*: «até elrei D. Duarte todas as moedas se taxavam em libras.» Em 1747 o seu valor era de 3200 réis (António Garrido, *Taboada Curiosa*, pág. 131).

<sup>2</sup> Vid.: *Hist. de Deus* (I, 339-340; LXXI-III); *Templo de Apolo* (II, 390; CLXII-III); *Exortação da g.* (II, 355; CLVII). Cf. as referências ao caranguejo em *Rubena* (II, 12; LXXXIX); *Romagem de Agrav.* (II, 529; CLXXXIX, v.); *Clérigo da B.* (III, 253; CCXXXVII, v.).



É que Vénus que

«inclina a juejos... plazere... ociosidad, luxurias...» (Tornamira, 215).

tem em Câncer o seu auge <sup>1</sup>:

Como de costume o Poeta tira efeito de duplas significações.

É de notar que a expressão de que se serve Valentim Fernandes:

«como o Cangrejo he animal que ja mais anda direito, se não *a traves*»

é exactamente a que nos aparece no *Clérigo da Beira* (III, 258; CCXXXVIII v.):

Esse brezeanos senhor  
o seu signo he do cranguejo  
porque anda atraveses do amor  
e atraveses do desejo.

**CANCER**, é caída de Marte e faz parte da «triplicidade», a que já nos referimos.

**LEO**, em que entra o Sol em julho, é o leão da Nemeia morto por Hércules. Astrológicamente o mais forte dos animais simbolizava o maior ardor do Sol neste signo.

Já o encontramos fazendo parte da jocosa triplicidade que acompanha Marte.

**SCORPIO**, em que o Sol entra em Outubro, casa nocturna e gozo de Marte e fazendo parte duma triplicidade que esse planeta de noite domina, é o escorpião que Diana mandou a inocular o veneno mortífero a Orion, que a desafiara na

---

<sup>1</sup> Astronómicamente «*auge*» é o ponto do *deferente* mais próximo do 8.º céu. Esse ponto do *deferente* de Vénus, projecta-se no 8.º céu, no segundo grau de *Câncer*. «Tiene su auge en dos de Cancer» (Tornamira, 216).



caçada. Júpiter colocou-o no céu para aviso perene à vaidade humana <sup>1</sup>.

À semelhança do escorpião de peçonha adormecida durante uma parte do ano e revigorada depois, o Sol, ao chegar a este signo, envia a sua peçonha: as «trovoadas misturadas com hũs relampados mortaes».

A propriedade de estar o veneno na extremidade do post-abdomen, é aproveitada, no *Clérigo da Beira* (III, 258; CCXXXVIII), para indicar uma pessoa falsa, *francesa* como hoje se diz:

Naceo no escorpiam  
afaguauos co arrazam  
mas despejauos co rabo  
no cabo da concrusam.

**SAGITTARIUS**, em que entra o Sol em outubro, é Chiron, o centauro filho de Filira e Saturno. Tomando a forma de cavalo, evitou ser surpreendido por Réa, sua mulher. A piedade dos Deuses o colocou no Zodíaco.

Foi o primeiro que, vivendo nos montes sempre armado do seu arco, conheceu simultâneamente a medicina e a Astrologia.

G. V. refere-se ao sagitário, animal fabuloso possuidor de dois corações, no *Auto das Fadas* (III, 112; CCXI v.); e pròpriamente ao signo, no *Clérigo da Beira* (III, 256; CCXXXVIII) atribuindo à sua influênciã o carãcter dum fanfarrão lunático:

Sua planeta he a lũa  
o sino he sagitario  
com hũa frecha databua <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Val. Fern. 43: «andando Oriana (*sic*) aa caça confiando tanto de sy, que no mundo não houvesse hi melhor. E Diana com enveja fez sayr o Escorpion que a matasse ao qual acudio Jupiter e aleuantou ho Escorpion ate as Estrellas por exemplo, que olhando, ninguem confiãsse tanto em sy mesmo». Val. Fern. transforma em femininos alguns nomes masculinos como v. g. *Typhona*, a *gigante*, em vez de Typhon.

<sup>2</sup> *Atabua* ou *tabua* é a *Typha, angustifolia*, L., ou *latifolia*, L., abundantes nos pântanos e vales, mas fugindo a primeira do Norte de Portugal, procurado pela segunda (vid. *Dioscorides* com. por Laguna y añadido por Ribera *Lib.* 111, pag. 125, e A. X. Pereira Coutinho, *Flora de Portugal*, pág. 51). *Roseau à masse*, nome francês registado por Amato, ou outro nome popular que em Portugal lhe damos — *foguete* — dão ideia do porte da planta.



**VIRGO**, em que o Sol entra em agosto, é Erigone que não quis sobreviver ao pai <sup>1</sup>. Aparece como signo do Estio acompanhando *Cancer* e *Leo* no *Auto dos quatro Tempos* (I, 86; XVII v.):

Cancer, Virgo, y el Leon,  
los registros de mis dias  
saben las coleras mias  
e las flemas quantas son.

**GEMINI**, em que o Sol entra em maio, são os dois irmãos Castor e Polux que uma estreita amizade uniu.

Aparecem em dois lugares de Gil Vicente, segundo supomos e vamos tentar mostrar.

Tal como se encontra na edição de 1562, *Polux* aparece com a forma *Polas* tanto no *Auto dos quatro Tempos* (I, 92; XIX):

Castos (*sic*) y polas juñidas

como em *D. Duardos* (II, 244; CXXXV v.):

eis que parece la estrella Polas  
con la bozina si carrogiando

Na edição de Hamburgo encontra-se *Polux* como emenda de *Polas* no primeiro lugar, conservando-se *Polas* no segundo.

D. Carolina Michaëlis, que continua a ver *Polux* no primeiro (*N. V.*, IV, 342):

«*Pollux* provavelmente *Pollus* no autografo do Poeta, transformado em *Polas* na edição de 1562. O irmão gémeo de Castor com a qual forma a constelação chamada por Júpiter para adorar o alto niño en excellencia (I, 92)».

vê, no segundo a *Polar* (*N. V.*, IV, 343):

«*Polas* em rima com *solas* de sorte que não temos o direito de o transformar em *polar*, como exigiria a

<sup>1</sup> Vid. adiante em *Cão maior* a noticia completa. Para outros a Virgem é Astreia, filha de Júpiter e de Temis (Ov., *Met.*, 1; Camões, *Lus.*, IV, 104).



significação. Sendo noite cerrada ela surge com as duas ursas: *com la bucina su carro guiando* (II, 244)».

Os dois lugares devem ser analisados juntamente, tendo em vista o seguinte:

1.º No *Rep. dos Tempos* de Valentim Fernandes—contemporâneo do Poeta<sup>1</sup>—encontra-se sempre a forma *Polus*:

«Dizem as Fabulas que estes gemeos foram Castor e Polus.»

.....  
«os quais foram Castor e Polus.»

A forma *Polux* dos editores de 1834 e a forma *Pollus* (com dois *ll*) suposta por D. Carolina, devem ser, portanto, postas de reserva desde já.

2.º Como explicar a forma feminina *juñidas* (em rima com *lozidas*) que se encontra no *Auto dos quatro Tempos*?

O leitor dirá imediatamente que a concordância é feita com a palavra *estrêlas*, que não está no texto, mas que estaria na mente do Poeta. Mas, nesse caso, repare-se como junto de *estrêla* G. V. evita o emprêgo de nomes cujas terminações pertencem ao género masculino. O *Cão Maior* e o *Cão Menor* são:

... la canina,  
la mayor y menor dellas

e, para conservar uma forma terminada em *o*, a palavra *estrêla* foi substituída por *sino*, no mesmo lugar:

y Arturo sino

A forma *Polus*, com a terminação de nomes masculinos, devia, segundo o processo usado pelo poeta, modificar-se por

---

<sup>1</sup> A edição do *Rep.* de que nos servimos é a de 1563 (Reprod. de Bensaúde); mas a primeira edição é de 1518 e V. F. é, portanto, contemporâneo de G. V.



influência de *estrêla*<sup>1</sup> e é, portanto, lógico admitir que ela não existia no original, como não existe na edição de 1562.

Por outro lado, se não foi possível — felizmente porque a rima a isso obsteu<sup>2</sup> — substituir por outra a forma *Polas*, que se encontra em *D. Duardos*, parece que a mesma forma deverá ser conservada no *Auto dos quatro Tempos*, de harmonia com o que se encontra na edição princeps. Num e noutro lugar designará *Polux*. E não é nada extraordinário que o poeta mencione uma *estrêla* de primeira grandeza, ao indicar o comêço da noite.

Aplicada à polar a expressão *con la bozina* também não seria muito própria, visto que ela faz parte integrante da Buzina (Avelar, f. 90 v.):

«levantando o rosto ao ceo em noite serena, verseham sete estrelas dispostas a modo de hũa buzina, que são as da Ursa menor, das quais as tres que estão em linha curva fazem o estreito da bozina, ou cauda da Ursa, & as quatro que compoem o quadrilatero fazem o mais corpo da bozina & aquela que está na extremidade, & ponta do mais estreito chamase estrela polar, ou do Norte...

Tambem se pode conhecer esta estrela polar pela Ursa mayor, que chamão carro ou barca»...

Portanto, parece que deve entender-se: começam a ser vistas as primeiras estrelas: *Polux* e as Ursas. A forma *Polas* terá nos dois lugares de Gil Vicente o mesmo significado: *Polux*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Junte-se ainda o facto de ser *Polus* homófona de *Polos*, o que não é indiferente em obras destinadas à declamação.

<sup>2</sup> Nas transcrições que fazemos há erros evidentes. Este exemplo, porém, impedir-nos-ia de fazer qualquer alteração. Não nos julgamos competentes para isso.

<sup>3</sup> Pode verificar-se como a descrição convém a uma noite do fim de abril. Considerando no quadrilátero da Ursa maior a diagonal que passaria, prolongada, por *estrêlas* da cauda, e prolongando essa diagonal até encontrar *Sírio*, *Castor* fica sobre essa linha, aproximadamente a igual distância de *Sírio* e da última *estrêla* da cauda da Ursa maior. Perto de *Castor* encontra-se *Polux*, de 1.<sup>a</sup> grandeza.



## b) Constelações não zodiacais

**URSA MAIOR** é Calisto transformada em urso por Juno, e por Júpiter colocada no céu.

Avelar (f. 90) regista-lhe os nomes de *carro* e *barca*.

Também lhe chamavam as *sete-estrelas* e *Arcturo*, como se vê do *Rep.* de Valentim Fernandes, pág. 73:



FIGURA 27  
Ursa maior

«A qual estrella do Norte é conhecida por ho mouimento de Arturo<sup>1</sup>, que são as sete estrelas que algũs chamam carro<sup>2</sup> e outros a barca<sup>3</sup> posto que já os mareantes todos se governam pöllas suas guardas<sup>4</sup> que sam mais achegadas do Pollo que o Arturo»<sup>5</sup>.

Com o nome de *Arturo*, a constelação é mencionada no *Auto dos quatro Tempos* (I, 93, XIX):

y Arturo sino

Com o de *Ursa maior*, no *Auto da Feira* (I, 155; XXXI v.):

e cuydam que ursa maior

<sup>1</sup> No *Livro dos Planetas*, Arcturo designa já uma estrêla do Boeiro. São dêste livro as gravuras 27-31 e 33.

<sup>2</sup> Carro de David.

<sup>3</sup> Barca de S. Pedro. Vinha do séc. XIII a tentativa de substituir por figuras cristãs as que o paganismo pusera no céu.

<sup>4</sup> *Suas guardas*, isto é: guardas da estrêla do Norte como prova o que se encontra depois, a pág. 75: «Regimento para saber as horas da noyte pela estrela do Norte e suas guardas.»

Avelar (fl. 91) explica: «as primeiras duas estrelas que estão no quadrilatero & boca da bozina chamãose guardas & por hũa dellas que é a dianteira considerando o mouimento diurno, se regem os nauegâtes pera saber as horas da noite, & daqui tomou o nome de estrella horological.»

<sup>5</sup> Acerca da anotação de D. Carolina a Arcturo (*N. V.*, IV, 269), diremos que *estrêla* é em geral tomada, nesse lugar, por *constelação*; v. g.: a *estrêla Orion*, a *Canina*, etc., e que Arcturo é acompanhado de *sino*, sinónimo de constelação. Não se trata, portanto, duma estrêla, mas sim duma constelação: a Ursa Maior.



Com o de *sete-estrelas*<sup>1</sup>, no *Auto das Fadas* (III, 97; CCVIII):

Alguidar, alguidar  
que feyto foste ao lûar  
debayxo das sete estrellas

e nas *Côrtes de Júpiter* (II, 399; CLXV v.):

Pardeos grande farnesia  
me dam vossas forças bellas  
que muyto bem merecia  
mandardes messajaria  
pollas vossas sete estrellas.

Por *carro* é designada no lugar já demoradamente analisado:

con la bozina su carro guiando<sup>2</sup>

E o diminutivo *Carreta*, de que Camões usaria mais tarde, vem nas *Côrtes de Júpiter* (II, 410; CLXVII v.):

Yraa outra linda estrela  
sobre carreta destrelas

**URSA MENOR** é o filho de Calisto, de destino idêntico ao desta.



FIGURA 28  
Ursa menor e Dragão

Avelar (f. 90) regista-lhe o nome de *Cynosura*<sup>3</sup>. Já vimos também que era designada por *buzina* no passo:

con la bozina...

Com o nome de *Ursa minor* aparece no *Auto da Feira* (I, 155; XXI v.):

e cuydam que ursa maior  
ursa minor...

<sup>1</sup> Cf. *As sete flamas*, nome pelo qual é designada por Camões (vid. *Astr. Lus.*, 122; *R. U.*, III, 125). *Septentrio* (singular extraído de septem triones — sete bois — a-pesar-de nas figuras só aparecerem três, à frente dos quais vai o Boeiro), é o *septentrion* do *Auto dos quatro Tempos* (I, 85; XVII v.).

<sup>2</sup> É a leitura de D. Carolina Michaëlis.

<sup>3</sup> Cf. *Lusiadas*, x, 88.



**DRACO.** Entre as duas Ursas encontra-se o Dragão, guarda do jardim das Hespérides, morto por Hércules, e mencionado por Mercúrio no *Auto da Feira* (I, 155; XXXI v.).

**CÃO MENOR**, que aparece no *Auto dos quatro Tempos* (I, 93; XIX):

y la canina,  
la mayor y menor dellas

era também conhecida pelo nome de *prè-cão* ou *ante-cão* como se lê a f. 287 do *Rep.* de Avelar:

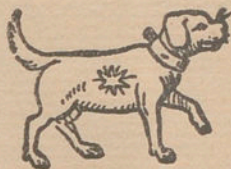


FIGURA 29  
Cão menor

«No oitauo ceo chamado firmamento ha duas cõstelações chamadas cães, hua se diz cão menor... esta constelasio propriamente se chama prae-can ou antecam.»

**CÃO MAIOR** ou Canicula <sup>1</sup> é Mera, a cadela de Ícaro que, depois de ter descoberto a sepultura dèste a Erígone, sua filha, foi, como os dois, transformada em constelasio <sup>2</sup>.



FIGURA 30  
Cão maior

Na boca do Cão figura «a mais resplandecente das estrellas fixas», a que os gregos chamaram «Scyrión polla grande secura que causa & influe» <sup>3</sup>.

Eram considerados pestilenciais os dias que decorriam desde o nascimento cósmico de Sírío <sup>4</sup> até à saída do Sol do signo de Leo, dias que eram chamados *caniculares*.

<sup>1</sup> Avelar, f. 287. Há discordância entre os autores, chamando alguns «canicula» ao «cão menor».

<sup>2</sup> Erígone é Virgo e Ícaro é Bootes, onde brilha a estrêla que hoje tem o nome de Arcturo. Para cada constelasio não há, porém, uma lenda única.

<sup>3</sup> Avelar, 287.

<sup>4</sup> Tornamira, 87: «El nacimiento cosmico o mundano que es el diurno, es quando una estrella al mesmo tiempo que el Sol comienza a mostrar-se por el horizonte, salla ella encima de nuestro Emispherio. Y aunque todas las estrellas que nacen de dia, se dize que nacen mundanalmente por excelencia se enteeende por la que juntamente nasce conel Sol.» (Cf. *Astr. Lus.*, 36;



O meio dêsse período de tempo — considerado aproximadamente de 40 dias — era marcado pelo nascimento cósmico de Basilisco <sup>1</sup>, a estrêla também chamada «o Coração do Leão».

É esta terrível constelação que, com o prè-cão ou cão menor, aparece no *Auto dos quatro Tempos* (I, 93; XIX), inclinando-se, de longe, perante o Deus-Menino:

y la canina  
la mayor y menor dellas  
con immensa devocion  
se te inclina

R. U., II, 157) André de Avelar, 287 v.: «quando o Sol com seu movimêto proprio possuir corporalmente quasi cinco graos de signo de Leo do primeiro mobil, entam juntamente, & ao mesmo tempo nasce o Sol com a dita estrella & em tal dia dizem comesar os caniculares nesta cidade de Lisboa.»

O facto de nascer o astro com o Sol, levaria D. Carolina Michaëlis a chamar *heliaco* a êste nascimento, que não é *heliaco*, mas sim *cósmico*. (Vid. *Mestre Giraldo*, adiante citado).

Sobre nascimento heliaco vid. os nossos *Elementos para a resolução dum problema camoniano na Miscelânea científica e literária dedicada ao Doutor Leite de Vasconcellos*, tomo II (ainda não publicado).

<sup>1</sup> Copérnico traduziu êste nome para latim dando à estrêla o nome de *Regulus*.

Avelar, 288: «O tempo que duran he todo o que tarda o Sol desdo nacimiento da canicula tê passar a imagem do signo, & todo o signo de Leo do primeiro mobil, o que vem a ser em quarenta & hum dias quasi, & assim a commum opiniam dos médicos tem que duram quarenta dias & este tempo todo he pestilencial, porque o signo de Leo como parece por Ptolomeo, causa quentura & turbulencias no ar por causa de certas estrellas, que nelle estam de natureza de Marte & Saturno & o signo de fogo, & feruentissimo imprime quentura, & secura remota de todo temperamento & assi parece que com justa rezão Hypocrates prohibia todo esto tempo pera tomarem purgas, e todos os autores antigos escreuem ser tempo pernicioso, & nelle alterarse o toruarse os vinhos e os pexes sobreaguarse, e os cães adoecer de raiva como diz Plinio em sua natural historia lib. segundo. O meo destes caniculares quando he mayor feruor, vem a ser ao tempo que o Sol sobe juntamente com a estrella chamada Basilisco no coraçam da imagem de Leo, a qual he da mesma natureza que o cão: acabamse quando o Sol vem com a cauda do Lião, onde estaa a estrella chamada Denobalezeth de natureza de Saturno Mercurio & Venus. A rezam he, porque a ultima parte do signo de Leo: & as estrellas que nella sam de muy humida natureza & movem a corrupçam como parece por Ptolomeo no 2. do quadripartito.»

A estrêla a que Avelar chama Denobalezeth é a  $\beta$  do Leão, chamada hoje Denébola.



De Sirio, considerada estrêla de forte influxo sôbre os humanos, derivou D. Carolina Michaëlis<sup>1</sup> a forma *siria* (siira em Mestre Geraldo), significando *alento*, e que G. V. emprega com a forma *sira* na *Barca segunda* (I, 266; LIII v.):

e com tal dor acabey  
que de mi parte nam sey  
nem tenho ponta de sira.

**ORION**, morto pelo Escorpião à ordem de Diana e colocado por Júpiter no céu, mostra o «gesto turbulento»<sup>2</sup> nas chuvas e tempestades que traz consigo.

Três das mais belas estrêlas — os *Três Reis Magos* ou as *Três Marias*<sup>3</sup> — formam-lhe o cinto.

Designada por *estrela*, a constelação aparece no *Auto dos quatro Tempos* (I, 92; XIX) entre aquelas cuja obediência



FIGURA 31  
Orion

é trazida por Júpiter:

y la estrella Orion

No atlas de Flamsteed, Orion aparece combatendo o Touro para alcançar as *Pleiades*, a que já nos referimos<sup>4</sup> e que também são mencionados no *Auto dos quatro Tempos* (I, 92; XIX):

y las Pliades lozidas

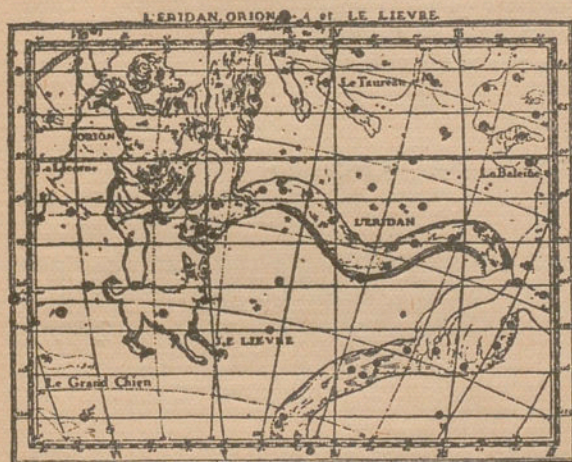


FIGURA 32

<sup>1</sup> *Mestre Giraldo e os seus tratados de Alveitaria e Cetraria*, pág. 251 (Rev. Lus., XIII, 1911).

<sup>2</sup> *Lusiadas*, x-88.

<sup>3</sup> Para outro nome, que figura numa quadra popular, vid. *Astr. Lus., R. U.*, III, 125 (já citado em **TAURUS**).

<sup>4</sup> Vid. **TAURUS**. *Sete cabrinhas* é do Rep. de Avelar (trad. do cas-



O adjectivo dá-nos a característica dessa constelação, a que vulgarmente se chama o *sete-estrêlo*, e que aparece no céu como mancha de luz.

**LEPUS.** Aos pés de Orion encontra-se a lebre, a que Mercúrio se refere no *Auto da Feira* (I, 155; XXI v.):



FIGURA 33  
Do livro dos Pl.

e cuidam que ursa maior  
ursa minor e o dragão  
e lepus que tem payxão<sup>1</sup>  
porque hũ corregedor  
manda enforcar hum ladram.

Das influências das constelações informa-nos a ciência «verdadeira» de Mercúrio respondendo à anterior pergunta:

Nam porque, as costolações  
nam alcançam mais poderes  
que fazer que os ladrões  
sejam filhos de mulheres  
e os mesmos pays barões

## XVII — Os «Círculos»

Logo no princípio do cap. IV chamámos a atenção para a palavra *círculo* com a significação de céu dum planeta (uma camada esférica). Encontra-se igualmente aplicado ao Zodíaco

---

telhano *cabrillas*). O *nascimento cósmico* (n. com o Sol) e o *ocaso crónico* (o. com o Sol) das Pleiades marcaram a gregos e romanos respectivamente o comêço do estio e o do inverno. (Chaves, f. 30; Tornamira, pág. 188).

<sup>1</sup> *Paixão* pertence à linguagem astronómico-astrológica da época. No livro de Tornamira, o cap. XLVI intitula-se: *de los Planetas*; o XLVII, *del movimiento delos orbes y epíclidos*; o XLVIII, *En que se prosiguen los círculos de los Planetas* e o XLIX, *de otras passiones que tienen los Planetas*. Dêste cap. extraímos (pág. 147): «...tienen los Planetas otras passiones que llaman las Theoricas, en sus orbes eccentricos, que son velocidad, tardança, augmentacion y diminuicion de movimiento...»



(zona esférica) e mostra ainda o trecho seguinte que à própria circunferência se chamava também *circulo*:

«El Zodiaco es un circulo mayor. ... Todos los circulos dela Sphera se imaginan como linea e solo el Zodiaco superficie...»

No *Auto dos quatro Tempos* (I, 93; XIX):

y el tu cielo Etereo,  
círculos, y zodiaco

*cielo Etereo* é a parte etérea da Máquina do Mundo e *círculos* os dez céus ou camadas esféricas que a formam, fazendo-se referência especial a uma zona do oitavo céu — o zodíaco.

Anteriormente mencionara-se já o nono céu formado de águas claras e tão transparentes que à sua «claridade» deveu o nome de *crystalino*<sup>1</sup>.

Um outro «círculo» o acompanha:

y todo el circulo galaxo  
y crystalino,

D. Carolina Michaëlis deixou esta pergunta (*N. V.*, IV, 207):

«Onde se informou [G. V.] a respeito de ... el circulo galajo<sup>2</sup> como nome da via láctea ou estrada de Santiago?»

E, em nota, no mesmo lugar:

«Também a chamavam *via galaica*, pelo motivo evidente de Santiago estar na Galiza<sup>3</sup>. Claro, que a

<sup>1</sup> Tornamira, 28-29: «dize Alexandro que las aguas que estan sobre los cielos no son frias ni humedas... pero ellas son alli situadas sobre la mas noble propiedad de su naturaleza, que es trãsparencia, claridad, subtilidad, por medeo de las quales passa la vista sin aver entre ellas cõtriedad. ...por lo qual es llamado aquel cielo Crystalino... no por dureza: mas por causa de su claridad. Es assi mismo llamado cielo de las aguas...»

<sup>2</sup> Assim aparece na ed. de 1834.

<sup>3</sup> Cf. a opinião de Tornamira na transcrição que adiante fazemos.



forma vicentina provém do γαλαξίας grego. «Mas como? e quem o estropiou assim?»

Depois, na *lista alfabética dos nomes próprios*, escreveu a pág. 287:

«*Circulo galajo*. Entre os astros e as constelações que Júpiter arregou para que viessem adorar o Menino-Jesus está, a par das Pléiades e Gémeos esse círculo (1, 92) cristalino. Deve ser a via lactea, cujo nome grego γαλαξίας o poeta hispanizou, ou mais provavelmente já encontrou usado em livros de astronomia (talvez no *Segredo dos Segredos de Astrologia*, atribuído ao Infante D. Henrique no *Reg. de Colon* n.º 4129).»

No passo citado (1, 92; XIX):

y todo el circulo galaxo  
y cristalino

vemos dois «círculos»: o «círculo cristalino» (9.º céu)<sup>1</sup> e o «círculo galaxo». Êste é sem dúvida a *Gallaxia* que no *Repertório* de Avelar figura a f. 225:

«Da Gallaxia ou via lactea que em Portugues se chama caminho de Santiago.»

<sup>1</sup> No «*Psalmo*» que vem em *Mofina Mendes* (1, 119; XXIII), e que deve confrontar-se com o *Psalmo 148* da *Bíblia*, há a mais bela das referências ao *Cristalino*, ou céu das águas:

Louuay o senhor dos ceos  
louuayo agoa das agoas  
que sobre os ceos sois firmadas

«*Circulo cristalino*» é expressão que com a forma «*cêrco cristalino*», aparece em Camões, *Ode «Já a calma nos deixou»*, numa bela referência ao Aquário, signo em que entra o Sol em Janeiro:

Porém, como o menino  
Que a Júpiter por a águia foi levado,  
No *cêrco cristalino*  
For do amante de Clície visitado,

Indica-se, com rigor, o «*detrimento*» do Sol — *Aquarius* — levado em conta o movimento de precessão dos equinócios.



Já antes, a f. 120 v. <sup>1</sup> escrevera Avelar:

«O circulo lacteo <sup>2</sup>, a que os gregos chamaram galaxia, & os Latinos via lactea, & o vulgo caminho de Santiago: he um circulo maior no octauo ceo, ... mas seu resplendor e brancura dôde tomou o nome de leite não lhe vem como algũs cuidão da multidam grandissima de estrellas muy miudas: que nelle estam & chegam a nossa vista distinctamente, como fazem as mais estrellas, senão o que he mais provavel porque este circulo lacteo he parte do firmamento continua, & mais densa que as outras partes do ceo de tal maneira que possa receber o lume, & claridade do Sol, mas não como as outras estrellas que são partes do firmamento muito mais densas...

este circulo esta no firmamento, & não na região do ar, como queria Aristoteles, porque desta maneira não se veria em qualquer parte da terra passando precisamente pellas mesmas estrellas do firmamento, ... por Cassiopoya, Cisne aguia vollante <sup>3</sup>, setta de Sagitario, & cauda de Escorpião, Centauro, Nao Argo dos Geminis Henioco auriga <sup>4</sup> & Perseo, como clarissimamente consta em hum globo astronomico, o que Manilio <sup>5</sup> declara...

A este circulo lacteo chama Ouidio caminho por onde os antigos fingiam que subião seus falsos deoses a conselho com Jupiter...» <sup>6</sup>.

Tornamira (pág. 45) serve-se, na sua exposição em castelhano, do termo *galaxa*:

«Causam las estrellas la via que dizen en Griego,

<sup>1</sup> Na edição de que nos servimos (1602) há erro na numeração das fôlhas: passa-se de f. 124 a f. 225.

<sup>2</sup> Com o nome de «circulo lacteo» aparece ainda na *Taboada Curiosa*, pág. 122.

<sup>3</sup> Tornamira, 44: Aquila, o Vultur volans; Lyra o vultur cadens.

<sup>4</sup> Tornamira, 44: Henioco, Agitator o Auriga.

<sup>5</sup> Como se vê, o poema de Manilio é várias vezes citado por Avelar. Acérca de globos usados no século XVI, vid. *Astr. Lus.*, 54-55 (*R. U.*, 11, 306-307).

<sup>6</sup> Epifânio Dias, na sua ed. de *Os Lusíadas*, em nota a 1, 20, chama a atenção para as Metamorfoses 1, 163-181.



*Galaxa*, que en Latin se dize *Via lactea*<sup>1</sup> porque es blanca de color de leche: este camino es la confulgencia de muchas estrellas que estan muy juntas en el octavo cielo, las quales por estar muy juntas, embian los rayos como trauidos y entretexidos a nuestros ojos por lo quall llegan tan cõfusos a nuestra vista que apenas se distinguen unos de otros... desta mesma manera los rayos que de si echan las estrellas q̄ estan en aq̄l circulo Lacteo del octavo cielo, quando llegan a nuestra vista vienen tan juntos y entretexidos que nos parece que está aquel circulo bañado de leche<sup>2</sup>.

A este circulo Lacteo llama el vulgo el camino de Santiago, engañado por el vocablo: porque como en Griego se dize *Galaxea*, piensa que quiere dezir Galicia donde esta el cuerpo del Apostolo Santiago, y dizen que quiso Dios señalar enel cielo el camino de Santiago de Galicia, como si la *Galaxea* estuviessse siempre en un mismo sitio de la tierra, y no dicesse la buelta com el mouimiẽto del Cielo.»

A via láctea é, portanto, no séc. XVI chamada em castelhano *galaxa* e considerada um «circulo»<sup>3</sup> análogo ao zodíaco (uma zona esférica).



FIGURA 34  
Do livro dos Planetas

Segundo o seu processo, o poeta transforma a forma feminina *galaxa* na forma masculina correspondente, em concordância com «circulo», e desempenhando funções de adjetivo: *el circulo galaxo* exactamente como, em vez de *Cão*, estrêla *Canina*.

<sup>1</sup> Sacrobosco emprega o termo *galaxia*: «& galaxia est pars lucida magis inter partes sui orbis» (fl. 14, v. *Astr. Lus.*, 31; *R. U.*, 11, 153).

<sup>2</sup> Com o mesmo argumento de Avelar, mostra Tornamira que êle pertence ao 8.º céu.

A análise espectral havia de mostrar muito mais tarde a superioridade da hipótese de Tornamira relativamente à de Avelar.

<sup>3</sup> Como «circulo», aparece ainda mencionado na *Taboada Curiosa* de António Garrido, págs. 122-123.



## XVIII — Os Pólos

Vimos já no cap. IV que a 10.<sup>a</sup> «esfera» — primeiro móvel — executa o seu movimento de rotação em 24 horas, arrebatando nesse movimento tôdas as «esferas» interiores.

O movimento faz-se em tórno do *eixo*, «uma linha imaginária» que passa pelo centro da Terra e por «dois pontos reais» do céu — os Pólos. Deles diz Tornamira (pág. 72):

«Los Polos del Mundo son dos puntos enel Cielo, el uno se llama *Polo artico* que siempre luze sobre nosotros. Dicho assi por estar cerca de una constelacion que se llama Arturo <sup>1</sup>. Y el otro se dize *Antartico* que quiere dezir, contra el *Artico* el qual es inuisible a nosotros... Entre estos dos Polos se rodea el Cielo...» <sup>2</sup>.

A f. 90, Avelar refere-se também aos Pólos, citando, entre os vários nomes do Pólo ártico, o nome vulgar de Pólo norte e o de Tramonta <sup>3</sup>, dado pelos italianos, e acrescenta:

«Os navegantes chamam a cada hum destes Pollos estrellas do mar: ou dos mareantes, não porque os mesmos Pollos sejam estrellas, mas porque ao redor delles estam certas estrellas que fazem as mais piquenas voltas de todas... os modernos a hũa chamam estrella do Norte, & a outra cruzeiro.»

Tais são os Pólos mencionados por G. V. Quais estrellas propícias na hora do nascimento, aparecem na *Floresta de enganos* (II, 133; CXII v.):

Sahi a terreyro senhora Siluenda  
vos que nacestes com favor dos Polos.

<sup>1</sup> Arturo não figura nos nomes das constelações de pág. 44 de Tornamira. Ficamos convencidos de que se refere à Ursa maior, pelas razões já expostas (vid. *URSA MAIOR*, no cap. XVI).

<sup>2</sup> Cf., em *Astr. Lus.*, 85 (*R. U.*, 11, 487), o emprêgo de «rodea».

<sup>3</sup> Cf. *Perder a Tramontana* (vulgarmente *Trasmontana*) = perder o Norte, ou desnortear-se.



e na *Exortação da Guerra* (II, 364-365; CLIX):

E quando os sinos estauam  
 com mais gloria e alegria  
 e os poolos semfeytauam  
 . . . . .  
 naceram vossas altezas.

O eixo do mundo encontra em dois pontos a superfície da Terra determinando os dois polos terrestres. Dêstes é costume mencionar também em primeiro lugar o Polo Norte, por estarmos no hemisfério Boreal. O *polo segundo* da *Exortação da Guerra*<sup>1</sup> (II, 363; CLIX) é, por isso, o Polo Sul:

Oo famoso Portugal  
 conhece teu bem profundo  
 pois atee o Polo segundo  
 chega o teu poder real.

## XIX — Os Climas

Sacrobosco considerava como única parte habitável da Terra a zona<sup>2</sup> do hemisfério boreal compreendida entre os paralelos cujas latitudes eram 12° 45' e 50° 30'.

Esta zona era dividida em zonas parciais satisfazendo à condição de, entre os dias máximos dos respectivos paralelos inicial e final, haver diferença de meia hora.

Assim se obtiveram as sete zonas parciais chamadas *Climas*<sup>3</sup> numerados de 1 a 7 e contados no sentido das latitudes crescentes (da Equinocial para os Polos). No paralelo inicial do primeiro *Clima*, era o dia máximo de 12<sup>h</sup>45<sup>m</sup> e no paralelo final do último, de 16<sup>h</sup>15<sup>m</sup>.

<sup>1</sup> Como da *Canção* camoniana «O poeta Simonides».

<sup>2</sup> Pedro Nunes diz *zona* ou *região* (*Trat. da Sph.*, cap. II «cinco zonas ou regiões»).

<sup>3</sup> Vid. *Astr. Lus.*, 98 (*R. U.*, II, 500). Da definição dada por Tornamira (p. 71) e da gravura de Bonato que reproduzimos, dir-se-ia que o erro desta, na marcação do trópico de câncer, influiu na definição apresentada por aquele autor.



Valentim Fernandes (pág. 18) menciona os sete climas com o nome de *partidas do mundo*<sup>1</sup>: «sete climas, que sam sete lineas ou partidas do mundo pouoadas.»

¶ *Capitulum octauum qualiter terra diuidatur in septem alias diuisiones*

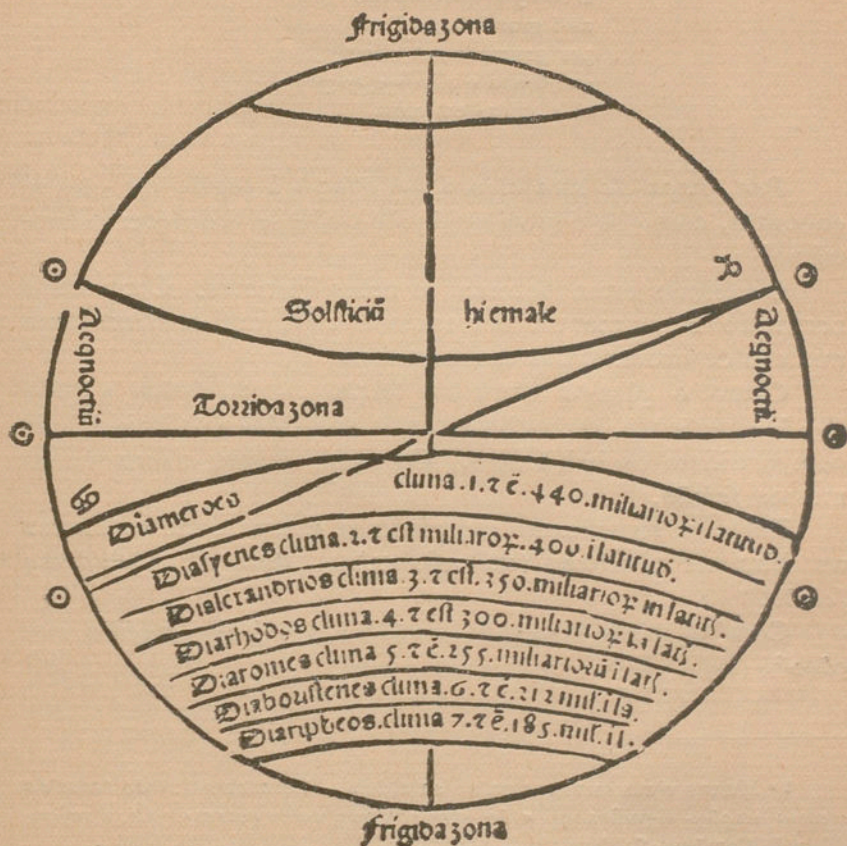


FIGURA 35

(Do livro de Bonato. O Polo Norte em baixo).

Da importância geográfica de lugares a eles pertencentes derivaram os seus nomes respectivos de: Clima de Méroe,

<sup>1</sup> Vid. *Astr. Lus.*, 104 (R. U., 11, 506). Ai se chama, em nota, a atenção para o título: *Verdadeira história do Infante D. Pedro de Portugal que andou as «sete partidas do mundo» feita por Gomes de Santo Estêvão.*



de Siene, da Alexandria, de Rodes, de Roma, do Borístenes, dos Rifeus.

E a um dêsses *climas* — o de Roma onde está Lisboa — que há referência na *Exortação da Guerra* (II, 352; CLVII):

E farey a torre da see  
 assi grande como he  
 per graça da sua clima  
 que tenha o alicesse ao pee  
 e as ameas em cima

*Per graça da sua clima*, ou graças à região em que se encontra, como se noutra qualquer pudesse acontecer o contrário!

Os climas eram dominados pelos Planetas. Contados a partir do Firmamento, pertencia a cada um o *clima* cujo número de ordem fôsse igual ao seu.

Como o planeta imprime feição característica a tudo que lhe pertence, cada clima tem a sua *feição* própria e dela compartilham os habitantes. Os dum mesmo *clima* são da mesma *feição*.

Tal é o significado a atribuir a «quem é desse clima» na *Nao de Amores* (II, 318; CI). *Dêsse clima* = *dessa feição*.

Com o mesmo sentido usa-se ainda hoje: «*dessa nação*»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Muitas vezes ouvimos na nossa aldeia — Cernache —: «*são todos da mesma nação*» significando «*tão bons são uns, como outros*». Cf. a redondilha de Camões «*Se derivais de verdade*»:

Sabei que aos desta nação  
 Tanto que o *si* concedeis  
 O *tim* logo está na mão.

(*Aos* é emenda proposta pelo ilustre prof. da Faculdade de Letras de Lisboa Dr. Hernani Cidade em *Luis de Camões*, I (Rev. Fac. Letras de Lisboa, III — 1 e 2, pág. 108).

Cândido de Figueiredo regista «*mau de nação*». Equivalente hoje a «*de má raça*» seria na origem: «*mau*, por influência do planeta senhor do clima, ou nação, a que pertencia». (Cf. «*Fidalgo de nação*» na Farsa dos Almocreves, III, 219; CCXXXI, v.).



Gil Vicente emprega também «nação» no citado lugar com o significado de *clima* equivalendo a *feição, modo de ser*:

- Segũ.* Somos mais mofino par  
que arado trouxe em rego  
isto aueis vos dassetar.
- Pri.* Sabeis, señor que eu asselo  
que sam assi sem ventura,  
como Manoel de melo  
que em amores sempre atura  
sem ventura nunca velo
- Segundo*
- Sabeis quem eu sam tambem  
em ser ditoso em amores  
Simam de Sousa do Sem  
que a todos mostra dores  
e nam lhas cura ninguem.
- Pri.* Sabeis quem he dessa clima  
Desses de vos e de mi.
- Segũ.* Quẽ. *pri* dõ Fernando de Lima  
.....
- Segundo*
- Dom Jorge fora ditoso  
mas casou se temporão,  
tem o pesçoço ayroso  
e tem de sua nação  
fala de moço mimoso.

O número de climas foi aumentando com as sucessivas descobertas dos portugueses, mostrando estas «q̄ não ha terra tam destemperada per quẽte nẽ per fria em q̄ não aja homẽs»<sup>1</sup>. Em 1602 escrevia Avelar (f. 120 v.):

«...mas já esta conta [de sete] feneceu, porque a experiencia pos em mais perfeiçam o que toca e serue a Geografia & Astronõmia nesta parte. Os modernos contam vinta tres climas<sup>2</sup>, começando do principio do primeiro clima dos antiquos, & chegãõ até onde o maior dia he de vinte quatro horas, & a elevação do Pollo Arctico sobre o Orizonte sessanta, & seis graos & meyo.

<sup>1</sup> P. Nunes, anotação ao texto de Sacrobosco, no cap. 11 do *Trat. da Sph.* (citado em *Astr. Lus.*, loc. cit.).

<sup>2</sup> Parece haver erro na ed. de 1585, de que se serviu o Dr. Luciano (*Astr. Lus.*, 103; *R. U.*, 11, 503). Inocência da Silva acha essa primeira edi-



Outros tantos climas podemos fabricar da banda do Sul...»

No *Auto da Sibila Cassandra* (I, 61; XIII), Peresica chama a Jesus recém-nascido: *signo*, *planeta* e *clima*; mas considerou o mais remoto dos que imaginar podia — o «*clima*» do Polo Norte:

Oo clima de nuestro polo  
 . . . . .  
 planeta de nuestra gloria  
 . . . . .  
 nuestro sino Laureolo.

## XX — A Astrologia e a Música

A propósito dos aspectos Varra (f. 18) e Tornamira (pág. 156) fazem considerações tendentes a mostrar que a música tem íntimas relações com a Astrologia.

O último destes autores resumindo o que se encontra em Ptolomeu e Pontano, apresenta o quadro das equivalências das «*musicas harmonias*» aos aspectos.

Os números da primeira coluna indicam o número de signos do Zodíaco. O diapasão, contendo aproximadamente seis tons, acomodava-se à proporção 12:6 («*dupla*») e era equivalente à *oposição*.

De modo análogo se procedia com relação às outras «*harmonias*» da música respectivamente tornadas equivalentes aos aspectos *trino*, *quarto* e *sextil* e resultantes das razões 6:4 («*sescupla*»); 4:3 («*sesquitercia*»); 3:2 («*sesquialtera*») <sup>1</sup>.

12	Diapasson	∞∞
6	Diapente maior	△
4	Diatessaron	□
3	Diapente menor	*
2		

ção inferior à segunda, de 1594. Este capitulo do livro de Avelar não é vertido do de Chaves.

<sup>1</sup> *Áltera* vem na *Farsa dos Físicos* como nome dum compasso: erro propositado, certamente. Deve notar-se ainda que na *Farsa* vem: «*se altera*» e «*que altera*», expressões que devem aproximar-se de *sesquialtera*.

A leitura «*áltera*», nesses lugares, parece-nos, pois, a boa. Temos o



Laços estreitos ligavam, pois, a astrologia e a música<sup>1</sup>. E o conhecimento destas duas ciências interessava especialmente à Medicina:

## XXI — A Astrologia e a Medicina

### a) Ciências auxiliares da Medicina

Depois de enumerar as artes liberais, Tornamira mostra que o médico deve ter conhecimentos de tôdas elas (págs. 12-13):

«...el Medico tiene necesidad de Grāmatica para saber declarar y entender lo que lee... de Dialectica para conocer las causas, y entēder la razō delas enfermedades para disputarlas, distinguiēdo lo cierto delo incierto y curarlas. De la Rhetorica, para diffinir con verdaderos argumentos lo que la sciencia trata, y razonar con orden y adorno della. De la Arithmetica, para entender los numeros de las horas, de los dias, de los augmētos y de los creticos y para las cantidades de lo q̄ ordenan. De la Geometria, para saber las calidades de las regiones, y sitios de los lugares, y calidad de los Clymas, y para-

---

prazer de verificar que o prof. Sr. Dr. Rocha Brito, no trabalho que acaba de publicar (Abril de 1937), *A Farsa dos Fisicos vista por um Médico*, concorda (pág. 52) com esta nossa leitura, da qual o informámos por ocasião da conferência que sôbre o assunto realizou em 21-v-936.

Àcerca de «coleca passa» (*op. cit.*, pág. 72) vid. a nota 2 de pág. 9 do presente estudo, não esquecendo a elucidativa nota de M. Lemos.

<sup>1</sup> Alusões à música aparecem em vários lugares: No *Auto da Feira* (I, 151-xxx1), os corpos celestes trazem-nos a compasso («compassados»); há «tónica» no *Auto do Pastoril Castelhana* (I, 16; 4); «baixa» (hoje dizemos baixo) na *Barca primeira* (I, 227; XLVI). Encontram-se nomes de notas no *Auto da Fé* (I, 68; XIII), no *Romance à aclamação de D. João III* (com duplo sentido; III, 360; CCLVI) e *D. Duardos* (II, 227; CXXXII), mencionando-se tôdas, na farsa *Quem tem farelos* (III, 12; CXCII, v.). Vid. também a nota 2 de pág. 132.



lelos... De la Musica para el compas del pulso <sup>1</sup>: y porq̄ ay muchas dolencias q̄ se curan con ella <sup>2</sup>, como los morridos de la Tarantula... Y finalmēte de la Astrologia, para saber el movimiento de los cielos, y influēcia de los Planetas y estrellas fixas, la mutacion delos tiempos idoneos para saber aplicar sus medicinas y pronosticar el sucesso de sus enfermos.»

O capítulo seguinte trata especialmente das relações da medicina com esta arte:

«Cap. vj. Dela amistad que ay entre la Medicina y Astrologia: y dela necesidad que tienen los Medicos dela Astrologia.

Grande es la necesidad que la Medicina tiene de la Astrologia para considerar las naturalezas, mouimiñtos, y aspectos, de las estrellas, y poder certificadamēte pronosticar el sucesso que ha de auer el dia de la Crisis,

1 Cf. *Auto dos Físicos* (111, 318; CCXLVIII, v.):

E ha de saber proporções  
no pulso se he ternario  
se altera se he vinario  
e saber quantas lições  
deu Ptolomeu a el Rey Dario  
. . . . .  
Mostray ca ora e veremos  
esse pulso que nos diz,  
oys que altera...

A *altera*, não pertence a compassos mas G. V. ridiculariza, por tōdas as formas, o físico Tôrres. Logo de principio lhe faz juntar «o Brasil» à expressão «Leste a Oeste». Jocosamente também, visto que tanta coisa é necessária ao uso da Medicina, incluye as lições de Ptolomeu a Dario. O nome do astrólogo da Alexandria anda ligado às relações da música com a astrologia; por isso acudiria à mente do Poeta.

<sup>2</sup> Gil Vicente, se por um lado lhe nota o carácter triste (*D. Duardos*, II, 225; CXXXI, v.):

La musica deue de ser  
su madre de la tristeza

não a esquece como calmante de tormentos (*Amadis*, II, 289; CXLIII, v.):

tocando sus instrumentos  
y cantando una cancion  
adormecen mis tormentos



entre la naturaleza y la Enfermedad que cada una procura de preualecer, y saber los tiempos idoneos del purgar y sangrar: lo qual confirma Hipocrates»...

Seguem-se citações de Albumasar, Aristóteles, S. Tomaz e Galeno, e continua-se:

«De manera que qualquiere que uuiere leydo los libros de Hippocrates y Galeno, entendera llanamente la necesidad que la medicina tiene de la Astrologia: pues ellos lo confiessan. Porque se offrescen casos donde sera muy dañoso al enfermo, visitar-lo el medico, como lo dize Ptholomeo... que quando la septima casa y su señor estuuieren infortunados, se aparte el medico del enfermo. Porque significa turbacion enel doliente é ignorancia de la enfermedad enel medico.»

Depois de se aconselhar a leitura de Hipócrates a quem pretenda contradizer tais doutrinas, dá-se êste conselho (pág. 15):

«De cualquier medico que ignorare la Astrologia, nadie se cõfie en sus manos: porq̃ no es perfecto medico, sino como ciego que busca con el baculo el camino: y no meresce tener titulo de medico ni tampoco puede ser perfecto medico el que ignorare la Astrologia. Con todo esto los medicos que carecen desta Sciencia y no alcãcan sus secretos, no quieren creer esta authoridad por ser gente que no entiende los mesmos libros de Hippocrates, Galeno, y Hermes<sup>1</sup>... Apollonio cõpara al Medico que

<sup>1</sup> Por isso, no *Auto dos Físicos*, Tôrres acha que êles curam a esmo (111, 318; CCLXVIII, v.):

e mestre Nicolao quer  
e outros curar a esmo.

Por outras palavras: Mestre Nicolau não entendia os livros de Hippocrates, Galeno e Hermes. E, assim como Tornamira manda ler êsses autores a quem pretenda contradizer a indispensabilidade de tais conhecimentos, também Gil Vicente diz:

E quem isto nam souber  
vasse beber disso mesmo.



no sabe Astrologia, ala Phâtasma que parece ser cuerpo viuo, y es sombra viuificada de spiritos. Hipparco... lo compara al ojo que no esta en potêcia para exercitar su operaciõ y acto. Galeno... dize que los Medicos que ignorã la Astrologia son piores q̃ salteadores y matadores, por no conocer los necessarios requisitos ala Medicina.»

Destas idéas é arauto Tôrres no *Auto dos Físicos* (III, 318; CCXLVIII v.):

Mas ha de saber quem curar  
os passos que daa hũa estrela  
e ha de sangrar por ela

#### b) As compleições

O último verso diz respeito à sangria e esta obrigava ao conhecimento das compleições, e ao das suas relações com as fases da Lua.

«Das quatro comprêssões» trata Avelar a f. 272 v. e seg.:

«Chamam os Philosophos naturaes temperamento ou compreixam a hũa congenita mixtura dos quatro primeiros & naturaes humores: sangue, flegma, cholera, melancolia.»

A compleição classificava-se, por isso, com o nome de humor que nela predominava <sup>1</sup>.

Sobre os humores tinham influência os planetas, principalmente o mais próximo da Terra — a Lua.

O período duma lunação (duma conjunção até à seguinte) dividiu-se em quatro partes «das quais as duas primeiras se contam no crescer da Lũa & as duas ultimas no minguar em

<sup>1</sup> Valentim Fernandes, 80: «e por ellas julgamos o homẽ por bõ ou mau. s. hũs calados e segredos, e de curtas razões, e taes sam os flematicos adustos...». A compleição sanguinea pertence a Júpiter, a colérica a Marte, a flegmática a Mercúrio, e a melancólica a Saturno. Vid. os signos correspondentes a cada compleição no cap. vi, f) *Triplicidades*.



luz». Comparou-se ao ano êsse período <sup>1</sup> e as suas quatro partes — cada uma aproximadamente de 7 dias <sup>2</sup> — às sucessivas estações, começando pela primavera. E como estas se fizeram corresponder às compleições, resultava que cada uma das partes da lunação era correspondente a uma das compleições, o que era importante para a sangria: os de determinada compleição sangrar-se-iam em determinada fase da Lua.

Devia escolher-se também um bom *aspecto* desta, de forma que se evitasse a influência de planetas malignos, e preferir-se determinado signo em que ela andasse conforme a compleição. Proibia-se absolutamente a sangria na parte do corpo dominada pelo signo em que a lua andasse: era perigo de morte. Por ser importantíssimo tal conhecimento, os repertórios trazem as gravuras dos signos com indicação das partes do corpo sôbre que dominam <sup>3</sup> (fig. 36).

#### e) Crise <sup>4</sup>

«Crisis he hũa certa contenda e baralha entre a natureza & a infirmitade» (Avelar, 296).

Dias *criticos* ou *judiciais* <sup>5</sup> eram aqueles em que o médico podia julgar se o doente se curava ou se morria. Segundo o simbolismo de Lucas Gaurico <sup>6</sup>, citado por Tor-

<sup>1</sup> «Os Peripateticos chamavam à Lũa segundo Sol... que fazia numes o que o Sol em hum ano».

<sup>2</sup> A quarta parte de «29<sup>d</sup> 12<sup>h</sup> 44<sup>m</sup>».

<sup>3</sup> Os Planetas dominavam também determinadas partes do corpo. Vid. a gravura de f. 259, de Avelar ou, melhor, a de pág. 474 de Tornamira.

<sup>4</sup> Vamos resumir o que se encontra em Avelar e em Tornamira.

<sup>5</sup> Cf. Tornamira, 454: «Crisis, que en Arabigo se llama Albaarin, significa juyzio; y assi dias creticos es lo mesmo que judiciales: porque enestos dias se jusga de la salud o muerte del doliente...». Havia várias opiniões sôbre a maneira de os contar e várias espécies de *criticos*.

<sup>6</sup> Deve-se-lhe a edição de 1524 das *Tabulae* de Regiomontano. (Vid. *Regiomonte em Bibliografia*).



**DEL DOMINIO QUE TIENEN**  
 los signos sobre los miembros del hombre, en los  
 quales es peligrosa la sangria, quando la Luna  
 estuviere en signo que dominante sobre  
 el tal miembro.



**Aries.**  
 La cabeza y  
 rostro.



**Taurus.**  
 El cuello, cer-  
 niz, garganta.



**Gemini.**  
 Hombros, bra-  
 ços, manos.



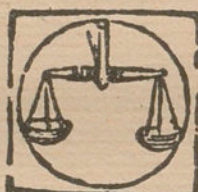
**Cancer.**  
 Pecho, estoma-  
 go, pulmon.



**Leo.**  
 Espaldas, costa-  
 dos, coraçon.



**Virgo.**  
 Viètre, entra-  
 ñas, yjares.



**Libra.**  
 Lomos, ombli-  
 go, renes, vexi-  
 ga, y nalgas.



**Scorpio.**  
 Las ingles. Par-  
 tes baxas, y los  
 genitales.



**Sagittario.**  
 Los muslos.



**Capricornio.**  
 Las rodillas.



**Aquario.**  
 Las piernas y  
 espinillas.



**Piscea.**  
 Los pies.

FIGURA 36

(Do Rep. de Chaves.)



namira (pág. 454), a enfermidade era o acusador, a natureza o réu, os acidentes as testemunhas e o médico o juiz.

Para a determinação dos dias *criticos*, Ptolomeu considerava o zodíaco dividido em 16 partes, segundo a figura 37 — tendo portanto  $22^{\circ}30'$  cada divisão — o que era a base duma figura importante a traçar.

Conhecedor da astrologia, «principalmente notara o prudente medico o tempo e hora a que o enfermo se sentiu mal.» (Avelar, 292 v.).

É o que faz Tórres, no *Auto dos Físicos* (111, 317; CCXLVIII v.):

Este mal he ja de dias?

. . . . .  
A que horas vos tomou?

«& isto sabido busque com grande diligencia o grau e signo em que ao tal tempo está a Lua.» (Avelar, *loc. cit.*).

Assim faz Tórres:

Tambem em Piscis a Lua

Êste signo é marcado no primeiro ângulo, ou primeira divisão do zodíaco. Marcam-se depois nos lugares respecti-

### Figura de Ptolomeo de diez y feys Angulos.

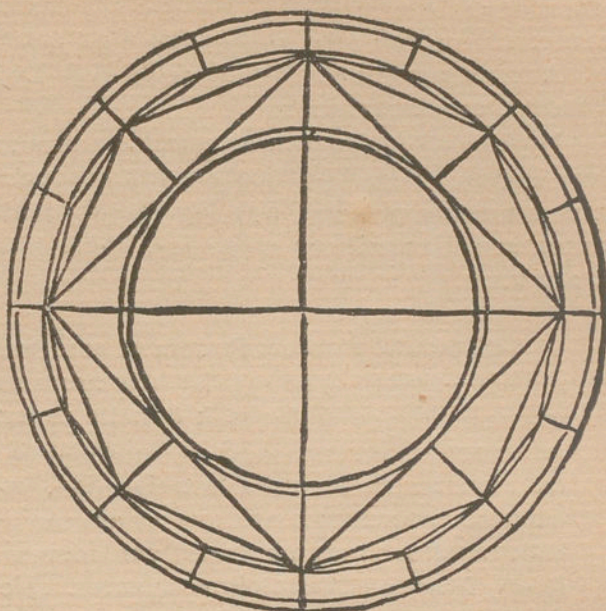


FIGURA 37

(Do Rep. de Tornamira)



vos os signos, planetas e estrêlas de primeira grandeza, que distem da Lua menos de 12°.

Os *críticos radicais*<sup>1</sup> são marcados pelos vértices do quadrado, equivalendo a quartas partes do percurso da lua sôbre o Zodíaco (lunação); as divisões intermediárias marcam também dias *críticos* mas não radicais: são chamados sucessivamente: 1.º *intercidente, indicativo* e 2.º *intercidente*.

A cada arco de 22°30' descrito pela Lua, corresponde, portanto, um dia crítico.

Marcados os planetas, as estrêlas e os signos nos respectivos lugares, o prognóstico era feito segundo a situação de bons ou maus planetas nos lugares do zodíaco correspondentes aos dias críticos marcados, como nos refere Avelar (f. 292 v.):

«Segundo escreue Ptolomeo ante todas as cousas o medico experto deue regular hua figura ao tempo & hora que o doente se sintiu mal; & nella se notaram os desasseis angulos lunares... & assi mesmo se situaram todos os Planetas & algumas estrelas fixas mais conhecidas daquelas principalmente que estam mais conjuntas cõ a eclitica situandoas em seus verdadeiros lugares como soem fazer os Astrologos scientes. Verificada assi a figura notese logo que Planetas ou estrelas fixas caem nos ângulos porque ali onde ouuer beneuolo Planeta seguramente se julga vitoria no tal dia da natureza contra a doença, & pello contrario se ouuer malevolos Planetas julgarseha mal semelhantemente notaremos os aspectos da Lũa se sam com bons ou maos Planetas ou com benevolas estrellas, & segundo que for mal, ou bem afortunada assi se julgara como he dito, & deve aduertir o prudente medico hũa certa cautela<sup>2</sup>, & he que nam

<sup>1</sup> Avelar, 291: «Os dias criticos radicaes, decretorios, ou judicatorios, são aquelles em q̃ a natureza se esforça para expelir ou mudar os humores nociuos da enfermidade, & nestes he maior luta commumente de todos os criticos».

<sup>2</sup> Estas *cautelae* aconselhadas em vários lugares não escaparam a Gil V.:

Porem querouos preegar  
sem mentiras nem cautellas

(*Auto da Feira*, t. 151; xxx, v.).







Os dias correspondentes a essas posições da Lua eram dados pelas efemérides. Assim se determinavam os dias de crise.

Devia indicar-se se no princípio da doença a lua ia no *crescente* ou *minguante* e se era *veloz* ou *tarda* <sup>1</sup>; «porq̃ ayuda esto mucho para ver el aumento, o diminucion de la enfermedad: veloce prolonga la dolencia y tarda la disminuye» <sup>2</sup>.

Dos *aspectos* com o Sol, consideram-se bons o *trino* e *sextil*, e perniciosos a *conjunção* e a *oposição*. Assim, se no princípio da doença a Lua estivesse em oposição com o Sol, grande dano viria ao doente. Péssimo seria também que nessa ocasião houvesse eclipse dum dos luminares.

Quanto aos signos, se a doença começava estando a Lua em signo *móvel* (signo em que se opera a mudança de estação: *Aries*, *Cancer*, *Libra* e *Capricornius*) nunca seria demorada; mas o contrário sucederia se o signo fôsse *fixo* (*Taurus*, *Leo*, *Scorpio* e *Aquarius*) e se signo fôsse *comum* (participando das qualidades de duas estações: *Gemini*, *Virgo*, *Sagittarius* e *Pisces*) indicaria que o doente saíria duma enfermidade para cair noutra.

Dos planetas, Saturno e Marte consideravam-se os causadores das doenças <sup>3</sup>. A figura 38 mostra que no princípio da doença ou *decúbito*, a Lua *via* Marte em aspecto «sextil, y Saturno de quarto apartadissimo». Não devia por isso recear-se dêste último planeta, nem de Marte. Não morreria, portanto, o doente; mesmo porque a lua sofreria benéfica influência dos aspectos de Vénus e Júpiter, os quais embora maus, por serem de quarto, sempre favoreceriam por serem de bons planetas <sup>4</sup>.

Livros especiais punham a doutrina ao alcance dos médicos. Tornamira cita o *Amicus Medicorum*, um livro especial

<sup>1</sup> Tornamira, 458: «Y por causa que la Luna (segun su mouimiêto próprio) unas veces anda velozmente y otras tarde, andâdo unos dias mas grados del zodiaco que otros forçosamente los dias Creticos no succedên siempre en iguales tiempos».

<sup>2</sup> Tornamira, 461.

<sup>3</sup> Tornamira, 462: «Para la calidad de la enfermedad se ha de notar que los dos planetas Saturno y Marte, son los autores de las dolencias»...

<sup>4</sup> Tornamira, 462.



sôbre dias críticos de Tomas Boderio, e as regras de Hermes y Hipócrates. Remete ainda o leitor para as *Efemérides* de Estadio, e outras.

As 24 «*Regras medicinais e Astronomicas tiradas de Hermes trismegisto, estando a Lũa em algum dos doze signos com Saturno ou Marte*» võem em Avelar f. 294. Por sinal que, a seguir ao título, êste autor escreve: «*as quaes regras não tem infalidade mas faltã as vezes.*»

Voltemos ao *Auto dos Fisicos*.

a)

Vimos que, segundo o uso, Tôrres começou por saber em que dia e hora se sentira mal o doente. Seguidamente faria—talvez mentalmente, por basófia!—uma figura análoga à fig. 38, concluindo:

Dez dias de menham cedo  
estava Saturno em Aries  
.....  
em Piscis estaua Jupiter  
.....  
Tambem em Piscis a lũa

Como convinha à farsa, há êrro. Já mostramos que não podiam estar em tal posição relativa Saturno e Júpiter e que, ao contrário de Tôrres, todos saberiam que Saturno estava em *Pisces*<sup>1</sup>.

b)

A seguir, a asserção:

nam vejo causa nenhũa  
pera febre verdadeyra

<sup>1</sup> A propósito das *conjunções*, vid. cap. vi, g) *Aspectos*.



é outro disparate, porquanto, tendo a doença começado com a Lua em signo *comum* — Pisces — indicaria isso, como já atrás foi dito, que o doente saíria duma enfermidade para cair noutra.

A análise doutros passos mostra outras *calinadas* de Tôrres.

c)

Toma à má conta o facto de ser Júpiter retrógrado:

e segundo estaa retrogrado  
Jupiter confessado,  
ha mister,...

quando isso justamente seria bom:

«estando Jupiter retrogrado significa salud» (Tornamira, 451).

d)

Pergunta ao doente se lhe doem as pontas dos pés <sup>1</sup>, quando era do peito que deveria inquirir, caso Saturno estivesse, como supunha, em Áriès:

*«Et si quidem planetae significaverint dolorem, habent in uno quoque signo membrum sibi proprium...»*

*Saturnus in Ariete habet pectus... si Saturnus sit in Ariete, pectus periclitabitur... (Nabod, 82-84) <sup>2</sup>.*

---

<sup>1</sup> Não há na farsa nada que permita formular hipóteses sôbre as supostas *qualidades* da doença e por isso não podem estudar-se outras hipóteses que veem em Tornamira, 461.

<sup>2</sup> Êste passo mostra não ser boa a interpretação do prof. Dr. Rocha Brito: «Gil Vicente não ignorava que os pés estavam sob a jurisdição dos «Peixes»...» (*op. cit.*, pág. 50). Não tem aplicação, no caso presente, o que está na fig. 30, ou nas equivalentes dos *Repertórios* de Avelar, Torna-



e)

A cautela tão recomendada ao médico «que nam pronostique mal ou bem sem ter primeiro conhecida a qualidade da doença» não a tivera Tórres. Daí resulta que fez mais de um prognóstico.

f)

Estando a Lua em Piscis, em breve chegaria ao signo de Áriès, onde dizia estar Saturno. Ora ao doente «le yra mal quando llegare la Luna al cuerpo de Saturno»<sup>1</sup>. Todavia Tórres não viu tal perigo.

g)

Se a doença proviesse de facto do baço, então o perigo a que acabamos de aludir era considerado gravíssimo, porque é precisamente sôbre o baço que Saturno tem domínio como se vê, v. g., na fig. de pág. 474 do *Rep.* de Tornamira<sup>2</sup>. Mas Tórres é de parecer — mesmo depois disso — que o doente em breve melhorará.

---

mira, ou Valentim Fernandes. O mais antigo esquema que conhecemos dessas influências — já consideradas por Manilio — dos signos sôbre as partes do corpo, é o de Ketham (1491), existente no Old Ashmolean Museum (Oxford), através da reprodução do prof. Ettore Carruccio em *Note sul poema astronomico ed astrologico di Manilio (Archeion, vol. xviii, n.º 4, Outubro-December 1936. Publicato il 10 febbraio 1937)*.

A leitura que fizemos, em fins de Março, dêste tómo de *Archeion*, obsequiosamente emprestado pelo prof. Sr. Dr. Ricardo Jorge, já depois de impresso o capítulo em que nos ocupámos de Manilio, deu-nos o prazer de verificar que, em trabalhos totalmente diferentes, Manilio era homenageado ao mesmo tempo — de modo bem diverso, é certo! — na sua terra e em Portugal.

<sup>1</sup> Tornamira, 463.

<sup>2</sup> Legenda: *Saturno, el baço.*



h)

No verso

e segundo os dias que ha

parece haver referência aos dias críticos. Não podia estar-se em nenhum dos *críticos radicaes* — visto que havia dez dias que a doença começara — e ainda que se estivesse, dadas as afirmações que fizera, não podia tirar como conclusão um prognóstico inteiramente diferente do primeiro.

i)

e segundo estaa o zodiaco

mas, o zodiaco mostrara precisamente os planetas nas posições de que primeiro deduzira um prognóstico favorável ao doente!

j)

e segundo a viscosidade

segundo o humor! Não era com certeza tal que a sangria lhe devesse ter sido receitada: «se notara que los hombres robustos y fuertes se pueden sangrar seguramente: pero los delicados, magros y cholericos, eviten la sangria todo lo possible»<sup>1</sup>. No próprio auto é salientada a fraqueza em que se encontrava o doente.

k)

Estava-se para mais no inverno<sup>2</sup> — certamente em Feve-

<sup>1</sup> Tornamira, 465.

<sup>2</sup> Todo o auto o mostra e na parte final o confessor diz:

Quede así este misterio  
suspenso hasta el verano

o que parece indicar que a primavera não viria longe.



reiro de 1524<sup>1</sup>—estação em que a sangria era proibida segundo Hipócrates<sup>2</sup>.

Em conclusão: o físico-astrólogo aliava a pedantice a uma completa ignorância.

\*  
\*  
\*

Do princípio ao fim da sua obra G. V. procura, ridicularizando-a, aniquilar a astrologia — «arte diábril» — e aqueles que a praticam.

Mostra por outro lado o título do livro de Fr. António de Beja que, para libertar os espíritos das peias de tal arte, o poeta não se encontrava isolado. E a dedicatória desta obra à mesma rainha que protegia o autor dos *Autos*, mostra que na côrte de Portugal D. Leonor animava, em desfavor da astrologia, um movimento que só mais tarde se estenderia pela Europa e de que resultaria a morte dessa arte.

Morte?!

Qual fénix ela ressurge das próprias cinzas, escarnecendo

<sup>1</sup> O argumento apresentado pelo prof. Dr. Rocha Brito (*op. cit.*, pág. 49) a favor da data de 1520 (desprezando a de 1524, proposta na sua conferência), e que é o mesmo que levou Teófilo Braga a idêntica conclusão (vid. M. Lemos, *A farsa dos Físicos de Gil Vicente*), não tem valor. À arte de «*Leste a Oeste*» há alusão nas trovas datadas de 1519, mas também há alusão à altura de «*Leste a Oeste*» numa farsa datada de 1526 (*Almocreves*, III, 213; CCXXX). Sobre o assunto vid., em *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, I, o cap. II — *A arte de navegar dos portugueses desde o Infante a D. João de Castro* — e o cap. IV — *Duarte Pacheco Pereira, precursor de Cabral* — ambos da autoria do nosso Mestre Dr. Luciano Pereira da Silva. É curioso notar que é justamente em 1524 que reúne a *Junta de Badajoz* (*loc. cit.*, pág. 239). Quanto à hipótese de D. Carolina Michaëlis (citada por M. Lemos) de a farsa «*ser bufonada de franca imoralidade de carnaval*» (*N. V.*, I, 61), hipótese que o prof. Dr. Rocha Brito repele, devemos dizer que, feitos os cálculos pela «*Tábua perpétua da Páscoa no calendário juliano*», inserta em *A «Regra Geral das Festas mudáveis» de Gonçalo de Trancoso* (publicada pelo Dr. Luciano Pereira da Silva no *Boletim da Bibl. da Univ.*, vol. VII, 1925), chegámos à conclusão de que a terça feira do Carnaval caíu, nesse ano de 1524, a 9 de Fevereiro. Do que deixamos dito no fim do cap. VI, se vê que a hipótese da insigne Mestra não é de desprezar.

<sup>2</sup> Tornamira, 465.



dos juízos emitidos pelos críticos de obras que ela inspirou! Surgem hoje, a cada passo, livros de Astrologia; chama-a de novo a si a Medicina<sup>1</sup>...

Mas se, no seu rodar constante, o tempo continua sendo a serpente simbólica em que o fim se liga ao princípio e tudo recomeça sem cessar, uma esperança nos resta: a de surgir um novo Gil Vicente!

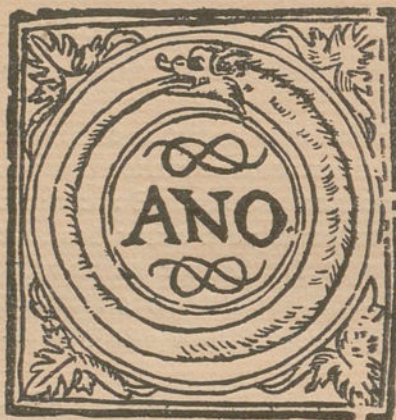


FIGURA 39

(Do *Rep.* de Tornamira)

---

<sup>1</sup> De passagem, vimos na montra da Livr. Bertrand: Fanny Loraine, *Estudos sobre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia*. Livr. Bertrand, Lisboa. Anúncios e artigos de jornal referentes à astrologia aparecem constantemente. Salientaremos o anúncio do *Diário de Notícias* de 6-5-936; os prognósticos dos jornais franceses *Candide* e *Gringoire* e o artigo de Th. Terestchenko — *Vers une renaissance de la Médecine Hermétique*, na revista *Hippocrate* n.ºs 1 a 6 de 1936, que obsequiosamente nos indicou e emprestou (com exclusão do n.º 3), remetendo-nos ao mesmo tempo um artigo do jornal *Candide* e outro do jornal *Gringoire*, o eminente prof. Dr. Ricardo Jorge a quem deixamos expressos os nossos agradecimentos. Por outro lado o cinema espalha pelo mundo os prognósticos dos novos astrólogos: nas sessões de 20 e 21 de Março de 1936, do cinema Olímpia de Lisboa, era todo astrológico o *Jornal Sonoro*.



## BIBLIOGRAFIA

---

ALMANACH BERTRAND — 1905-1909-1910.

AMORIM (Dr. Diogo Pacheco de) — *Nomenclatura dos grandes números*. (Sep. da Rev. Petrus Nonius). Coimbra, 1933.

ANDOYER — Vid. Tisserand.

ANGELI (Iohānis) — *Astrolabium Planum in tabulis Ascendens cōtinens qualibet hora atque m̄to. Equationes domorum celi. Morā nati in utero matris cum quodā tractatu nativitatū utili ac ornato. Nec nō horas inequales p. quo libet climate mundi*. Colofon: *Opus Astrolabij plani in tabulis: a Iohāne Angeli artium liberaliū magistro a nouo elaboratu: explicit feliciter. Erhardi radolt Augustēsis viri solertis: eximia industria: et mira imprimendi arte: qua nuper venecijs: nunc Auguste vindelicorū excellit nominatissimus. Vigesimo septimo Kalendas Nouembris. M.CCCC.LXXXVIII. Lausdeo: (Pertence ao prof. Dr. Ricardo Jorge. Por êste Mestre soubemos que na mesma casa se editou, em 1489, o *Introductorium in Astronomiam de Albumasar*).*

AVELAR (André do) — *Chronographia ou Repertorio dos Tempos: o mais copioso que te agora sayo a luz. Conforme a noua reformação do S.<sup>to</sup> P.<sup>e</sup> Gregorio XIII. Feito por André do Avelar natural de Lisboa lente de Mathematica na Uniuersidade de Coimbra*. Lisboa. Jorge Rodrigues, 1602. (A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1585). (Bibl. Univ., 1-6-18-252).

BARREYRA (Fr. Isidoro de) — *Tratado das significaçoens das plantas flores e fruttos que se referem na Sagrada Escrittura*. Lisboa. Na officina de Manoel Lopes Ferreyra & à sua custa. M.DC.XC.VIII. (Pertence ao prof. Dr. Luiz de Pina).

BELL (Aubrey F. G.) — *Four plays of Gil Vicente*. University Press. Cambridge, 1920.

*Biblia.*

BONATO (Guido Bonatus de Forlívio) — *Decem continens tractatus Astronomie*. Colofon: *Liber Astronomicus Guidonis bonati de forlívio explicit feliciter. Magistri Iohannis angeli viri peritissimi diligenti correctione. Erhardique radolt viri solertis: eximia industria et mira imprimendi arte: qua nuper venecijs: nunc Auguste vindelicorum excellit nominatissimus. Septimo Kal. Aprilis. M.CCCC.LXXXJ. (Bibl. Nacional de Lx.<sup>a</sup>, Inc. 36).*



- BONAVENTURA — *Glossa, seu Summa ex omnibus S. Bonaventura Expositionibus in Sac. Scripturam*. (Bibl. da Academia das Ciências, E  $\frac{618}{7}$ ).
- BOYER (Jacques) — *Histoire des Mathématiques*. Paris, Gauthier-Villars, 1900.
- BRITO (Dr. A. da Rocha) — *A Farsa dos Fisicos de Gil Vicente vista por um médico*. Coimbra, 1937. (Sep. da Biblos, vol. xii).
- CARDANUS (Hieronymus) — in *Cl. Ptolemaei de astrorum Iudiciis, aut (ut vulgo appellant) quadripartitae. Constructionis Lib. IIII. commentaria, ab autore postremum castigata, & locupletata. His accesserunt, eiusdem Cardani, de septem erraticarum stellarum qualitatibus atque viribus liber posthumus, ante non visus. Geniturarum item XII. ad hanc scientiam rectè exercendam observatu utilium, exempla. Item, Cunradi Dasypodii, mathematici argent. scholia et resolutiones seu tabulae in Lib. IIII. Apotelesmaticos Cl. Ptolemaei: Unà cum Aphorismis eorundem librorum. Denique brevis explicatio Astronomici Horologii Argentoratensis, adverit & exacti temporis investigationem extracti*. (Retrato com a legenda: Hier — Cardanus — Aetatis — An — XLVIII). *Basileae ex officina Henricpetrina*.
- A data está no fim do volume: *CICIO-LXXIII. Mense Septembri*. A pág. 601 começam os doze exemplos de leituras de horóscopos: Hieronymi Cardani, *Mediolanensis Medici geniturarum exempla. Praeterea et multa, quae ad interrogationes & electiones pertinent superaddita. Et exemplum eclipsis, quam consecuta est gravissima pestis*.
- CARRUCCIO (Ettore) — *Note sul poema astronomico ed astrologico di Manilio (Archeion, vol. xviii, n.º 4)*. Exemplar do prof. Dr. Ricardo Jorge.
- CHAVES (Hieronymo de) — *Astrólogo e Cosmógrafo. Chronografia o Repertório de los Tiempos, Lx.ª An.º Ribeiro. 1576*. (Bibl. Univ. R-11-30).
- CHOMPRÉ (Mr.) — *Diccionario abreviado da Fabula... Lx.ª, na Regia Off. Typ. M.DCC.LXXXIX (Trad. portuguesa)*.
- CIDADE (Dr. Hernani) — *Luis de Camões 1 — O Lírico*. (Rev. da Fac. de Letras de Lx.ª, III, 1 e 2, 1936).
- DELAMBRE (M.) — *Histoire de l'Astronomie du Moyen Âge*. Paris, 1819. (Bibl. Univ., 2-24-12-524).
- DUHEM (Pierre) — *Le système du monde. Histoire des doctrines cosmologiques de Platon à Copernic*. Paris, 1913-1917. (Bibl. de Matemática). *Encyclopédie (La Grande)*.
- FERNANDES (Valentim) — *Repertório dos Tempos (J. Bensaúde, Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes, vol. 7.º)*. (Bibl. Univ., R. 56-16).
- FREIRE (A. Braamcamp). — *Vida e obras de Gil Vicente. Trovador e Mestre da Balança*. Pôrto, 1919. (Bibl. da Univ., R, 60-16).
- GARRIDO (António) — *Taboada curiosa (Sem frontespicio. Com o nome do autor na pág. 99 e a data de 1747 na pág. 132)*.
- HIPPOCRATE — N.ºs 1, 2, 4, 5 e 6 de 1936. (Exemplares do prof. Dr. Ricardo Jorge).
- JORGE (Dr. Ricardo) — *Passadas de erradio*. Lisboa.
- KÜNIGSPERGER (Joanne) — *Das gross Planetē büch, sampt der Geomanci, Physiognomi und Chiromanci. Alles auss Platone, Ptolomeo, Hali, Albumasar, und Ioanne Königsperger, auff's Kürtzest und fleissigest gezogen, jederman zü güt das böss zü fliehen, und das güt an zunemen*.



- ...Gedruck zü Strassburg, durch Iosiam Richel, im Iar M.D.LXXXIIII.  
(Bibl. Univ., 4-22-1).
- LEMONS (Maximiano de) — *O «Auto dos Físicos» de Gil Vicente*. Pôrto, 1921.  
(Bibl. de Medicina).
- Lusitânia* (v-vi e vol. II, fasc. 1).
- LIRA (Nicolau) — *Glossa Fr. Nicolai de Lira*. (Bibl. da Academia das Ciências, R. 3-2).
- MANILIO — Vid. Pingré.
- Margarita Philosophica* — ed. 1535. (Bibl. Univ., R. 33-9).
- MIGNE (J. P.) — *Patrologiae latinae*. Paris, 1866, t. 23. *S. Eusebius Hieronymus, Expositio interlinearis Libri Job.*, pág. 1475. (Bibl. de S. Pedro — Fac. de Letras de Coimbra).
- MONTE REGIO (Iohannes de) — *germanorum decoris etatis nostre astronomorum principis Ephemerides*. Venetijs 1492. Arte et Impensis Vincenti Benalli. (Bibl. Nac. de Lx.<sup>a</sup> Inc. 739). (Vid. Regiomontanus, Regiomonte e Künigspurger).
- NABOD (Valentino) — *Enarratio elementorum astrologiae, in qua praeter alcabicitii, qui arabum doctrinam compendio prodidit, expositionem, atque cum Ptolemaei principijs collationem, reiectis sortilegijs & absurdis vulgoq; receptis opinionibus, de verae artis praeceptorum origine & usu satis disseritur: in celeberrima Coloniensi Academia studiosis philosophiae proposita a Valentino Nabod, amplissimi Senatus Coloniensis Mathematicarum ordinario*. Coloniae, M.D.LX. (Bibl. da Universidade, 4-22-10).
- NUNES (Pedro) — *Tratado da Sphera*. (J. Bensaúde, *Histoire de la science nautique portugaise à l'époque des grandes découvertes*, vol. 5.<sup>o</sup>). (Bibl. Univ., R. 48-9). Vid. Sacrobosco.
- ORTA (Garcia de) — *Colóquios*... ed. de Ficalho. (Bibl. Univ., 2-19-8).
- PICHON (Réné) — *Histoire de la littérature Latine*, 5.<sup>a</sup> ed. Paris, 1912.
- PINA (Dr. Luis de) — *Os Homens da Igreja na Ciência Nacional*. Lisboa, 1936. (Sep. de *Brotéria*, vol. XXIII, fasc. 2-3).
- PINGRÉ (Al. G.) — *Marci Manilii Astronomicon libri quinque. Accessere: Marci Tullii Ciceronis Arataca cum interpretatione gallica et notis, edente Al. G. Pingré Sanctae Genevefae Canonico & Bibliothecae Praefectae, Regiae Scientiarum Academiae Socio Universitatis Parisiensis Cancellario & c.* Parisiis. M.DCC.LXXXVI, 2 vols. (Bibl. Universidade, 1-3-2-109 e 110).
- PRATT (Oscar de) — *Gil Vicente. Notas e comentários*. Pôrto, 1931. (Da Livr. Clas. Edit. — Lisboa). (Bibl. Univ., 5-21-9).
- PTOLOMEU — Vid. Cardanus e Regiomontanus.
- REGIOMONTANUS (Iohannes) — *In Ptolemæi magnam compositionem, quam Almagestum vocant, libri tredecim*. Norimbergae, 1550. (Bibl. Univ., 4-22-50). Vid. Regiomonte, Monte regio e Künigspurger.
- REGIO MONTE — *Tabule Directionũ projectionũque famosissimi viri Magistri Joannis Hermanni de Regio monte in Nativitatibus multum utiles. Una cum Tabella sinus recti. Nuperrime emendate et complete...* luculentissime impressa, 1504. (Bibl. Nac. de Lx.<sup>a</sup>, Res. 1161, p.)
- Um exemplar, que pertenceu a Pedro Nunes, doutra edição. (Bibl. Nac. Incunábulo, 35).



- REGIO MONTE — *Clarissimi doctoris D. Joānis de mōteregio Germani Tabulae directionum...* Per egregium doctorem. d. Lucam Gauricum neapolitanum. Venetiis, 1524. (Bibl. Nac., R. 672 (preto).
- *Tabulae* (Sem frontespicio), 1558 à condito mundo, 5520. (Bibl. Univ., 4-22-1). Vid. Königsperger, Monte regio e Regiomontanus.
- RODRIGUES (Dr. J. J. Dantas Souto) — *Elementos de Cosmografia*, 3.<sup>a</sup> ed. Braga, 1924.
- SACROBOSCO — *Sphaera Ioannis de Sacrobosco emendata Eliae Vineti Santonis scholia in eandem Sphaeram ab ipso auctore restituta. Adjunctum huic libro compendium in Sphaeram per Pierium Valerianum Bellunensem et Petri Nonii Salaciensis demonstrationem eorum quae in extremo capite de climatibus Sacrobosco scribit de inaequali climatum lactitudine, eodem Vineto interprete.* Parisiis, 1572. (Bibl. Univ., Res. B. 13-2)
- *Sphaera Iohannis De Sacrobosco.* Antuerpiae, 1547 (Bibl. Univ., R. B. 33-23).
- SILVA (Dr. Luciano Pereira da) — *Astronomia dos Lusíadas* (Sep. da Rev. Univ., vols. 11, 111, 1V).
- *A concepção cosmológica nos «Lusíadas»* (Lusitânia, fasc. v-vi, 1921).
- *O astrólogo João Gil e o «Livro da Montaria»* (Lusitânia, fasc. 1 do vol. 11, Setembro de 1924).
- *A Arte de Navegar dos Portugueses desde o Infante a D. João de Castro* (Hist. da Colon. Port. do Brasil, vol. 1, cap. 11).
- *Duarte Pacheco Pereira, precursor de Cabral* (Hist. da Col. Port. do Brasil, vol 1, cap. 1V).
- *A «Regra Geral das Festas mudáveis» de Gonçalo de Trancoso* (Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra, volume VII, 1925).
- Segredos da Natureza.* (Sem frontespicio; 251 págs. + 6 de indice). Dividido em cinco tratados:
- Trattado Primeiro da Fysiognomica Natural do homem, conforme o methodo da Filosofia, & Medicina. Fysiognomia nam he outra cousa mais que hũa sciencia engenhosa, & artificiosa da natureza, pela qual se conhece o bom, ou mau temperamento, a virtude, ou vicio do homem pela parte, que he animal.* (Pág. 1).
- Trattado segundo das excellencias do alecrim, & sua qualidade.* (Pág. 14).
- Trattado terceiro das muytas, & muy grandes propriedades da agoa ardente.* (Pág. 34).
- Trattado quarto dos segredos da natureza, & maravilhosos effeytos delles.* (Pág. 45).
- Trattado V. e ultimo. Da Região elementar, & celeste, no qual se descrevem as naturas dos quatro elementos, & corpos celestes, & de muytos, & varios effectos, que causão. Vay dividida a materia em duas partes, a primeyra contem quatro Trattados dos quatro elemētos.*
- TEIXEIRA (Francisco Gomes) — *História das Matemáticas em Portugal.* Lisboa, 1934.
- TISSERAND (F. et H. Andoyer) — *Leçons de Cosmographie.* Armando Colin, Paris, 1912.



TORNAMIRA — *Chronographia y Repertorio de los Tiempos, a lo moderno, el qual trata varias y diversas cosas: de Cosmographia, Sphera, Theorica de Planetas, Philosophia, Computo y Astronomia, donde se conforma la Astrologia con la Medicina. Compuesto por Francisco Vicente de Tornamira, señor de Mora, natural de la ciudad de Tudela, del Reyno de Navarra. Con el Lunario... y con los Eclipses... con el pronostico dellos...* Pamplona. Thomas Porrallis de Savoya. M.D.LXXXV. (Bibl. Univ., 1-8-2-127).

VARRA — *Repertório del Mundo Particular delas Espheras del Cielo y Orbes elementales, y de las significaciones, y tiempos correspondientes a su luz, y mouimiento: con los eclipses y Lunario... añadido el Prognostico temporal, de las mudanças y passiones del Ayre. Compuesto por Bartholome Valentin de la Hera y de la Varra. M.D.LXXXIII.* (Bibl. Univ., 4-22-10).

VASCONCELLOS (Dr. António de) — *Inês de Castro*. Porto, 1928.

VASCONCELLOS (D. Carolina Michaëlis de) — *Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e cetraria*. (Sep. da «Rev. Lusitana», vol. XIII, n.ºs 3 e 4), 1910. Lisboa, Imp. Nac. 1911.

— *Notas Vicentinas. Preliminares de uma edição critica das Obras de Gil Vicente*. I — *Gil Vicente em Bruxelas ou o Jubileu de Amor*. (Sep. da Rev. da Universidade de Coimbra, vol. 1, n.º 2). Coimbra, Imp. da Univ., 1912.

— II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro*. (Sep. da Rev. da Univ. de Coimbra, vol. VI, n.ºs 3 e 4). Coimbra, Imp. da Univ., 1918.

— III — *Romance à morte del Rei Dom Manuel e à aclamação de Dom João Terceiro*. (Sep. da Rev. da Univ. de Coimbra, vol. VII, n.ºs 1-4). Coimbra, Imp. da Univ., 1918.

— IV — *Cultura intelectual e nobreza literária*. (Sep. da Rev. da Univ. de Coimbra, vol. IX). Coimbra, Imp. da Univ., 1922.

VASCONCELLOS (Dr. José Leite de) — *Opúsculos II*, 1.ª parte. Imp. Nacional, 1928.

— *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa, 1911.

VENTURA (Augusta Faria Gersão) — *Subsidios para o estudo da Flora Camoniense VII*, (sep. de *Biblos*, vol. XII). Coimbra, 1936.

— *Leitura dos grandes números*. (Sep. de *Petrus Nonius*). Coimbra, 1934.









## ERRATAS

Nas primeiras páginas deste trabalho passaram, nas citações, além de alguns erros de pontuação, os seguintes:

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
4	10	CCXLVIII	CCXLVIII v.
>	15	CCLVIII v.	CCLII v.
>	18	CCLVIII	CCLVIII v.
5	24	casaras	cazaras
>	25	arrepenteraz	arrepentiraz
>	28	CCXXVII v.	CCXXVIII
6	13	o que he	como he
>	19	CCLVI v.	CCLVII v.
>	20	CCLIII v.	CCLVII v.
>	23	12-13	13
>	24	CCVIII	CCVIII v.

Na pág. 5 acrescentar, a seguir a *Omen*:

Zeet zeberet zerregut zebet  
oo filui soter  
Rehe, zezegot relinzet  
oo filui soter  
.....

Prevenimos o leitor de que há os seguintes erros de numeração de fôlhas na edição facsimilada da de 1562<sup>1</sup>:

Numeração como deve ser:

LVIII  
LXXIX  
LXXXVI  
CXVII  
CXVIII  
CLXXXVII  
CXCVIII  
CCXVIII  
CCXLIII  
CCLVIII

Numeração marcada:

LVII  
LXXXIX  
LXXVII  
CVII  
CVIII  
CLXXXVIII  
CXCI  
CCXVII  
CCXLIII  
CCLV

---

<sup>1</sup> São desta edição as portadas escolhidas para capas das *Publicações Vicentinas de Biblos*.







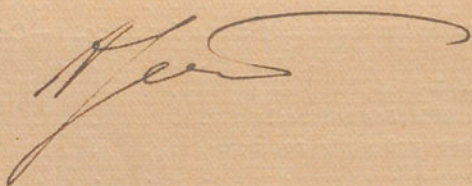
## ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

	Pág.
A Memória de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. . . . .	1
I — Astronomia e Astrologia . . . . .	1
II — As prosas de Mercúrio no Auto da Feira . . . . .	9
III — Regiomontano. . . . .	15
IV — A «Máquina» do Mundo. . . . .	25
V — O Tempo. . . . .	40
VI — Planetas e signos . . . . .	50
a) O Zodíaco . . . . .	50
b) Os sete céus . . . . .	55
c) Casas e detrimentos . . . . .	55
d) Gozos . . . . .	58
e) Exaltações e caídas. . . . .	58
f) Triplicidades . . . . .	67
g) Aspectos. . . . .	71
VII — As doze casas judiciárias. O Horóscopo . . . . .	77
VIII — Os Luminares: Sol e Lua . . . . .	87
IX — Vénus. . . . .	93
X — Mercúrio. . . . .	94
XI — Marte . . . . .	96
XII — Júpiter. . . . .	97
XIII — Saturno . . . . .	101
XIV — Um planeta de que a astrologia não faz menção — Cupido . . . . .	102
XV — A Fortuna . . . . .	104
XVI — As constelações . . . . .	105
a) Constelações zodiacais . . . . .	105
b) Constelações não zodiacais. . . . .	115
XVII — Os «círculos» . . . . .	120
XVIII — Os Pólos. . . . .	125
XIX — Os climas . . . . .	126
XX — A Astrologia e a Música. . . . .	130
XXI — A Astrologia e a Medicina . . . . .	131
a) Ciências auxiliares da Medicina . . . . .	131
b) As compleições . . . . .	134
c) Crise . . . . .	135
Bibliografia . . . . .	147
Erratas . . . . .	153



OS EXEMPLARES DÊSTE ESTUDO — ESCRITO  
(À PARTE ALGUMAS NOTAS DAS ÚLTIMAS  
PÁGINAS) EM 1936 E ACABADO DE IMPRI-  
MIR EM MAIO DE 1937 — SÃO TODOS NU-  
MERADOS E RUBRICADOS PELA AUTORA.

*N.º 26*







RÓ  
MU  
LO



\*1329652018\*

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centenário de Gil Vicente

**“PUBLICAÇÕES VICENTINAS”**

- N.º 1—Prof. Dr. Agostinho de Campos  
—*Gil Vicente: un précurseur des  
Lope de Vega et des Molière,*  
1 vol. . . . . 5\$00
- N.º 2—Prof. Dr. Alberto da Rocha Brito  
—*A «Farsa dos Físicos» de Gil  
Vicente vista por um médico,*  
1 vol. . . . . 10\$00
- N.º 3—(No prelo). D. Augusta Gersão  
Ventura — *Estudos Vicentinos;*  
*I—Astronomia-Astrologia,* 1 vol.
- ♦ ♦ ♦
- EM PREPARAÇÃO, entre outras:**
- Prof. Dr. A. de Amorim Girão—*A corogra-  
fia portuguesa nas obras de Gil  
Vicente.*
- A. Moreira da Rocha—*Expressões ma-  
rianas na obra de Gil Vicente.*
- Dr. Joseph Piel—*Notas explicativas  
e etimológicas sobre alguns passos  
da obra de Gil Vicente.*
- Prof. Dr. Ferrand P. d'Almeida—*As paí-  
sagens de Gil Vicente. O sentimento  
da natureza nas obras do drama-  
turgo português.*
- Dr. Albin Beau—*A estrutura dramática  
no teatro vicentino.*
- Prof. Dr. C. Simões Ventura—*Contribui-  
ções para uma edição definitiva  
do «Auto da Festa».*

♦ ♦ ♦ ♦

**A aquisição destas obras pode ser feita nas Livrarias  
e na Administração de “Biblos” Faculdade de Letras — COIMBRA**

# Biblos

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

Condições de assinatura:

Série de 4 fascículos:

Portugal . . . . .	60\$00
Províncias ultramarinas. . . . .	70\$00
Brasil . . . . .	80\$00
Estrangeiro . . . . .	£ 1
Número avulso . . . . .	18\$00

Dirigir toda a correspondência  
ao Prof. Dr. Ferrand P. d'Almeida  
Direcção de “BIBLOS”  
Faculdade de Letras — COIMBRA